



UFPI - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRPPG - PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CCHL - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA, CIDADE, MEMÓRIA E TRABALHO

TALITA KAMACHE RODRIGUES DE LIMA

**SAÚDE E PROGRESSO: O DISCURSO DA IMPRENSA TERESINENSE SOBRE A
SAÚDE PÚBLICA E MODERNIZAÇÃO DA CIDADE (1971-1975)**

Teresina
2015

TALITA KAMACHE RODRIGUES DE LIMA

**SAÚDE E PROGRESSO: O DISCURSO DA IMPRENSA TERESINENSE SOBRE A
SAÚDE PÚBLICA E MODERNIZAÇÃO DA CIDADE (1971-1975)**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Professor Doutor Francisco Alcides do Nascimento.

Teresina
2015

Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

L732s Lima, Talita Kamache Rodrigues de.
Saúde e Progresso : o discurso da imprensa teresinense sobre a
saúde pública e modernização da cidade (1971-1975) / Talita
Kamache Rodrigues de Lima. – 2015.
145 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do
Piauí, Teresina, 2015.
“Orientação: Prof. Pós Doutor. Francisco Alcides do Nascimento”.

1. História - Teresina. 2. Modernização. 3. Saúde Pública. 4.
Imprensa - História - Teresina. I. Título.

CDD 981.22

TALITA KAMACHE RODRIGUES DE LIMA

**SAÚDE E PROGRESSO: O DISCURSO DA IMPRENSA TERESINENSE SOBRE A
SAÚDE PÚBLICA E MODERNIZAÇÃO DA CIDADE (1971-1975)**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Professor Doutor Francisco Alcides do Nascimento.

Aprovada em: 13/03/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Doutor Francisco Alcides do Nascimento (Orientador)
Universidade Federal do Piauí

Prof^a. Dr^a. Cláudia Cristina da Silva Fontineles
Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Pablo Francisco de Andrade Porfírio
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Manoel Ricardo Arraes (suplente)
Universidade Federal do Piauí

Aos meus pais e irmã. Ao meu
esposo e filho. Com todo meu
esforço e amor.

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento de tomar um fôlego e agradecer àqueles que contribuíram para a construção e conclusão de mais esse sonho. Um sonho árduo e que para mim, por um momento, parecia ser impossível, tendo que ser mãe, esposa, filha, cumprir minhas obrigações no trabalho e ainda levar a rotina de um programa de mestrado. Tantos percalços no caminho acabaram por me fazer sentir orgulhosa de mim, e perceber que sou mais forte do que imaginei, entretanto não conseguiria sozinha.

O primeiro e mais sincero agradecimento, acompanhado de honra e glória é para o Senhor meu **Deus**, pois foi ele que sempre me deu forças todos os dias de minha vida para seguir em frente e nunca desistir. Sempre soube, assim como em sua promessa, que o Senhor é comigo.

Abaixo de Deus, os meus senhores na terra, meus pais, **Antonia** e **Joaquim** que sempre me prestaram todo o seu apoio e dedicação. Agradecer pelos dias e noites que cuidaram do Sávio para que eu pudesse assistir aula, estudar e trabalhar, auxiliando-me em uma das tarefas mais difíceis: ser mãe. Aos dois, meu simples e verdadeiro “amo vocês.” Minha irmã **Thaís**, que também me auxiliou nessa tarefa de ser mãe, dedicando todo o seu amor de tia para que Sávio não se sentisse sozinho ou desamparado.

Agradeço com todo amor, meu esposo **Carlos David** que sempre me prestou apoio, força e incentivo para o início e conclusão do mestrado. Agradecer a ele por sempre me compreender, compreender minhas ausências, meus momentos de stress, por se tornar meu porto seguro desde 2008. Meu amor, muito obrigada por muitas vezes ter me auxiliado e resolvido coisas que me pareciam impossíveis, por entender e amenizar o meu cansaço e sempre se mostrar disponível a me ajudar. Obrigada pelos carinhos e afagos que muitas vezes foram fundamentais para continuar nessa caminhada. E junto do pai agradeço ao filho, meu príncipe **Sávio David**, que sempre me deu seu amor e seu carinho de criança me fazendo ser uma pessoa melhor. Te amo filho.

Agradecer às minhas amigas que desde a graduação vêm fazendo parte da minha vida, **Karlene Sayanne** e **Bárbara Bruma**, amigas que sempre me compreenderam e nunca deixaram as dificuldades e percalços da vida nos afastar, e para continuar a história fizemos parte da mesma turma de mestrado, a turma 10. Turma essa que preciso agradecer pelo acolhimento e momentos de diversão, que tornaram essa caminhada mais agradável, obrigada turma 10 pelas confraternizações. Em nome de **Amanda Rocha**, **Paula Olímpio**, **Laura**

Brandão, Daniele Santos, Ramsés Eduardo, Luís Felipe, Márcio Araújo, José Maurício, Natália Maria e Mônica Valéria agradeço a turma 10.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI por oferecer a qualificação, agradeço aos professores **Edwar de Alencar Castelo Branco, Solimar Oliveira e Francisco Alcides do Nascimento** pelas disciplinas ministradas. Ao professor Alcides em especial pela orientação, por ter me aceitado e escolhido enquanto orientanda. À professora **Cláudia Fonteneles e Ricardo Arraes** por terem participado da minha banca de qualificação e terem contribuído significativamente para a conclusão desse trabalho. E completando o rol dos professores agradeço à Professora **Lúcia Rosa** do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas que ofertou e ministrou uma disciplina bem elucidativa para meu projeto de dissertação, políticas públicas de saúde.

Agradeço a **Karla Sâmea**, amiga de infância e competente professora da língua inglesa que gentilmente produziu o abstract desse trabalho. Enfim, agradeço aos amigos e familiares que de alguma maneira contribuíram para a constituição do meu sonho. A todos meu muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso da imprensa escrita teresinense nos anos de 1971 a 1975, período em que o Piauí era governado por Alberto Silva e Teresina administrada por Joel Ribeiro. Ambos os administradores foram fundamentais para as transformações que a cidade sofreu no período já citado. A capital piauiense passa por intensas transformações nos seus aspectos físicos, sociais e morais, e dentro dos aspectos sociais, a saúde pública, em seu contexto mais amplo, foi fundamental para dar êxito ao processo e o desejo de modernização. O Piauí passa a ter uma mudança significativa em sua economia como reflexo do “milagre econômico”. Neste sentido, consideramos a saúde e higiene da população como um fator que as elites econômica e intelectual da cidade consideravam como principal para o projeto que estava em curso. Analisamos e consideramos o papel do discurso dos jornais sobre a questão saúde pública para o desenvolvimento exitoso desse processo. Utilizamos como fontes de pesquisa os jornais O Dia, A Hora e o Jornal do Piauí, fontes orais através da metodologia da história oral e ainda as mensagens de governo à Assembleia Legislativa.

Palavras-chave: Modernização. Saúde Pública. Jornais. Teresina.

ABSTRACT

This work aims to analyze the discourse of the press from Teresina from 1971 to 1975, during which Piauí was governed by Alberto Silva, and Teresina was administered by Joel Ribeiro. Both directors were fundamental to the changes that the city suffered in this period. The capital of Piauí goes through intense changes on its physical, social and moral aspects, and into the social aspects, public health, in its broadest context, was important to give success to the process and the desire for modernization. Piauí is replaced by a significant change in its economy as a result of the "economic miracle." We consider the health and hygiene of the population as a factor that the economic and intellectual elites of the city considered as the main factor for the project that was in progress. We analyze and consider the role of newspaper's speeches on public health issue for the successful development of this process. We used as source the newspaper "O Dia", "A Hora" and the "Jornal do Piauí", oral sources through the methodology of oral history and even messages from government to the Legislative Assembly.

Keywords: Modernization. Public Health. Newspapers. Teresina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 1 Evolução da mancha urbana de Teresina na década de 1960.....	37
MAPA 2 Evolução da mancha urbana de Teresina na década de 1970.....	37
FIGURA 01 Construção Civil	42
FIGURA 02 Novo Piauí.	43
FIGURA 03 Título de matéria de primeira capa sobre saúde e progresso.	66
FIGURA 04 Matéria sobre relação entre saúde e progresso.	66
FIGURA 05 Propaganda de caderneta de poupança, sobre vacinação infantil	69
FIGURA 06 Nota em comemoração ao dia do médico.....	70
FIGURA 07 A cidade está doente: a culpa é dos problemas.....	73
FIGURA 08 Limpeza das ruas do centro da cidade.	74
FIGURA 09 Aquisição de novos caminhões para coletar o lixo da cidade.....	75
FIGURA 10 Limpeza da cidade tem mais 30 homens.	75
FIGURA 11 Crianças em banho de lama.	77
FIGURA 12 Sujeira no centro da cidade tem até porco.	78
FIGURA 13 Carroças no centro da cidade.	78
FIGURA 14 Leprosos e epiléticos nas ruas de Teresina	79
FIGURA 15 Loucos em Teresina, problema ainda sem solução	79
FIGURA 16 Mendigos: um problema social.....	80
FIGURA 17 Restaurantes e merendeiras imundas vão ser fechadas.....	83
FIGURA 18 Aqui se vende até a sujeira.	84
FIGURA 19 Praia, doce praia!.....	85
FIGURA 20 Praia, doce praia!... ..	85
FIGURA 21 Praia, doce praia!... ..	85
FIGURA 22 Pescaria mais fácil na boca de esgotos.	86
FIGURA 23 Não tem posto médico. Falta água. A difícil vida dos bairros de Teresina.	87

FIGURA 24 População consome água poluída de poços.....	87
FIGURA 25 O povo bebendo lama.	88
FIGURA 26 Lagoas imundas ameaçam saúde e matam crianças.	90
FIGURA 27 Cidade está ameaçada pelas águas servidas.....	90
FIGURA 28 Fiscalização do leite in-natura é com ministério.	92
FIGURA 29 Leiteiros sem vez.	93
FIGURA 30 Aqui tem de tudo. Frutas, legumes e falta de higiene.....	94
FIGURA 31 Aqui tem de tudo. Frutas, legumes e falta de higiene.....	94
FIGURA 32 Tuberculose mata 25 em Teresina	106
FIGURA 33 Cem novos tuberculosos surgem por mês no Piauí	108
FIGURA 34 Não dê chance à paralisia e vacine o seu filho.	114
FIGURA 35 Propaganda de caderneta de poupança, sobre vacinação infantil.....	114
FIGURA 36 Veja onde e por que vacinar seu filho contra poliomielite	115
FIGURA 37 Secretaria de Saúde.....	119
FIGURA 38 Foto da maquete do Hospital Getúlio Vargas após reforma.....	120
FIGURA 39 Sala de recém-nascidos na Maternidade São Vicente	124
FIGURA 40 Demonstração do uso do aparelho recém-adquirido.....	124
FIGURA 41 Filas no para o ambulatório do Hospital Getúlio Vargas	126
FIGURA 42 Saúde terá mais de 900 milhões para assistência médica.	128

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 Taxa média Anual de crescimento do PIB Real do Brasil e Região Nordeste.....	25
TABELA 2 Brasil e Nordeste: Taxas de Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) nas Décadas Recentes	27
TABELA 3 Total da população urbana e rural por grandes regiões do Brasil.....	35
TABELA 4 Total de imigrantes e emigrantes no Piauí	35
TABELA 5 Histórico do orçamento da saúde no Brasil (1964-1974.....	55
TABELA 6 Estatísticas dos atendimentos registrados no ano de 1974 pelo Hospital de Doenças Infecto-contagiosas em Teresina	56
TABELA 7 A receita do INPS: principais receitas correntes - 1967 a 1976 (% receita total)	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 TERESINA VIVE O PROGRESSO: modernização teresinense, “saudável”?	25
1.1 ENTRE ENGENHEIROS: Alberto Silva X Joel Ribeiro.	39
1.1.1 “Homem Fáustico”, “Homem Moderno”: Alberto Silva e a Cidade Teresina	39
1.1.2 “Modesto”, porém firme: o prefeito Joel Ribeiro e a administração de Teresina	44
1.2 A SAÚDE PÚBLICA SOB TENSÃO: O CONTEXTO SAUDÁVEL OU NÃO- SAUDÁVEL DO BRASIL	49
2 MUDAR PARA CRESCER: O DISCURSO MÉDICO-SANITARISTA NA IMPrensa DE TERESINA ENTRE 1971 E 1975	60
2.1 PALAVRAS QUE FORMAM UM DISCURSO: O DISCURSO DOS JORNAIS SOBRE A SAÚDE PÚBLICA TERESINENSE.....	71
2.1.1 Os indesejáveis na cidade: lixo, mendigos, loucos e doentes.....	82
2.1.2 O essencial para viver deve ser bem cuidado: a preocupação com a água, a sujeira nos mercados e nos alimentos	98
3 ENTRE A DOENÇA E A SAÚDE: OS INVESTIMENTOS EM SAÚDE PÚBLICA E A ASSISTÊNCIA À SAÚDE EM TERESINA	99
3.1 DOENÇA É PARA POBRE: A SAÚDE PÚBLICA E O COMBATE ÀS DOENÇAS DA POBREZA	117
3.2 “UM POVO SADIO PARA DESENVOLVER-SE”: A REDE E OS INVESTIMENTOS PÚBLICOS EM SAÚDE.....	132
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135

INTRODUÇÃO

Em meados de 1973 uma epidemia de meningite começava a se alastrar pelo país. Que país é este? Esse país é o Brasil, que estava vivendo um período onde a repressão castigou sua população de maneira intensa. À época, o país era administrado por governantes militares, que implantaram uma ditadura civil-militar e tentavam se legitimar através de um discurso pautado na predestinação da nação ao desenvolvimento e ao progresso. Uma epidemia de uma doença tão grave quanto à meningite não poderia atrasar o estágio que se almejava alcançar, uma epidemia não poderia, tampouco, causar pânico na população e impedir que ela estivesse sadia e pronta para garantir e usufruir o desenvolvimento esperado.

Direcionando o olhar, temos como objeto de estudo desta dissertação o discurso da imprensa escrita teresinense sobre a saúde pública e o projeto de modernização da cidade. Entendemos como discurso da imprensa o conjunto de reportagens que trata da saúde pública e ainda de sua relação com o projeto modernizador de Teresina, consideramos ainda que este discurso é pautado pelo intuito de difundir um novo projeto de cidade e de Estado, que estivesse em consonância com o resto do País.

Tomamos como vetor de difusão do projeto modernizador, a imprensa, e como parte desse projeto, consideramos a saúde pública como ponto fundamental, tendo em vista que era necessário um povo sadio para o desenvolvimento do Estado, e a capital era o primeiro palco desse projeto. Faziam-se necessárias pessoas que soubessem viver adequadamente na nova cidade, era um discurso baseado em teses como as que basearam a construção da frase da bandeira do nacional, “Ordem e Progresso”, agora o discurso era saúde para o progresso, pois não se constrói um Estado desenvolvido e promissor com um povo doente, que representa perigo à ordem e a saúde pública. Esse discurso de ordem para atingir o progresso iniciou-se ainda na Primeira República, com a influência de Auguste Comte aos intelectuais e políticos brasileiros, e ainda nos anos 60 quando do golpe civil-militar podemos encontrar uma certa influência das ideias deste intelectual, entretanto não podemos aliar a ele os atos cometidos após o golpe.

Dessa forma, a sociedade teresinense foi sendo moldada com discursos de higienização, medicalização, saúde, progresso, desenvolvimento, modernização, discursos que foram sendo incutidos no imaginário coletivo, principalmente por meio da imprensa escrita local.

À medida que encontramos reportagens apontando deficiências na limpeza e higiene públicas, desqualificando ou qualificando os serviços de saúde, encontramos também serviços de grande utilidade pública, como convocações da população para as campanhas de vacinação

em massa, que ainda faziam parte da forma de fazer saúde pública no Brasil à época, contribuindo assim com a administração pública, mostrando-se, como nos coloca Jürgen Habermas¹, “uma empresa a serviço da máquina pública”. Habermas nos mostra como a imprensa passa de um serviço meramente informativo, artesanal e feito por pessoas privadas a uma instituição pública, que se coloca a serviço do Estado.

Nesse sentido a imprensa trabalha para o Estado quando lhe convém, assim sendo consumida por este, se adequando a ordem capitalista, e promovendo o que há de mais fundamental em seu papel desde que se tornou uma instituição, formar a opinião pública, ponto fundamental utilizado como articulação política pelos governantes. O período que estamos trabalhando foi profundamente marcado pelo intuito propagador e formador de uma opinião pública, nesse sentido a imprensa trabalha para legitimar uma forma de governo, e a propaganda se torna “a alma do negócio”, em todos os setores da máquina administrativa. Fazer imprensa nesse período, no Brasil, era se submeter ao crivo da censura, e assim, na maioria das vezes, engessar a propaganda do governo.

A pesquisa sobre saúde pública em Teresina na década de 1970 teve início ainda na graduação, onde fizemos parte de um projeto de pesquisa financiado pelo *PIBIC-CNPq*, denominado de “*Os sentimentos e (re)sentimento dos pobres urbanos em Teresina na década de 1970 do século XX*”, orientado pelo Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento. Desenvolvemos então o projeto “*Os processos de medicalização dos pobres urbanos e a modernização da cidade de Teresina na década de 1970*”, onde procuramos entender os processos de medicalização dos pobres e a relação com a modernização da cidade, algo ainda preliminar.

Para aprofundarmos mais essa relação, desenvolvemos a monografia de final de curso intitulada, “*Mais saúde para o progresso*”: *as políticas públicas de saúde e higiene em Teresina e a modernização da cidade (1971-1975)*, nesse trabalho aprofundamos o olhar sobre as políticas públicas de saúde para os pobres urbanos e como isso contribuiu para o progresso e desenvolvimento da cidade. Portanto, essas indicações já mostram uma maior aproximação com a temática de saúde pública e a modernização da capital teresinense, e os diversos olhares que se abrem para essa questão.

¹JÜRGEN, Habermas. Mudança de função política da esfera pública In: **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Trad. de Fábio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

O período recortado pela pesquisa são os anos de 1971 a 1975, anos em que o estado do Piauí era governado pelo Engenheiro Alberto Tavares Silva², e a capital do estado era administrada pelo Engenheiro militar reformado Joel da Silva Ribeiro³. Em termos de economia são anos marcados por reflexos do “milagre econômico brasileiro”, expressão que passou a ser usada na década de 70 como sinônimo de boom econômico que vinha sendo observado desde 1970. Reduzir a distância que separava o Brasil dos países desenvolvidos era o principal problema do governo, e esta problemática foi sendo repassada para os estados, e o Piauí passou a se identificar com ela, alimentando o desejo de diminuir a distância em termos econômicos e culturais, em relação aos outros estados da federação que eram considerados ricos e desenvolvidos.

Para tanto era divulgada uma falsa imagem de desenvolvimento e melhorias trazidas pelo milagre, tendo em vista que o Brasil crescia, mas o que se tornava um ponto fraco da política econômica do governo é que os resultados desse milagre não eram divididos de maneira equitativa, criando assim, bolsões de miséria que o censo de 1970, vinha a divulgar.

O milagre econômico foi produto de uma confluência histórica, em que condições externas favoráveis reforçaram espaços de crescimento abertos pelas reformas conservadoras no governo Castelo Branco. Mas foram, a ideia de legitimação pela eficácia, concepção positivista que permeava o imaginário dos militares e seus aliados, e, ainda, o nacionalismo das Forças Armadas brasileiras que fizeram inevitável a opção pelo crescimento, em lugar da construção de uma ordem liberal, como fazia a vizinha Argentina. Por outro lado, esta necessidade de crescimento não encontrava limites em preocupações com questões como equidade, ou melhoria das condições de vida da população, a não ser quando isso afetava a segurança do regime.⁴

Dessa forma, o milagre econômico, da elite econômica brasileira resultou no aumento das disparidades sociais, na aceleração do processo de favelização nas grandes cidades, representando assim um “não-milagre” para as camadas mais baixas da sociedade, constituindo

²Alberto Tavares Silva nasceu em Parnaíba em 10 de novembro de 1918 e morreu em Brasília no dia 28 de setembro de 2009. Foi engenheiro civil, engenheiro eletricitista, engenheiro mecânico e político brasileiro filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Governou o Piauí por duas vezes. Presidente do diretório regional do PMDB no estado, desempenhou uma atividade política de mais de seis décadas, tendo falecido no exercício de seu segundo mandato de deputado federal vítima de insuficiência respiratória.

³ Joel da Silva Ribeiro, nascido em Porto Alegre do Piauí, no ano de 1927. Engenheiro militar reformado do exército brasileiro, foi prefeito de Teresina apenas uma vez, nos anos de 1971 a 1975, não fazia parte da base aliada de Alberto Silva, então governador do estado.

⁴ EARP, Fábio Sá; PRADO, Luiz Carlos Delorme. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 234.

um mito criado pelo regime militar, de que o Brasil estava predestinado a crescer e nada poderia barrar esse destino.

Nesse período há um intenso processo migratório do campo para a cidade, das áreas pobres para as áreas ricas, transformando o Brasil, de fato em uma sociedade urbana.

Segundo o censo demográfico de 70 realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a população urbana piauiense salta no ano de 1950 de 170.584 habitantes para, no ano de 1970, 536.612 habitantes, onde encontramos uma taxa de crescimento demográfico no último de 6,51%. O crescimento populacional nos mostra que as cidades “incharam” e com isso não conseguiram absorver todas as pessoas que estavam chegando diariamente, assim os problemas começam a surgir, os equipamentos urbanos passam a não dar conta da demanda. Faltava moradia, faltava abastecimento de água e energia elétrica, saneamento básico, saúde, emprego, e todos esses problemas começam a ser reprimidos pelo regime, a serem maquiados pelos articulistas governamentais, o que aumenta as disparidades sociais do país.

[...] O espaço urbano deixou assim de se restringir a um conjunto denso e definido de edificações para significar, de maneira mais ampla, a predominância da cidade sobre o campo. Periferias, subúrbios, distritos industriais, estradas e vias expressas recobrem e absorvem zonas agrícolas um movimento incessante de urbanização. No limite, este movimento tende a devorar todo o espaço, transformando em urbana a sociedade como um todo.⁵

Tendo em vista que as cidades passaram a ser um dos principais focos de atuação dos administradores militares, estas se transformaram em grandes ímãs⁶ que atraíam por serem centros comerciais, atraíam porque eram pólos de saúde, atraíam porque prometiam uma nova vida, prometiam apenas, porque na maioria das vezes não passava de propaganda, de fachada, de maquiagem. A cidade que cria desejos, palco de manifestação dos desejos, palco de transformações, será trabalhada por nós, assim como por Sandra Jatahy Pesavento:

Resgatar a cidade como real através da “leitura da cidade”, ou de suas representações. Entender a questão deste modo não é submetê-la a um mero jogo de palavras, mas sim partir do pressuposto de que as representações são parte integrante também daquilo que chamamos realidade.⁷

⁵ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 12.

⁶ Sobre o assunto, ver: ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 13.

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma História Cultural do urbano. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 270-290.

Dessa forma, a cidade será lida por nós por meio de uma das suas sete portas de entrada, teorizadas por Maria Stella Bresciani, a porta do sanitarismo, a primeira porta de leitura da cidade, aquela que aborda os saberes médicos e a engenharia.

A ideia Sanitária nasce [...] com a sugestão de que se atingiria a mente e a formação moral do homem por meio da modificação do ambiente e, em decorrência, do corpo e do comportamento das pessoas. Estrutura-se o sanitarismo sobre os saberes médicos e da engenharia, tendo em vista, porém, a preocupação filantrópica com a moralidade dos pobres: entre os objetivos de melhorar as condições de vida urbana esteve sempre o de civilizar seres semi-bárbaros.⁸

É através dessa missão civilizatória que se pretendia alcançar o progresso no Brasil, na década de 1970. A ideia sanitária intervém na cidade, modificando espaços, construindo outros, ressignificando sociabilidades, com o objetivo primeiro de atingir o corpo dos usuários da urbe, discipliná-los para que possam contribuir com o desenvolvimento e com o progresso. Esse processo de intervenção na higiene e na saúde da população fazia parte do processo de modernização que visava elevar as condições da vida urbana. O Piauí, em especial Teresina, entra no eixo dessas abordagens, a modernização da capital piauiense seguiu o fio condutor do projeto maior dos governos militares, a mesma forma de pensar modernização e progresso. Tomando como base nossa análise sobre esse processo de modernização entendemos este termo como:

[...] correspondendo aos processos sociais que dão vida à experiência de transformação permanente que marcou a modernidade e que incluiu as descobertas nas ciências físicas, a industrialização, a aceleração do ritmo de vida, as novas formas de lutas de classes, a explosão demográfica e urbana, a expansão dos sistemas de comunicação de massa, o fortalecimento dos Estados nacionais, os movimentos de massas e o mercado capitalista em expansão.⁹

Essa verdadeira revolução no rumo da história, esse processo que se mostra ao mundo como uma eterna contradição, como um eterno desejo, sonho e que quando se pensa estar próximo da realização, desfaz-se no ar, como fumaça.

⁸ BRESCIANI, Maria Stella. **As sete portas da cidade**. Espaço e Debate. São Paulo, NERU, n. 34, 1991. p. 10 *apud* NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Sentimento e Ressentimentos em cidades brasileira. Teresina: EDUFPI; Imepretriz: ética, 2010, p.185.

⁹ BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 24-25.

A pesquisa será exposta em três capítulos, pois acreditamos que as respostas procuradas serão suficientemente explanadas dessa forma. O problema que pretendemos responder com a pesquisa é de que forma o discurso da imprensa sobre a saúde pública em Teresina influenciou e foi parte integrante do processo modernizador? Problematizaremos as questões relativas à saúde pública¹⁰ de Teresina, de maneira a deixar o leitor mais ciente do que entendemos por saúde pública, teorizaremos sobre cidade, a relevância e pertinência do trabalho para a historiografia piauiense e brasileira, pretendemos com o trabalho colocar o Piauí no eixo das discussões relativas à saúde pública na historiografia brasileira.

A tese defendida foi sendo construída a partir das perguntas norteadoras da pesquisa: como se deu o processo modernizador em Teresina (1971-1975)? Porque a saúde pública se tornou fator importante para que esse processo modernizador tivesse êxito? A melhoria na saúde pública era importante porque serviria aos pobres urbanos, ou porque serviria ao projeto maior, a modernização? Existiu o intuito de disciplinar as pessoas de baixa renda, no que diz respeito a seus modos de vida? Essas questões nos ajudaram a problematizar cada capítulo, considerando a necessidade de se responder a cada uma delas para dar um bom seguimento ao trabalho.

Faz-se mister informar quem são os pobres urbanos considerados na pesquisa, tendo em vista que esta é uma categoria bem ampla. Tomamos como base o censo demográfico da década de 1970 realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), consideramos o seguinte item pesquisado pelo Instituto: os domicílios particulares, por instalação e utilidades existentes. Assim, os pobres urbanos da pesquisa são homens e mulheres que viviam em domicílios com condições precárias de abastecimento d'água, iluminação elétrica, instalações sanitárias, e que não possuíam determinados utensílios domésticos, como fogão, rádio, geladeira, televisão e automóvel.

É necessário deixar claro os objetivos do trabalho, pois estes justificam a utilização da metodologia escolhida e dos teóricos envolvidos. Os objetivos são: analisar os discursos dos jornais escritos da cidade, sobre a saúde pública em Teresina; Analisar como as políticas públicas de saúde foram implementadas pela administração estadual e de que forma foram representadas pelos jornais no recorte proposto pela pesquisa; refletir sobre a influência dos jornais no processo de modernização de Teresina, tendo como foco central a saúde pública;

¹⁰A saúde pública centra sua ação a partir da ótica do Estado com os interesses que ele representa nas distintas formas de organização social e política das populações. Na concepção mais tradicional, é a aplicação de conhecimentos (médicos ou não), com o objetivo de organizar sistemas e serviços de saúde, atuar em fatores condicionantes e determinantes do processo saúde-doença controlando a incidência de doenças nas populações através de ações de vigilância e intervenções governamentais.

analisar a memória dos atores sociais que definiram as políticas públicas de saúde e dos receptores dela.

O primeiro capítulo desta dissertação procura fazer um trabalho inerente ao ofício do historiador, contextualizar o período histórico do trabalho, portanto, localizamos politicamente, economicamente, socialmente, os anos de 1971 a 1975. Procuramos apresentar ao leitor os administradores do período e parte de seus feitos para a cidade de Teresina, apresentamos Alberto Silva, governador e Joel Ribeiro, prefeito. Com o intuito de responder a questão norteadora do capítulo - qual a relação da forma de fazer saúde pública no Brasil e o momento de modernização? – fazemos o percurso da forma de fazer saúde pública na década de 1970, no Brasil, ideologias e sua relação com a ideologia do governo militar.

Para construir o capítulo, utilizamos como fonte para a pesquisa os jornais *O Dia*, *Jornal do Piauí* e *Jornal A Hora*, jornais que trabalham analisando o discurso destes jornais sobre algumas questões levantadas no capítulo, relacionadas à imagem dos dois administradores. Utilizamos as mensagens de governo à Assembleia Legislativa para conhecer melhor o andamento das interferências e investimentos do Estado, na modernização da capital e na saúde pública, ainda dados do censo demográfico de 1970, e ainda entrevistas de história oral. Trabalhamos com autores como, Marshall Berman, Sandra Jatahy Pesavento, Francisco Alcides do Nascimento, Regianny Lima Monte, Cláudia Fonteneles, Maurice Halbwachs, Francisco Vidal Luna, Herbert S. Klein, José de Assunção Barros, pois estas tratam da modernização, o contexto do regime militar, teorizar sobre cidade, memória, entre outros.

Francisco Alcides do Nascimento nos apresenta a capital do Piauí em dois momentos, o primeiro nos anos equivalentes ao estado Novo, anos em que Teresina passa um processo modernizador mais perceptível, e nos mostra o quanto esse processo foi autoritário e excludente¹¹, assim como Regianny Lima Monte que nos mostra a face da pobreza desse processo modernizador, a maneira como as pessoas mais pobres da cidade foram afetadas pela modernização.¹² Nascimento também mostra a capital por um ângulo mais apurado ou mais elitizado o olhar dos cronistas, observadores atentos da cena urbana.¹³ E ainda Cláudia Fonteneles que através da imagem de Alberto Silva, governador do Piauí por dois mandatos não

¹¹Sobre o assunto, ver: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

¹²Sobre o assunto, ver: MONTE, Regianny Lima. **A cidade esquecida**: (res)sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

¹³NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970 In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH, vol. 27, n.53, jan.-jun., 2007.

consecutivos nos mostra uma Teresina que sofreu diversas intervenções sob os olhos e as mãos de um governante que mais parecia prefeito, um governante astuto, fáustico e sonhador.

Para darmos direcionamento ao segundo capítulo, tivemos como questão norteadora, compreender os discursos dos jornais, sobre a saúde pública em Teresina, e de que maneira as políticas públicas de saúde foram implementadas e representadas pelos jornais supracitados, serão as questões norteadoras do segundo capítulo do trabalho. A leitura e análise dos jornais foi realizada, neste capítulo e nos demais, tendo sempre em vista os pressupostos de análise de autores como, a já referida Regianny Lima Monte, a qual adverte quanto aos riscos de uma leitura inocente das fontes jornalísticas e aponta a necessidade de atentar para o papel político e a inserção social da imprensa em cada contexto histórico.

Trabalhamos também como Tânia Regina de Luca¹⁴, autora que trabalha principalmente com a imprensa enquanto fonte para a história. Assim, analisamos os discursos impressos nos jornais conscientes de que:

[...] a notícia é fruto de um processo de fabricação, no qual utiliza-se do instrumento da manipulação de interesses, interferindo na vida social, ao passo que é uma formadora de opinião pública. Cabe ao historiador emergir nesse processo de fabricação, identificar seus produtores, bem como as relações que estabeleciam em seu meio, num diálogo entre as múltiplas personagens que atuaram direta ou indiretamente na imprensa.¹⁵

Nesse sentido, o capítulo é bem mais norteado pela análise da documentação, para tanto as referências bibliográficas são relacionadas à análise de fontes jornalísticas. O que notamos é a preocupação com o ordenamento das pessoas para a utilização dos espaços públicos de sociabilidades ou não da cidade. A necessidade que se tinha de ter pessoas saudáveis e bem higienizadas para fazerem uso da urbe, para tanto autores como Sidney Chalhoub¹⁶ e Jurandir Freire Costa¹⁷, que trabalham com as questões relativas ao disciplinamento dos corpos, do *modus vivendi*, enfim, autores que nos mostram metodologicamente a maneira como se faz esse tipo de pesquisa, e até mesmo como se escreve trabalhos relacionados à saúde pública.

¹⁴PINSKY, Carla Bassanezi (Org). Fontes Históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

¹⁵MONTE, Regianny Lima. **Teresina dos anos dourados aos anos de chumbo**: o processo de modernização e a intervenção do Estado autoritário. Relatório do Projeto de Iniciação Científica PIBIC-CNPQ (2006-2007) sob a orientação do prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento. Teresina, ago. 2007.

¹⁶ CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁷ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

Ainda tendo como referência Sidney Chalhoub e Maria Stella Bresciani¹⁸, analisamos a situação das pessoas de baixa renda em Teresina, considerando-os como “classes perigosas”, termo que foi utilizado pelos dois autores para caracterizar as pessoas que viviam em situações precárias, ou que não possuíam um trabalho reconhecido pela sociedade. Estas ofereciam riscos à sociedade, pois devido às condições em que viviam eram vetores de transmissão de doenças, disseminação de maus hábitos, maus costumes, e mais perigosos ainda por poderem fazer a revolta político-econômica.

Apoiando-nos em Michel Foucault analisaremos a forma como aconteceram algumas das relações de poder no período, tendo como vetor a saúde pública, sejam elas entre imprensa e Estado, sejam entre Estado e população, sejam entre imprensa e população. Tendo em vista que:

[...] os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa [...] Poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado, os que detêm o poder e de outro aqueles que se encontram alijados dele. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder.¹⁹

Outra temática abordada no capítulo é o papel da imprensa enquanto formadora e disseminadora de um discurso, tendo em vista que a imprensa foi o maior meio de transmissão do ideal de modernização em Teresina, e se tornou uma vitrine, no que diz respeito à saúde pública. A discussão a respeito do tema nos remete a Jürgen Habermas quando este atravessa os anos nos mostrando o quanto a imprensa se tornou uma empresa privada a serviço público, formadora da opinião pública, vitrine de exposição, empresa que passou a objetivar lucro e prestígio, construindo imagens de personalidades, ou construindo notícias, visando engrandecer-se e/ou engrandecer um fato, uma personalidade, um governo, uma ideologia.

Dessa forma, seguindo esse referencial teórico básico, partimos para a análise das fontes, que nos dão a noção do objeto de estudo. Para tratarmos da segunda problemática do capítulo, a noção de representação dos jornais, tomamos como aporte teórico Roger Chartier, quando este nos informa que:

¹⁸ BRESCIANI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

¹⁹ MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

[...] não existe história possível se não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação. Ou seja, qualquer fonte documental que for mobilizada para qualquer tipo de história nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que designa. *Sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares.* Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação.²⁰ (Grifo nosso)

Assim sendo, analisaremos o nosso objeto de pesquisa através da representação que um articulador de discurso produz sobre essa representação é uma construção que surge a partir de práticas e procuramos perceber o que há por traz dessas, tendo em vista que consideramos o lugar social de cada discurso. Também trabalhamos com Sandra Jatahy Pesavento, que teoriza sobre as questões de representação e sua relação com a urbe, fazendo uma reflexão acerca do conceito de Roger Chartier.

“Entre a doença e a saúde: os investimentos em saúde pública e a assistência à saúde em Teresina” é o título do terceiro capítulo do trabalho, onde tomamos como questão problema, o que podemos analisar através da memória dos atores sociais que definiram as políticas públicas de saúde e os receptores dela? Dessa forma, trabalharemos com modos de vida diferentes, assim sendo encontraremos uma distinção entre os produtores e idealizadores das diretrizes de saúde pública no estado, que em sua maioria são autoridades e como tal, “elas também têm de justificar suas ações passadas. [...] Elas não tem de levar em consideração um grupo inteiro, mas apenas sua individualidade. [...] O discurso das autoridades permite analisar como esses atores compreendem e analisam, por dentro, os mecanismos.”²¹

Trabalharemos também a memória das pessoas simples, dos pobres urbanos que utilizavam os serviços de saúde da cidade de Teresina, e esses tem uma fala bem diferente, pois acabam não se considerando atores sociais que tem história e que fizeram parte da história. “O informante se pergunta o que sua vida poderia ter de interessante para um intelectual que escreve livros, enquanto este último faz elucubrações fascinantes a partir dos depoimentos sobre simples gestos do cotidiano ou sobre ações de pouco brilho na história nacional.”²²

Para tanto, utilizaremos a metodologia²³ da história oral, realizando entrevistas ora

²⁰CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação In: **Fronteiras**, Dourados- MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011.

²¹VOLDMAN, Danièle. Definições e usos In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 40.

²²VOLDMAN, Op. cit. p 40 -41.

²³Entendemos aqui história oral como uma metodologia, e não como “uma outra história” como consideraram os *Annales*, nem como uma técnica de investigação como preconiza Lutz Niethammer. Consideramos uma metodologia de pesquisa porque esta estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história. Sobre o assunto, ver: FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs) **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

trajetória de vida, ora história de vida, e ainda temáticas²⁴, analisando também outras já realizadas, tendo em vista o percurso de vida de cada entrevistado. Assim, trabalhamos com os conceitos de memória coletiva e memória individual de Maurice Halwachs²⁵. Realizaremos um contraponto entre esses dois tipos de memórias, afinal esse processo foi vivido de diferentes maneiras por diferentes sujeitos, tendo sempre em vista que:

[...] quando realiza entrevistas, certamente o historiador deve trabalhar segundo suas técnicas próprias, mas também deve ter em mente dois outros procedimentos, tomados de empréstimo a disciplinas vizinhas: por um lado, servir-se das contribuições da sociologia na condução e na formulação das pesquisas; por outro, não negligenciar elementos de psicologia, de psicossociologia e psicanálise. Para ele, não se trata de propor interpretações da mensagem que lhe é comunicada, mas de saber que o não-dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato. Não cabe desesperar-se com mentiras mais ou menos fáceis de desmascarar nem com o que pode ser tomado como contra verdades da palavra-fonte.²⁶

Tomando como referência as contribuições acima, certamente encontraremos contrapontos, contradições, não-ditos, silêncios, ressentimentos, traumas, enfim, subsídios que nos auxiliou a construir o capítulo de maneira que atendesse ao objetivo principal. Foi preciso levar em consideração o momento em que a pessoa estava falando e o lugar social que ela estava e está ocupando, é preciso considerar que ela está no presente se remetendo a um passado, diante disso, podem existir analogias ou comparações, o que torna as conclusões sobre o período, por exemplo, equivocadas se confrontadas com outras fontes.

Informamos aqui que utilizamos entrevistas já realizadas por outros pesquisadores e entrevistas realizadas por nós, são elas: entrevista de história de vida com o Prefeito de Teresina do período pesquisado, Joel da Silva Ribeiro, entrevista na modalidade trajetória de vida, realizada por Laércio Barros Dias, Regianny Lima Monte e Francisco Alcides do Nascimento; Dr^a Maria do Amparo Salmito, coordenadora do serviço de epidemiologia no Hospital de Doenças Tropicais Dr. Natan Portela, à época HDIC, entrevista essa na modalidade temática, realizada pela autora; Dr. João Orlando Ribeiro Gonçalves, à época Diretor do Hospital Getúlio

²⁴A **Entrevista** de história oral temática se dispõe à discussão em torno de um assunto central definido – mesmo que os outros decorram ou concorram para seu esclarecimento -, os aspectos subjetivos ficam limitados ainda que não anulados. A história oral de vida é uma modalidade onde o subjetivo sobressai qualquer vontade de objetividade. O que as distingue das outras é exatamente a independência dos suportes probatórios. Aqui o **Entrevistado** narra sua trajetória de vida. Sobre o assunto, ver: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2013.

²⁵HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2 ed. São Paulo: Vértice, 1990.

²⁶VOLDMAN, Danièle. Definições e usos In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Vargas, entrevista na modalidade história de vida, realizada pela autora; e ainda com pobres urbanos, Dona Doralice Ferreira Lima permissionária do mercado central, entrevista de trajetória de vida; Francisco de Assis Soares Gondinho, entrevista trajetória de vida, enquanto filho de migrante e morador de Teresina que foi transferido para o bairro Buenos Aires na década de 1970, concedida a Laércio Barros Dias e Regianny Lima Monte, depositadas no Núcleo de história Oral da UFPI. Essas duas últimas foram usadas de maneira mais literais, com citações. Outras entrevistas que nos serviram como suporte mais amplo foram as de Regina Celis Leitão Oliveira, permissionária do mercado central, entrevista do tipo história de vida e José Ribamar da Silva, também permissionário do mercado central, na mesma modalidade.

Dessa forma, procuramos alinhar todas as fontes utilizadas para construir uma narrativa que caminhe para o melhor entendimento da primeira metade da década de 1970, uma narrativa que se mostre como imagens daquele período. Consideramos que as imagens da época estão perdidas e cabe ao historiador construir novas imagens, e trazendo a tona a saúde pública que por muitos anos ficou quieta e agora está sendo remexida.

1 TERESINA VIVE O PROGRESSO: modernização teresinense, “saudável”?

*“O Brasil sabe que não paramos e o nosso povo
realizará os seus sonhos de progresso.”
Alberto Silva*

Estar no Brasil na década de 1970 era viver em um período marcado por uma intensa repressão política, mas também, ver a economia brasileira crescendo em níveis nunca consideráveis. Caracterizando o paradoxo, no qual o país crescia economicamente, mas em igual medida cresciam as desigualdades sociais e regionais. No início dos anos de 1960, estudiosos da economia consideram que o crescimento brasileiro caiu. Abaixo, na tabela 1, podemos perceber dados dos anos 60, que nos mostram o menor crescimento se compararmos o crescimento dos anos 70 a 80.

Tabela 1: Taxa média Anual de crescimento do PIB Real do Brasil e Região Nordeste - 1960-97 (síntese)

Período	Nordeste	Brasil
	Taxa(%)	Taxa(%)
1960-70	3,5	6,1
1970-80	8,7	8,6
1980-90	3,3	1,6

Fonte: SUDENE, 1999.

Se compararmos o PIB real dos anos 60 que foi de 6,1% ao dos anos 70 que foi de 8,6%, notaremos um salto considerável, uma vez que, esses anos contemplam o auge do milagre econômico. Notamos ainda a queda brusca que ocorreu nos anos 80, período em que os resultados negativos do milagre econômico brasileiro²⁷ já poderiam ser sentidos, e esse crescimento e queda foram acompanhados pela região nordeste bem de perto.

Por conta das taxas relativas aos anos 60, iniciaram-se os debates sobre a necessidade

²⁷O milagre econômico brasileiro foi como ficou conhecido um conjunto de medidas econômicas do governo militar, que garantiu um crescimento elevado dos índices econômicos. Entretanto foi um modelo caracterizado pelo aumento econômico, mas que não repercutiu na vida da população em geral, garantindo que as desigualdades sociais aumentassem entre ricos e pobres e entre as regiões do país.

de mudanças na política econômica. O debate entre os teóricos econômicos estruturalistas e liberais²⁸, no plano econômico contribuiu para a efetivação do golpe civil-militar de 1964, dando maior respaldo a tese econômica liberal. Como aponta Prado Prado e Earp “O novo governo garantiu o poder político necessário para a realização de reformas conservadoras e de um plano de estabilização econômica que criaria as bases de um novo modelo de crescimento no Brasil.”²⁹

Entre as reformas proporcionadas pelo governo militar podemos citar a reforma tributária, que criou mecanismos de incentivo às exportações, o sistema financeiro foi reformulado com a criação do Banco Central e, porém para atingir de vez a taxa de crescimento desejada, era necessário criar melhores condições para atrair o capital estrangeiro, tendo em vista que o cenário internacional era favorável ao crescimento do Brasil.

Na década de 1970 ocorreu o “milagre brasileiro”, como ficou conhecido o boom econômico vivido pelo país desde 1968, utilizado como um importante instrumento de propaganda política. O I Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND), de 1971, prometia transformar o Brasil em “nação desenvolvida” dentro de uma geração. Como afirma Prado e Earp:

[...] pretendia elevar a taxa de investimento bruto para 19% ao ano, dando prioridade a grandes programas de investimento: siderúrgico, petroquímico, corredores de transportes, construção naval, energia elétrica (inclusive nuclear), comunicações e mineração.³⁰

Entretanto, a economia já havia ultrapassado o crescimento esperado, o milagre já estava acontecendo. O Brasil, economicamente falando, estava vivendo mediado pelo Plano de Metas e Bases para ação do Governo, que durou entre os anos de 1970 a 1972 e foi um documento que significou um plano de ação do governo do Presidente Médici, porém não constituiu um

²⁸ Entre os estruturalistas mais influentes temos Celso Furtado e Maria da Conceição Tavares. Estes defendiam o crescimento industrial por substituição de importações como resposta a uma situação de desequilíbrio externo duradouro. Entre os liberais encontramos Eugênio Gudin e Octávio Gouveia de Bulhões que defendiam um modelo liberal de economia de mercado e consideravam que não havia nenhuma característica especial no Brasil que justificasse a ação do Estado em qualquer circunstância, pelo contrário, seu papel deveria ser o de garantir estabilidade monetária e um modelo de tributação que incentivasse os investimentos. O crescimento econômico viria como resultado da resposta da iniciativa privada às condições econômicas favoráveis. Sobre esse assunto, ver MATOS, Patrícia de Oliveira. *Análise dos Planos de Desenvolvimento elaborados no Brasil após o II PND*. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade Piracicaba. Piracicaba, 2002. p. 46 e 47.

²⁹ PRADO, Luiz Carlos Delorme e EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973) In: **O Brasil republicano - O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Orgs: FERREIRA, Jorge e DELAGADO, Lucília de Almeida Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 213.

³⁰PRADO; EARP. Op. cit., loc. cit.

plano econômico em si. O objetivo principal era o ingresso do Brasil no mundo desenvolvido até o final do século, por meio de políticas que levassem ao crescimento expressivo do PIB, processo de desenvolvimento autossustentado integrado e crescimento dos setores de infraestrutura.

Nos anos de 1972 a 1974 dá-se início o I Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico – PNDE, aperfeiçoando o “Metas e Bases” ao dividir o planejamento em duas grandes partes: modelo brasileiro de estratégia de desenvolvimento e execução da estratégia. Estabelecia três grandes objetivos: colocar o Brasil, em uma geração, na categoria das nações desenvolvidas; duplicar, até 1980, a renda per capita do país; e elevar a economia às dimensões resultantes de um crescimento anual do PIB entre 8% e 10%.

Durante a implementação do I PNDE ocorreu a expansão da fronteira econômica, o que resultou na consolidação do desenvolvimento no centro sul, aumentando as desigualdades regionais. No que diz respeito ao desenvolvimento de projetos, houve sim uma tentativa de modernização dos parques industriais no Nordeste, no entanto, nada comparado aos investimentos que chegaram ao centro-sul do país. Abaixo, na tabela 2, pode-se observar as Taxas de Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) nas Décadas Recentes (1970-1996).

Tabela 2: Brasil e Nordeste: Taxas de Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) nas Décadas Recentes (1970-1996)

País e Região	Pib-total	Pib per capita
Nordeste		
1970-1980	8,7	6,5
1980-1990	3,3	1,3
Brasil		
1970-1980	8,6	6,0
1980-1990	1,6	(-)0,4

Fonte: SUDENE, 1999.

Nota-se uma preocupação com a redução das disparidades regionais e a preocupação com a integração nacional. A economia da região Nordeste mostra-se dinâmica e crescente, se comparada com a economia nacional. Nos anos 70, período ainda marcado pelo “milagre econômico”, o PIB Total nordestino foi maior que o PIB Total nacional, o que demonstra o quão próximo andaram esses índices, acompanhado também pelo PIB per capita. Isso decorreu do grande número de investimentos em infraestrutura e nas indústrias, iniciado ainda nos anos 60 com o I PND que definiu os seguintes objetivos nacionais:

- Colocar o Brasil, no espaço de uma geração, na categoria de nação desenvolvida;
- Duplicar, até 1980, a renda *per capita* do país (em comparação com 1969);
- Expandir o PIB de Cr\$ 222,8 bilhões para Cr\$ 314,5 bilhões em 1974 (a preços de 1972);
- Investimentos nas áreas de siderurgia, petroquímica, transporte, construção naval, energia elétrica e mineração;
- Prioridades sociais: agricultura, programas de saúde, educação, saneamento básico e incremento à pesquisa técnico-científica;
- Ampliação do mercado consumidor e da poupança interna com os recursos do PIS e do PASEP;
- Aumento da taxa de investimento bruto de 17% em 1970 para 19% em 1974.

31

Apesar da região Nordeste ter recebido investimentos significativos, esses não foram distribuídos de forma igualitária, o que aumentou as disparidades mesmo dentro de cada região do país. Tomando como base os objetivos citados acima, temos um período que correspondeu a um crescimento econômico extraordinário no Brasil, aliado a baixas taxas de inflação, entretanto esses foram objetivos, que, mesmo se tivessem sido atingidos em sua plenitude, não seriam observáveis em todas as camadas da população.

Com a primeira crise mundial do petróleo (1976), foi instituído no Brasil o II Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico. Seus objetivos eram:

[...] manter o crescimento acelerado dos anos anteriores, com taxas de aumento de oportunidades de emprego e de mão de obra superiores às da década passada; reafirmar a política de conexão da inflação pelo método gradualista; manter em relativo equilíbrio o balanço de pagamentos; realizar políticas de melhoria de distribuição de renda, pessoal e regional, simultaneamente com o crescimento econômico; preservar a estabilidade social e política e realizar o desenvolvimento sem deterioração de qualidade de vida, sem devastação de recursos naturais³².

Os problemas econômicos do período geraram sérios obstáculos para a implementação do II PNDE. Nesse sentido, os estados brasileiros passaram a trabalhar em cima dos reflexos do milagre econômico. Como consequência do “milagre econômico” a circulação de riquezas se intensificou pelo país, no entanto, isso não aconteceu de forma igualitária, nem para as pessoas, nem para os estados. Segundo Nascimento:

[...] a circulação de riquezas não aconteceu da mesma forma em todos os estados brasileiros, mas a inclusão de Teresina em planos formulados pelo

³¹ MATOS, Patrícia de Oliveira. **Análise dos Planos de Desenvolvimento elaborados no Brasil após o II PND**. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade Piracicaba, 2002. p. 46 e 47.

³² Sobre o assunto, ver MATOS, Op. cit.

governo federal permitiu intervenções espaciais que modificaram completamente a paisagem urbana da capital do Piauí. Todavia, é necessário também informar que o crescimento populacional da cidade, bem como, a incapacidade do Estado e do mercado em criar a quantidade de empregos, de moradias demandadas pelos novos moradores da cidade, agravara os problemas sociais de Teresina.³³

É importante ressaltar que o estado do Piauí participou da divisão do “bolo”³⁴ do “milagre econômico”, porém não chegando nem perto das economias dos outros estados brasileiros, ainda que, o que foi recebido, significasse algo para um estado considerado um dos mais pobres. Isso fica perceptível quando observamos que na década de 1970 o Brasil começa a viver um novo modelo econômico, a substituição de importações; no Piauí teve uma inserção desvantajosa nesse modelo, pela via do comércio, com a implantação tardia da infraestrutura necessária à inserção produtiva.³⁵ As riquezas oriundas desses planos de desenvolvimento foram distribuídas por vários projetos nos estados, fazendo com que as receitas aumentassem, e ficasse a impressão de que a qualidade de vida tinha melhorado.

Conseguiu o Governo superar o impasse representado por esse ‘déficit’, através de esforço interno e de *gestões externas*. De um lado, por exemplo, logrou-se obter acentuado incremento na arrecadação, sem contudo, incorrer-se no chamado ‘arrocho fiscal’, inadequado notadamente em relação às áreas de economia deprimida. De outro lado, contei com a elevada cooperação de Sua Excelência o Senhor Ministro João Paulo dos Reis Velloso, do Planejamento, que propiciou aporte adicional de recursos do Fundo Especial.³⁶ (Grifo nosso)

Os recursos financeiros transferidos do governo federal para os cofres piauienses, segundo o governo do estado, foram os maiores responsáveis para que muita coisa mudasse nos aspectos físicos do estado. Tendo em vista que o dinheiro passou a circular, o crédito para empréstimos ficou mais facilitado, e aí temos um ponto positivo, mas o lado negativo, o que os governantes não fazem menção nas suas mensagens à Assembleia Legislativa, são as dívidas que ficaram para serem pagas.

³³NASCIMENTO, Francisco Alcides do. O olhar do outro sobre os pobres urbanos de Teresina na década de 1970. In: **Anais do X encontro de história oral-Testemunhos: História e Política**. Recife, 2010.

³⁴A ideia de bolo do milagre econômico foi preconizada pelo Ministro da fazenda Delfim Neto quando este iniciou o plano de recuperação econômica do Brasil, durante o regime militar. Era preciso provocar o crescimento econômico para que depois “o bolo” fosse dividido entre os estados.

³⁵ BRAZ, Márcio. Inserção desvantajosa, atraso e subordinação das políticas de desenvolvimento na economia. In: **Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Piauí**. v. 1, n. 12. Teresina: UFPI, 2007. p. 3-14.

³⁶BRASIL. MENSAGEM à Assembleia Legislativa. Estado do Piauí, referente ao ano de 1971. Introdução.

Alberto Silva, governador do estado, mantinha um relacionamento com os administradores nacionais, tendo em vista que existiam relações familiares no Ceará, onde já era conhecido no estado devido ao seu trabalho na Companhia de Eletricidade do Ceará (1962/1970). Esse bom relacionamento, de certa forma, foi favorável ao Piauí. Essa aproximação fica perceptível nas constantes visitas dos presidentes como Garrastazú Médici e Ernesto Geisel, que vieram ao estado para fazer inaugurações de obras públicas, bem como rodovias asfaltadas que passaram a interligar o Piauí, além dos prédios públicos, entre outros. Além dos presidentes, também se fez presente constantemente o Ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso.

O que se percebe através dessas visitas é que existia por parte do governo nacional um apreço por se fazer presente nos estados da federação, algo que se fazia necessário para mostrar à sociedade brasileira que o governo estava com as rédeas do país. A intenção era legitimar a nova forma de governo e isso era feito através da construção de obras e liberação de recursos para o investimento no aspecto físico das cidades brasileiras. Aproveitando-se desse bom relacionamento, Alberto Silva deu visibilidade aos seus projetos para o estado e fundamentou a sua imagem de homem que trabalhava para o progresso do Piauí.

Dessa forma, o estado passou a fazer parte do Projeto Brasil Grande Potência, onde foi difundida pelos governos militares a ideia de que o progresso gerado pelo investimento na infraestrutura física e nos elementos técnicos contribuiria para incorporar os Estados da região Nordeste no projeto de crescimento nacional, com isso, conteria as tensões sociais do período.³⁷ E essa ideia de progresso esteve desde a fundação de Teresina em sua história, a cidade já nasceu como representação do progresso³⁸, pois foi uma capital pensada desde a sua localização, mais ao centro e mais próxima do litoral, até o seu traçado. A antiga capital, Oeiras, estava localizada mais ao interior do estado e ainda mais distante de zonas como o litoral, fator que de certa forma impossibilitava algumas transações comerciais, econômicas, culturais e intelectuais. A capital do estado foi planejada e pensada para se tornar símbolo de um novo momento, pensada como um tabuleiro de xadrez, para facilitar a vida dos transeuntes. Com um

³⁷Sobre o assunto, ver CARVALHO, Inaiá Maria M de. **O Nordeste e o regime autoritário**. São Paulo: HUCITEC/SUDENE, 1987.

³⁸Como progresso entendemos como “nosso desejo de nos enraizarmos em um passado social e pessoal, coerente e estável, e nosso insaciável desejo de crescimento [...] Crescimento que destrói as paisagens físicas e sociais do nosso passado e nossos vínculos emocionais com esses mundos perdidos; nossa desesperada fidelidade a grupos étnicos, nacionais, classistas e sexuais que, esperamos, possa dar-nos uma firme “identidade” e, ao lado disso, a internacionalização da vida cotidiana”. Sobre o assunto, ver BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

centro que representava a religiosidade da cidade, cresceu em torno da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, como zona central, uma das primeiras construções da nova capital, no ano de 1852.

Antes de ser Teresina, essa região era formada pela Vila do Poty, zona localizada às margens do rio Poty, mas ainda como uma representação do progresso, não se construiu o centro da cidade em seu entorno, e sim mais acima, na Chapada do Corisco, e lá, a partir da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, fundou-se o centro da cidade, surgindo como representação do novo e do moderno. No entanto, na década de 70, Teresina precisava deixar seus ares interioranos, precisava crescer e se mostrar para o Brasil e para o mundo, como a menina que está debutando e sendo apresentada a sociedade, renovada e crescida.

Teresina, como capital do estado, é colocada por Alberto Silva, na década de 70, como o motor e a locomotiva do progresso. Aqui caracterizamos a capital do Piauí como a Cidade-conceito, “[...] lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade.”³⁹ A cidade, enquanto palco de inúmeras manifestações, não deixa de se colocar como sujeito da história e, como tal, age e reage diante das transformações. Tomada como motor de um projeto de desenvolvimento e progresso se transforma, além de cidade-conceito, como indica Michel de Certeau, em cidade como escrita, cidade como ímã, cidade como mercado, como explicita Raquel Rolnik⁴⁰.

Quando falamos em progresso, nos remetemos aos iluministas do século XVI, em que a negação do antigo, do tradicional se fazia necessária para que fosse possível seguir em frente e chegar a um nível de desenvolvimento no qual as coisas fossem explicadas pela razão e pelo cientificismo. O novo, ao mesmo tempo em que causava medo, também causava deslumbramento e alimentava ainda mais sonhos de se estar indo sempre adiante. Negar o passado é fundamental para se legitimar o novo, assim como nos mostra Cláudia Fontineles, ser moderno representa ser moderno em relação a algo ou a um dado tempo que se acredita estar superando ou aperfeiçoando.⁴¹

A história deve seguir o seu destino, que é alimentar-se do passado, e para que exista um passado é preciso que haja presente e futuro, e esse futuro não pode vir a repetir o passado. A locomotiva da história acaba se confundindo com a locomotiva do progresso, sempre nos trilhos e nunca para trás, e esta é uma leitura da história inaugurada pelos cientificistas do século

³⁹CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do Cotidiano**, 1998, p. 174.

⁴⁰ Sobre o assunto, ver ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

⁴¹ Sobre o assunto, ver FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí.** Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

XIX, e que adequa-se ao discurso progressista dos administradores públicos da década de 70. “Não se pode ignorar que a própria história necessita do novo para existir, nem tampouco que ela se porta ao mesmo tempo como guardiã das tradições, estimulando o convívio entre o novo e o antigo em suas narrações.”⁴²

Essa tensão entre o novo e o antigo é um problema que permeará as transformações em Teresina por pelo menos toda a década de 70, em alguns momentos isso se mostra de forma bastante intensa, como quando da remodelação da Praça Pedro II, praça que deixou na memória coletiva⁴³ dos moradores da cidade um passado que era lembrado com louvação e saudade, e a remodelação da sua estrutura a modificaria de tal maneira que apagaria as memórias em torno de si, deixando assim de ser um lugar de memória⁴⁴ passando a ser apenas um espaço para muitos habitantes. Essa tensão entre a população gostar ou não das intervenções da administração pública perpassou por diversas outras construções e remodelações em Teresina.

Na década de 70, o progresso passa a ser palavra-chave para que a modernização acontecesse de fato. Esse era um desejo que fervilhava na cabeça e no imaginário da maioria dos administradores brasileiros e que era transmitido aos brasileiros, até como uma maneira de legitimar a forma de governo que estava imposta. Esse desejo em transformar a urbe e deixar para trás características que remetem a um passado de atraso e acanhamento tem vestígios ainda nos anos 50, anos da administração de Juscelino Kubtschek.

O desenvolvimentismo era a palavra de ordem, crescer e esquecer o passado colonial e imperialista. O desejo de moderno passou a fazer parte da mente de muitos administradores, intelectuais, profissionais liberais, articulistas, entre outros, e é esse desejo que vai mover a locomotiva do progresso, no caso Teresina, levando o Piauí para o futuro, abrindo caminhos, desbravando lugares. O Piauí precisava sair do anedotário nacional, deixar de ser piada, sendo considerado o estado mais pobre da federação, com as mais baixas taxas de crescimento de um Brasil que era mostrado, nas propagandas de um regime militar, crescendo a todo vapor.

O Piauí, contando com a construção de novas rodovias integrando o estado regional e nacionalmente, e o acelerado processo de urbanização de sua capital, teve condições para o crescimento do comércio varejista, possibilitando o desenvolvimento das vendas a crediário,

⁴²FONTINELES, Op. Cit., p. 147.

⁴³“Os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo”. Para compreender mais sobre memória coletiva ver: HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

⁴⁴Sobre lugares de memória, ver NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

impulsionando o setor terciário.⁴⁵ Nesse período, acontece um aumento no poder de consumo das pessoas, e não apenas nisso, bem como no estímulo ao consumo de bens e serviços. O desejo de consumo, que nesse mundo moderno e de constantes transformações era bastante intenso, a propaganda de produtos e bens não duráveis eram crescentes. Refrigerantes, automóveis, roupas, tecidos, serviços, entre outros se mostravam como os símbolos da modernidade. Colocar-se na velocidade do moderno com um automóvel, ou frequentar lugares como os clubes, que cobravam um certo valor para permitir a entrada em suas dependências, era uma das maneiras de mostrar status.

Esse momento de constantes transformações e intensas contradições que a maioria das cidades brasileiras encontrava-se passa a ser vivido por Teresina, sob o signo da modernização, aqui entendida como apregoa Marshall Berman, “os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser”⁴⁶. O turbilhão da vida moderna é o que move a cabeça de diversos administradores nesse período, esse que também é de intensa repressão de liberdades, caracteriza de certa forma o momento de modernização, isto é, “ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição”⁴⁷. Assim como Goethe, Marx e Baudelaire, e o desejo desses autores em suas obras de constante mudança também temos os administradores modernos brasileiros que também são movidos pelo desejo de mudança, de autotransformação e de transformação do mundo ao redor.

Consideramos o século XX como o século da modernização para a maioria das cidades brasileiras. Existem trabalhos que tratam desse assunto desde Teresina, Recife, Campina Grande passando por Porto Alegre, entre outras. A modernização na maioria dessas cidades deixou muitos sentimentos e ressentimentos nas pessoas que vivenciaram esse processo, para o mal ou para o bem foram marcadas.

Assim, falar de modernização é falar de contradição, é falar de apego e desapego, construção e desconstrução, é falar de algo sólido, mas que ao mesmo tempo se desmancha no ar.⁴⁸ Em especial, nos anos de regime militar vivido pelo Brasil o que se observa é um movimento para tornar a cidade como marca dos projetos políticos desse governo, pois

⁴⁵Sobre o assunto, ver CARVALHO, Luana Pachêco Faria de. **Teresina: o cartão postal de boas vindas do Piauí – Modernização de Teresina e os migrantes na década de 1970.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) Universidade Federal do Piauí, 2010.

⁴⁶BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 25.

⁴⁷BERMAN, Op. cit., p. 21.

⁴⁸ Para conhecer mais sobre a discussão relativa à fluidez da modernidade e as transformações que formam a modernização ver BERMAN, Op. cit.

modernizar a urbe era mostrar o quão aliados ao novo e em consonância com os projetos de progresso estavam seus administradores, esquecendo assim as contradições desse processo.⁴⁹

Propagandear sobre Teresina foi o divertimento de muitos cronistas da época, as novidades do progresso chamavam atenção, comparações entre a Teresina do futuro-presente e a Teresina do passado pululavam nas crônicas.

[...] uma cidade moderna. Urbanisticamente perfeita. Ruas e avenidas bem traçadas, praças ajardinadas, modernas construções ornamentam sua paisagem, transformando-a num carinhoso convite ao visitante que encontrará sempre para recebê-lo, a fidalguia e a hospitalidade de um povo amável e hospitaleiro.⁵⁰

A cidade estava intimamente relacionada ao seu povo. Não seria de muita utilidade uma cidade bem organizada, limpa e bonita sem um povo que estivesse em consonância com o lugar em que vive, daí a propaganda que o cronista faz, vai para além do concreto, do que se faz visível aos olhos, das transformações físicas que a cidade sofreu e estava sofrendo, vai até ao povo, na relação que este possuía com a cidade e com aquele que vinha de fora para admirar a capital do Piauí.

Aliando essas duas formas de se ver a cidade, o cronista nos mostra o desejo de crescer e desenvolver a “indústria sem fumaça”, o turismo teresinense e, conseqüentemente, piauiense. Assim, temos a fala de um dos “leitores especializados da cidade”, que junto com jornalistas, colonistas e fotógrafos traduzem-na em discurso.⁵¹ É através desses leitores que podemos construir um discurso, articulando suas falas e representando-as, levando em consideração o momento histórico-político e social em que eles e a cidade estavam inseridos.

Teresina passa a se transformar no cartão-postal do Piauí. Um canteiro de obras se fez necessário para transformar a cidade, construções de prédios novos, reformas em outros, a grande reforma pela qual passou a Avenida Frei Serafim, principal via da cidade, ganhando fontes luminosas em seu passeio central, jardins bem arborizados e alargando o perímetro de passagem dos veículos, que tiveram um aumento significativo. Todas essas transformações atraíram um grande número de pessoas em busca de melhores condições de vida, o que fez Teresina fosse considerada, nesse momento, a cidade-ímã que teoriza Raquel Rolnik, cidade

⁴⁹Sobre a relevância das cidades para o projeto do regime militar ver o trabalho de FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica:** maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

⁵⁰JÚNIOR, Magalhães. Turismo: Teresina pede passagem. **O Dia**, Teresina, n. 3299. p. 1, 26 maio 1971.

⁵¹PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n.16, p. 26, 1995.

que atrai, cidade do desejo, que ilude, que chama a atenção, e acaba por receber inúmeras pessoas, passa a ser um polo atrativo, em vez de um polo irradiador. Teresina, portanto, passou a receber imigrantes⁵² provenientes do interior do Piauí, bem como de outros estados vizinhos.

Tabela 3: Total da população urbana e rural por grandes regiões do Brasil.

Grandes Regiões	População Urbana	População Rural
Região Norte	1.784.223	2.404.090
Região Nordeste	11.980.937	16.694.173
Região Sudeste	29.347.170	10.984.799
Região Sul	7.434.196	9.249.355
Região Centro-Oeste	2.358.218	2.271.422

Fonte: IBGE, 1970.

O que se percebe através da tabela acima, é que a região nordeste durante a década de 70 foi a segunda região em termos de população urbana, tendo em vista que a tabela considera a década inteira, isso é um indicativo de que, mesmo sendo considerada uma das regiões mais pobres da federação, as suas cidades atraíam as pessoas, em especial, a capital do estado. Nesse sentido, tomamos como eixo da discussão a questão de que a zona rural não estava mais sendo interessante, tendo em vista o processo de industrialização que estava em curso desde a Era Vargas, e que nos anos correspondentes ao regime militar teve um “boom” devido ao milagre econômico. No geral, a população urbana estava aumentando gradativamente, levando em consideração também que as migrações não eram apenas dentro dos estados, e sim também interestaduais. Fatores como secas, busca de melhores condições de educação, saúde e trabalho foram alguns impulsionadores da imigração na região nordeste.

Consideramos os dados abaixo como um indicativo do crescimento econômico do Piauí. “Aquele foi também uma fase de grandes migrações internas, das áreas pobres para as ricas e do campo para as cidades, ocorrendo uma queda relativa e absoluta da população rural e

⁵²Imigrantes, pessoas que saíam de seus locais de origem ou de residência e partiam para Teresina fazer da cidade de Teresina seu novo local de moradia. Eram pessoas que vinham tanto do interior do estado do Piauí, bem como de cidades do Maranhão, Ceará, e ainda estados da região sul.

transformando o Brasil, definitivamente, numa sociedade urbana.”⁵³

Tabela 4: Total de imigrantes e emigrantes no Piauí

Década	1960	1970	1980
Total de imigrantes	101.119	117.931	154.260
Total de emigrantes	313.675	364.515	527.320

Fonte: IBGE. 1960/70/80.

A cidade de Teresina com essa recepção diária de pessoas vindas do campo e de outras cidades, acabou por não dar conta desse fluxo que chegava buscando melhores condições de vida, afinal, a imagem que deveria e era repassada ao restante do país sobre a capital do Piauí era de uma cidade moderna e em pleno crescimento. Em 1950 a população total de Teresina era de 90.723 habitantes, já na década de 1970, ela tinha saltado para 363.666 habitantes. De acordo com a tabela acima durante a década de 1960 para 1970 o aumento no número de imigrantes no Piauí é de 16.812 pessoas, durante os anos 70 para os anos 80 a taxa de crescimento salta em mais de 100% em relação à década anterior. Apesar do número de emigrantes ser ainda maior do que o número de imigrantes, consideramos esse aumento significativo, tendo em vista o momento que o país estava vivendo. Ainda estamos analisando o período da ditadura militar, onde as cidades passavam por diversas intervenções e sofrendo com medidas autoritárias e excludentes por parte dos governos.

Dessa forma, pelas condições em que a capital piauiense se encontrava, segundo a literatura e as fontes jornalísticas, consideramos que um grande número desses imigrantes se dirigiu à capital. Alberto Silva, enquanto governador do estado, desejava retirar o Piauí da situação de atraso em que se encontrava, e acabar com a imagem interiorana que Teresina possuía, para tanto o projeto se inicia pela capital.

Teresina começava, na década de 70, a passar por transformações no seu aspecto físico, como já vem sendo estudado por diversos historiadores, como Francisco Alcides do Nascimento, Regianny Lima Monte, Débora Silva Viana. O processo modernizador é considerado por esses autores como autoritário e excludente, seguindo assim a linha administrativa que estava em vigor no país naquele momento. A administração do período expulsou diversas pessoas que moravam nas áreas centrais da cidade para zonas periféricas,

⁵³LUNA, Francisco Vidal. KLEIN, Herbert S. Mudanças sociais no período militar (1964-1985) In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014, p. 91.

essas pessoas viviam no centro em casebres de palha, que davam um ar empobrecido ao centro da capital, ou outras que de alguma forma estavam impedindo a passagem do progresso, se colocando no meio de ruas ou avenidas. Essas pessoas foram remanejadas para zonas periféricas da cidade que ainda não possuíam os equipamentos urbanos necessários para uma vida digna na urbe.⁵⁴

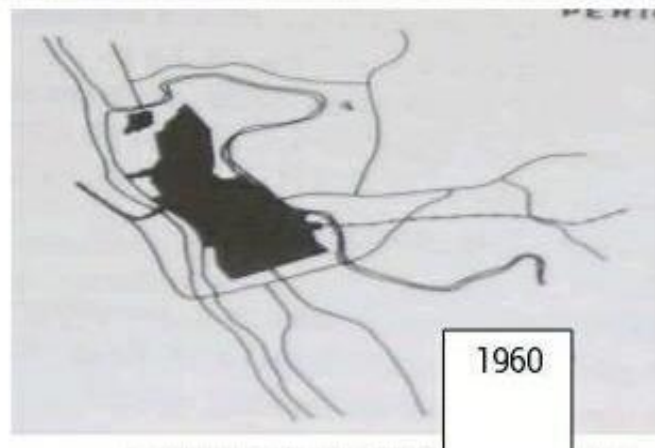
Assim, percebemos a expansão horizontal da cidade, essas pessoas que foram remanejadas para os locais mais periféricos começaram a constituir novos bairros como Buenos Aires, Água Mineral, Parque Itararé, Planalto Ininga, Cidade Satélite e Piçarreira, zonas que ganharam a presença da população de baixa renda de Teresina, os bairros representavam as condições de pobreza.

O nível de pobreza dessa população era elevado, o que pôde ser verificado pela predominância de casas construídas com material inadequado e de pouca durabilidade, bem como pela renda, tendo em vista que cerca de 96% possuíam rendimentos inferiores a três salários mínimos e exerciam funções de domésticas, pedreiros e vigias nas áreas nobres.⁵⁵

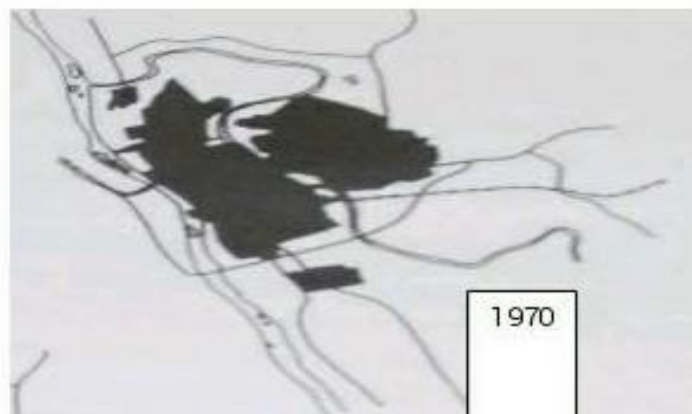
Essas pessoas que são descritas acima por Regianny Lima Monte são os pobres urbanos considerados na pesquisa. Desse modo, à medida que os migrantes chegavam a Teresina, novas zonas de habitação eram criadas – não chamamos aqui de bairros, pois eram feitas de maneira desordenada, sem o aval da prefeitura – e a cidade iniciava o seu crescimento para a zona leste e norte, áreas mais distantes do centro e que ficavam mais escondidas aos olhos dos visitantes, como podemos perceber nos mapas adiante.

⁵⁴Sobre o assunto, ver MONTE, Regianny Lima. **A cidade esquecida**: (res)sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

⁵⁵MONTE, Regianny Lima. **A cidade esquecida**: (res)sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 69.



Mapa 1: Evolução da mancha urbana de Teresina na década de 1960.
Fonte: FUNDAÇÃO, 2015.



Mapa 2: Evolução da mancha urbana de Teresina na década de 1970.
Fonte: FUNDAÇÃO, 2015.

Os mapas acima demonstram que a mancha urbana da cidade cresceu de forma mais expressiva, em apenas uma década a modificação que esse mapa representa é relevante para o pequeno espaço de tempo, tendo em vista a duração que estas transformações normalmente levam para acontecer. A urbe crescia de maneira desordenada, diante disso, encontramos o contexto do processo de favelização que em Teresina se deu com mais intensidade a partir da década de 70.

As regiões localizadas a leste da cidade, na outra margem do rio Poty, passaram a ser mais densamente povoadas, bairros como Jóquei, bairro de Fátima entre outros começaram a se constituir locais povoados por pessoas com menor poder aquisitivo, aumentando o número de favelas em Teresina. Eram locais mais distantes do centro da cidade, e que não tinham as condições básicas de habitação.

As pessoas que chegavam às grandes cidades diariamente, sem instrução suficiente para serem absorvidas pelo mercado de trabalho formal, não conseguiam adquirir uma moradia

digna, passavam a viver em condições precárias nas zonas suburbanas e trabalhando de maneira informal, ou na construção civil, trabalho que não exigia mais força bruta, trabalho braçal; ou, até mesmo, se tornando pedintes. Esse processo faz parte desse momento de modernização de Teresina, a maior parte dessa mancha urbana que localizamos no mapa, na zona leste da cidade, é composta por essas habitações irregulares onde reina o império da pobreza.

O forte crescimento da população urbana não deixou de ter seu custo em termos sociais. Em razão dos insuficientes investimentos nos centros urbanos, em particular, em habitação e saneamento, não se atendeu de forma adequada ao intenso afluxo de imigrantes que chegavam às cidades. Disso resultou o aumento significativo da parcela da população vivendo em favelas, loteamentos irregulares ou outras formas de moradias subnormais. Embora as favelas existissem antes do regime militar, o rápido crescimento urbano dos anos 1960 e 1970 tornou a questão da habitação e do saneamento um dos principais problemas das áreas metropolitanas.⁵⁶

Portanto, pode-se inferir que o problema das favelas nas grandes cidades brasileiras se intensificou no período militar em que as cidades passaram a ser o palco de diversas transformações, de maneira mais intensa, palco dos desejos mais aflorados e das intervenções mais sensíveis. Para o regime militar as cidades deveriam refletir a maravilha e a organização que era a forma administrativa que regia o país, atraindo assim os migrantes, entretanto esses migrantes que chegavam às cidades não tinham os seus desejos realizados e iam de encontro com o planejado pelos administradores e, não sendo absorvidos de maneira satisfatória pelo sistema, acabavam se colocando ou sendo colocados à margem dele.

1.1. ENTRE ENGENHEIROS: Alberto Silva X Joel Ribeiro

1.1.1 “Homem Fáustico”, “Homem Moderno”: Alberto Silva e a Cidade Teresina

O que ficou marcado na memória coletiva dos piauienses e dos teresinenses, em especial, foi a característica de grande administrador e homem de espírito inovador, que trouxe o progresso para o estado do Piauí, melhorou a vida das pessoas e fez um excelente governo nos anos de 1971 a 1975. A imagem do seu primeiro governo foi trabalhada de maneira intensa, para que ficasse guardado na memória um grande governador que proporcionou “[...] o começo

⁵⁶LUNA, Francisco Vidal. KLEIN, Herbert S. Mudanças sociais no período militar (1964-1985). In: REIS FILHO, Daniel Aarão. RIDENTI, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014, p. 78

de uma nova era de progresso e desenvolvimento.”⁵⁷ Essa frase foi retirada do livro produzido em sua memória pelo Jornalista Tomáz Teixeira, um de seus homens de confiança, que participou de forma ativa de seus governos.

Assim o que podemos analisar é que, mesmo essa sendo a fala de uma pessoa muito ligada a Alberto Silva, o projeto de administração criado por Silva para o Piauí procurava mudar a forma que o estado era apresentado, assim, o desejo de progresso passou a permear o imaginário da época. Contudo, para enfatizar ainda mais esse argumento, podemos citar a fala de D. Doralice, pobre urbana considerada pela pesquisa, permissionária do Mercado Central de Teresina, quando esta nos diz:

Vim pra cá também, só os prefeitos bom, Coronel Joel Ribeiro, finado Jofre, qual foi o outro que morreu meu Deus, que eu não tô lembrada, o... Como é? [...] Wall Ferraz foi muito bom também, ele foi uma pessoa, foi um prefeito que só isso aí era tudo... E tinha o, como é o nome do outro que morreu? Que era governador? [...] Alberto Silva também, Ave Maria, ele fez, ajudou demais também, muito mesmo. [...] ⁵⁸

Dona Doralice acaba por inserir Alberto Silva no rol dos prefeitos de Teresina que trabalharam bastante pela cidade e que fizeram parte das transformações sofridas ao longo do tempo. Inconscientemente ou não, ela o associa a essa pessoa que ajudou aos pobres e que foi muito boa. Da mesma forma, agora citando a fala de um homem letrado, de condição social favorável, médico piauiense, Dr. João Orlando Ribeiro Gonçalves, “o Alberto Silva, ele dizia assim: - O ótimo para o Piauí ainda é pouco”.⁵⁹ Percebe-se também que ficou gravada nos quadros da memória a imagem de um governante que queria o melhor para o Piauí e que fez o melhor para o estado e para os seus habitantes. Percebe-se ainda, que os discursos em torno da imagem de Alberto Silva eram em sua maioria feitos por pessoas ligadas a ele, com o intuito de vangloriar e deixar registrado o quanto este trabalhou pelo Piauí, porém essa imagem também foi propagada por populares, o que torna ainda mais fácil a tarefa de cristalizar uma imagem.

Essa discussão sobre a imagem de Alberto Silva recai sobre dois conceitos. O primeiro deles é o de memória coletiva que é um conjunto de memórias individuais, lembranças sobre acontecimentos, pessoas ou momentos vividos ou não por um grupo, e associado a essas

⁵⁷TEIXEIRA, Francisco Tomáz. **Alberto Silva**: o mito e o político. Teresina: Halley. 2010, p. 61.

⁵⁸DORALICE. Teresina 18 de jan de 2014. **Entrevista** concedida a Karlene Sayanne e Talita Kamache

⁵⁹GONÇALVES, João Orlando Ribeiro. Teresina. 22 out. 2011. **Entrevista** concedida a Talita Kamache Rodrigues de Lima, 2011.

lembranças está diretamente ligado às percepções acrescentadas pela memória histórica.⁶⁰ “Os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiências onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo.”⁶¹

O outro conceito é o de imaginário social. Assim, remete-nos ao historiador José D'Assunção Barros quando este argumenta que “o imaginário é algo que faz parte do cotidiano dos indivíduos e se faz tão presente quanto aquilo a que atribuímos o valor de real ou considerado como algo concreto”⁶² A imagem de Alberto Silva foi sendo construída ainda com seu mandato em curso, dessa forma criando um imaginário social, e ainda é algo que ficou marcado na história de um grupo social e que passou a ser transmitido a outras gerações caracterizando assim a memória coletiva.

A promoção pessoal foi uma estratégia de marketing utilizada pelo governador. As pesquisas nos mostram que existia uma espécie de “sistema de cotas onde o governo subsidiava alguns jornais da cidade enquanto que tinham um espaço para publicar reportagens vangloriando os feitos governamentais.”⁶³ “[...] Nunca vi uma pessoa possuída de tanta vaidade pessoal quanto o governador Alberto Silva. O governador, o senador, seja lá o que for, é aquele tipo de político que manda escrever uma matéria elogiosa no jornal, pago por ele, lê e acredita.”⁶⁴ A fala do Prefeito da cidade do período, Joel Ribeiro, deixa claro uma das tensões que existiam entre os dois administradores. A autopromoção de Silva chegava a incomodar Ribeiro e afirma a questão da interligação entre imprensa e Estado.

Esse governante piauiense pode ser considerado como um homem fáustico, lembrando e comparando, salvo as devidas proporções ao Fausto de Goethe. Assim como nos mostra Marshal Berman, quando trabalha a questão da modernidade, considerando o Fausto de Goethe como o herói da cultura moderna, este tinha o desejo de desenvolvimento. Berman explicita todas as fases desse personagem fazendo correlações com a cultura da modernidade. Ele é descrito em três metamorfoses, são elas: *o sonhador, o amador, o fomentador*.

Na fase de fomentador é que comparamos a Alberto Silva, tendo em vista que Fausto pretende mover o mundo. “[...] Irá experimentar algumas das mais criativas e algumas das mais destrutivas potencialidades da vida moderna; ele será o consumado destruidor e criador, a

⁶⁰Sobre o assunto, ver HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

⁶¹HALBWACHS, Op. cit., p. 71.

⁶²BARROS, José D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2009.

⁶³Sobre o assunto, ver NIERE, Sâmia de Brito Cardoso. História da propaganda e da publicidade no Piauí. In.: **Cadernos de Teresina**, v. XVIII, n. 38. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ago. 2006, p. 57.

⁶⁴RIBEIRO, Joel da Silva. Teresina 5 dez. 2006. **Entrevista** concedida a Francisco Alcides do Nascimento, Laércio Barros Dias e Regianny Lima Monte, 2006.

sombria e profundamente ambígua figura que nossa época virá a chamar “o fomentador.”⁶⁵ Ao mesmo tempo que os jornais informam que o governador faz o melhor por Teresina, não informam que Silva também cria um lado excludente, um lado sofrido, para o progresso passar não importa por onde ou por quem deve passar, nada pode deter o progresso e aí encontramos o lado perverso do homem fomentador, aquele que ao mesmo tempo constrói, destrói, sem se importar por quem passará.

Assim foi feito com os pobres de Teresina que se colocaram em frente ao progresso, “pessoas que estão no caminho – no caminho da história, do progresso, do desenvolvimento – pessoas que são classificadas e descartadas como obsoletas.”⁶⁶ Essas pessoas nos mostram o lado excludente dessa modernização, que ao mesmo tempo que caminha para frente, caminha para trás, descartando pessoas, e colocando essas pessoas como se elas não merecessem fazer parte desse projeto que mesmo teoricamente visava o melhor para a população.

O modelo desenvolvimentista que Alberto Silva e os outros governantes brasileiros adotavam estava em consonância com o projeto de governo dos militares que estavam no poder, um modelo baseado no desenvolvimento das grandes cidades, ponto fundamental. E para se construir de fato uma cidade grande e desenvolvida, era preciso também modificar a mentalidade de seus habitantes, nesse sentido com relação ao Piauí havia a necessidade de se acabar com a ideia de que era um estado atrasado. Silva se mostrava como o salvador que iria retirar o estado do marasmo de atraso que se vivia.

Como já registrado aqui, o desejo de progresso cultivado por Alberto Silva teve como motor principal a cidade de Teresina.

[...] Um movimento coletivo que parece ser endêmico à modernização: o movimento no sentido de criar um ambiente homogêneo, um espaço totalmente modernizado, no qual as marcas e aparência do velho mundo tenham desaparecido sem deixar *vestígio*. (Grifo nosso)⁶⁷

Esse era o desejo, e Berman coloca algo que se percebe, se não em todos, mas em pelo menos na maioria dos processos de modernização das cidades do mundo capitalista, um desejo de modificar o ambiente de tal maneira que nada destoe, que fique tudo organizado de maneira homogênea e que exclua ou mascare o que representa o velho, o antigo. Não é admitido nenhum

⁶⁵BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 79.

⁶⁶BERMAN, Op. cit. p. 85.

⁶⁷BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.86.

vestígio do passado e nos processos de modernização das cidades brasileiras a exclusão do não desejável e do que representa o pobre e atrasado fica bastante presente nos trabalhos de autores brasileiros como Alcides Nascimento, Regianny Lima Monte, Antonio Paulo Resende, Sidney Chalhoub, entre outros. No caso teresinense encontramos como representação de pobreza e atraso as casas paupérrimas de palha e pau-a-pique localizadas no centro da cidade, animais nas ruas, e em especial no cartão-postal da cidade, a Avenida Frei Serafim, pessoas sujas e doentes circulando pelo centro da capital, enfim tudo que estava relacionado às essas características era considerado sinônimo de atraso.



Figura 01: Construção Civil

Fonte: **O Dia**. Teresina, nº 3572, 15 mar 1972. Caderno Especial. [s.p.]



Figura 02: Novo Piauí.

Fonte: **O Dia**. Teresina, nº 3572, 15 mar 1972. Caderno Especial. [s.p.]

O governador Alberto Silva trabalhava em torno do projeto de um novo Piauí e todas as suas iniciativas eram vangloriadas através de jornais como *O Dia*, *O Estado* e *Jornal do Piauí*. Acima temos a edição de um tabloide especial do jornal *O Dia* feito para chamar atenção da sociedade para os feitos do então governador. A imagem de Silva em ambas é colocado dentro do mapa do estado. Na imagem 01, encontramos o governador entranhado em meio às máquinas, conjuntos habitacionais, ilustrando o crescimento da construção civil no Piauí o quanto estava intimamente ligado ao administrador. Na imagem 02, apresenta-se o “Novo Piauí”, onde os feitos de Alberto Silva são colocados em pequenas fotos dentro de um filme fotográfico, construção de rodovias, implantação de indústrias, construção de prédios públicos e implantação de sistema de televisão.

O homem fáustico Alberto Silva procurou exercer, de certa forma, uma administração paralela na cidade de Teresina. A capital, sendo o motor da transformação do Piauí, deveria seguir uma linha evolutiva, sendo palco de modificações, sendo a primeira a receber equipamentos de modernização como o aumento no número de ruas e avenidas pavimentadas e largas, bem arborizadas, com muitos automóveis a circular, com a criação de um sistema de televisão, com prédios públicos imponentes e bem distribuídos pela urbe, com universidade – centro de formação do conhecimento – com estádios de futebol, ente outros equipamentos.

Dessa forma, o governante do Piauí por dar uma especial atenção a capital acaba por se colocar como uma espécie de prefeito, o que acabou por gerar alguns conflitos com o prefeito, de fato.

As tensões entre os dois administradores se davam no plano da imagem e autopromoção sobre a capital. Ambos queriam provar à população quem fazia mais pela cidade, afinal a capital era o cartão de visitas do estado, dessa forma pavimentar as ruas, abrir novas avenidas, construir novos prédios públicos, reformar outros, enfim tornar a cidade de Teresina um cartão-postal do Piauí que refletisse como o estado se encontrava.

Alberto Silva conseguiu criar sobre si uma imagem de grande governante, aquele que soube tirar proveito do momento em que o país vivia, em meio a um regime militar, conseguiu fazer muitas coisas que recaíram de maneira positiva sobre sua imagem. Conseguiu fazer um dos estados mais pobres da federação crescer e se mostrar ao Brasil, se mostrar importante aos presidentes, tendo em vista que muitas das obras inauguradas nesse período tiveram a presença de Presidentes da República.

1.1.2 “Modesto”, porém firme: o prefeito Joel Ribeiro e a administração de Teresina

Nos anos de 1971 a 1975 Teresina foi administrada pelo Major Joel da Silva Ribeiro. Militar reformado que fazia parte do mesmo partido político do governador Alberto Silva, no entanto, faziam parte de grupos políticos distintos, compunha o grupo de Petrônio Portella⁶⁸ que fazia oposição ao governo do estado. O administrador da cidade instigou certo desamor por parte do então governador, pois a indicação do Major a frente do executivo municipal não teve o aval de Alberto Silva. Cláudia Fontineles nos indica algumas das tensões entre os dois administradores, ambos eram do mesmo partido, ARENA, entretanto dentro de um mesmo partido haviam grupos dissidentes onde encontramos em lados opostos Silva e Ribeiro. As tensões entre os dois se davam de maneira mais incisiva nas intervenções que Alberto Silva sempre procurou fazer na cidade de Teresina, tendo em vista que esse colocava a capital como o ponto de partida para a modernização do estado, sendo muitas vezes considerado além de governador do estado, prefeito de Teresina.

A imprensa escrita piauiense era a maior divulgadora do meio político. Os jornais acabavam por assumir a defesa e o ataque de determinado político, assim aconteceu com Alberto Silva e com Joel Ribeiro. Como já foi colocado, Alberto Silva tinha o apoio de jornais

⁶⁸Petrônio Portella Nunes, nascido em Valença do Piauí, em 12 de setembro de 195, falecido em Brasília em 6 de janeiro de 1980, foi advogado e político brasileiro. Foi ministro da Justiça do Brasil de 1979 a 1980, senador da República por duas vezes. Governador do Piauí nos anos de 1963 a 1966, prefeito de Teresina nos anos de 1959 a 1963 e deputado estadual pelo Piauí nos anos de 1954 a 1958.

como O Dia e O Estado, jornais que acabaram por serem considerados os mais bem estruturados do período, não coincidentemente, sabendo que Silva iniciou uma espécie de patrocínio para a imprensa local, abrindo assim espaço para a publicação de matérias que enaltecessem os atos administrativos do executivo estadual.

Assim como os jornais O Dia e O Estado publicavam diariamente matérias elogiosas ao governador, o Jornal A Hora tecia elogios à administração de Joel Ribeiro, no entanto, passando pelo crivo da censura, a oposição ao governador era feita de maneira leve e muitas vezes velada. O Major Ribeiro é um homem com características um pouco diferenciadas de Alberto Silva, aquele não apostava muito na autopromoção ou na propaganda.

Ao contrário de Silva, Ribeiro procurava se promover de maneira sutil, e por não ter o apoio de grandes jornais essa propaganda era mais contida. Alberto Silva por possuir uma equipe política grande e profissionalizada acabava por aproveitar qualquer feito ou faísca para torná-los grandes e levá-los ao nome do governador. Não se obteve notícias de que Joel contasse com esse aparato, entretanto não se quer dizer que isso não existia.

O jornal supracitado apoiado pelo Major indicava de maneira clara em algumas matérias que o prefeito da cidade “não faz obras para marcar seu nome.”⁶⁹ No entanto, pode-se ainda considerar essa manchete como uma forma de propagandear, se pensarmos que isso pode ser considerado um adjetivo ao prefeito, em oposição ao governador do estado, é possível pensar nesse título como uma maneira de dizer ao povo que o que Joel Ribeiro fazia por Teresina era pensando no bem estar da população, e não por uma promoção ou vaidade pessoal. E ainda pela fala do Major, “os militares não tinham uma noção de marketing, não é da natureza militar o autoelogio.”⁷⁰ Essa fala se refere ao contexto da instauração do regime militar no Brasil, sobre a afirmação da nova forma de governo. Entretanto, Joel como militar reformado está incluído nessa característica, citada pelo mesmo, e ainda considera-se que a estratégia de falar mal ou desqualificar o adversário é uma maneira de propagandear para si, pois, ao mesmo tempo, que ataca o adversário atrai para si os olhares.

A autoafirmação do regime militar se deu pela propaganda e pelo autoelogio. Para tanto procurava-se mostrar nos meios de comunicação os feitos dos novos administradores, as taxas de crescimento do país, verdadeiras ou falsas, eram divulgadas. A indicação de Joel Ribeiro ao executivo municipal não possuiu ruídos ou oposições, o que houve foi, após a ascensão à

⁶⁹JOEL diz aos vereadores que não faz obras para marcar seu nome. **A Hora**, [s.p.] 13 mar. 1973.

⁷⁰RIBEIRO, Joel da Silva. Teresina 5 dez. 2006. **Entrevista** concedida a Francisco Alcides do Nascimento, Laércio Barros Dias e Regianny Lima Monte, 2006.

prefeitura, certo desconforto por parte do governador do estado, pois este não foi consultado em relação à indicação.

Em entrevista, Joel afirma que naquele momento ele era o homem mais preparado para assumir a cidade, tendo em vista sua atuação no exército brasileiro, mas também informa que sua indicação muito se deu pela sua atuação, ainda no Exército, na construção da BR-316 e outras vias no Piauí, o que lhe deu certo reconhecimento. A sua indicação se deve também ao nome da família a que pertence, reconhece a importância de fazer parte de uma família de renome no estado, família que, segundo o ex-prefeito, descende dos fundadores da cidade de Jerumenha-PI. Em relação às tensões existentes entre o governador e o prefeito o qual afirma que estas se davam pelo fato de estar trabalhando por Teresina.

Como eu estava desempenhando, com honestidade e respeito ao dinheiro público, um serviço eficaz na cidade, o povo se voltou para o nome de Joel Ribeiro e aquilo devia ferir profundamente a vaidade do governador, creio que o problema está aí. Era um confronto meio silencioso. Eu não botava meu nome numa placa, pergunte as pessoas da época, nunca inaugurei uma obra, nem teve o nome ‘Administração Joel Ribeiro’, isso não existia, eu botava ‘A Prefeitura de Teresina’. Também, eu fiz isso com uma certa sagacidade pra não aumentar, agravar um relacionamento que já estava difícil. E ele viu que eu estava trabalhando, ele percebeu que eu estava trabalhando e que a imprensa me tratava bem.⁷¹

Percebem-se através da fala do entrevistado os atritos existentes entre os dois administradores. Percebe-se também que os atritos estavam localizados no fazer uma imagem de grande administrador, tendo em vista que Joel relaciona a Alberto Silva esse desejo e isenta-se do mesmo, porém coloca que foi mais efetivo na forma de administrar, discurso que se assemelha aos encontrados nos jornais que eram considerados a seu favor. E ainda, se coloca como um homem que fazia o possível para apaziguar a situação de intrigas.

Entretanto, da maneira como Joel Ribeiro expõe sua fala, é possível entender que a imprensa colocava a seu respeito notícias fruto de uma verdade, era o que realmente estava sendo feito por ele, no entanto, jornais como O Dia e Jornal do Piauí procuravam elevar a imagem de Alberto Silva e diminuir os feitos de Joel, assim pode-se aferir que não era a imprensa como um todo que estava ao lado do prefeito, mas sim aquele jornal que se colocava do seu lado, no caso o Jornal A Hora. Também não se pode perder de vista que, os jornais

⁷¹RIBEIRO, Joel da Silva. Teresina 5 dez. 2006. **Entrevista** concedida a Francisco Alcides do Nascimento, Laércio Barros Dias e Regianny Lima Monte, 2006.

estarem ao lado desse ou daquele administrador continha desejos políticos, financeiros que traziam ganhos aos periódicos.

Enquanto prefeito de Teresina, Joel Ribeiro levou a cabo diversas obras que contribuíram para que a cidade se tornasse uma capital sem os ares interioranos que possuía. Foram obras de infraestrutura que deram suporte para o ideário de modernização e progresso impresso nos jornais, nas rodas de conversa, na arquitetura, no cinema, no teatro. Foram obras que partiram da cabeça de um engenheiro e que, portanto, são consideradas por ele fundamentais para que Teresina tenha se tornado o que se tornou. Da mesma maneira que Alberto Silva colocou-se na memória teresinense fundamental para o crescimento da cidade, Joel Ribeiro fala de suas realizações como um passo pioneiro, tendo em vista que as administrações anteriores nada tinham feito nesse sentido.

Faz-se necessário inventariar as ruas e avenidas construídas ou que tiveram sua pavimentação asfáltica realizada por Joel Ribeiro, procurando deixar claro a importância dessas ruas para o desenvolvimento da cidade, tendo em vista que se pretendia construir um anel viário na capital. O plano que regia a maior parte dessas obras era o PDLI (Plano de Desenvolvimento Local Integrado), esse plano fazia parte de um projeto maior do governo federal que visava modernizar as capitais brasileiras. E antes mesmo de assumir a prefeitura, Joel Ribeiro se reuniu com colegas que comporiam a sua equipe para montarem um plano de obras para Teresina. Essa equipe contou com a participação de Antônio Avelino Rocha de Neiva, economista, Cláudio Almeida, formado em Direito e Administração, Estevão Bezerra de Carvalho e Raimundo Dias, juntos construíram um plano de trabalho para a administração do Major, onde, segundo ele, o único plano que não se concretizou foi o Palácio das Artes, circuito que incluiria o Teatro 4 de Setembro⁷² e a Praça Pedro II em um arcabouço maior de manifestações culturais.

Assim sendo, para a concretização do Anel Viário de Teresina foram construídas a Avenida Maranhão, partindo da Ponte Metálica até a Avenida Joaquim Ribeiro, a Miguel Rosa-Norte e a Avenida José dos Santos e Silva. Na zona norte da cidade, a Avenida Rui Barbosa, Santos Dumont – nessa foi realizada apenas a pavimentação asfáltica – Avenida União, Magalhães Filho e Alameda Parnaíba. Partindo para a zona sul, especificamente no bairro Piçarra, a Avenida Higino Cunha, Avenida Pinel, Jacob Almendra, São Raimundo, Lineu Araújo, Avenida Marechal Castelo Branco e seguindo um pouco mais para o extremo sul, a Avenida Industrial Gil Martins, nações Unidas, Walter Alencar que recebeu essa denominação

⁷²É o principal teatro da cidade de Teresina, inaugurado em 21 de abril de 1894. A planta do teatro foi projetada por Alfredo Modrak. Foi tombado pelo Governo do Estado em 1994.

porque passava, e ainda passa, em frente a central de Telecomunicações TV e RÁDIO CLUB⁷³, Avenida Pedro Freitas e ainda a Miguel Rosa-Sul. Na zona leste, as Avenidas Nossa Senhora de Fátima, Jóquei e Dom Severino.⁷⁴

Essas obras marcaram o imaginário teresinense considerando que contribuíram para o desenvolvimento e crescimento da cidade, assim, o escoamento do fluxo do trânsito no centro da capital passou a ocorrer de forma mais tranquila. Entretanto, para a maior parte dessas realizações, foi necessária a desapropriação de inúmeras famílias, e essa também foi uma marca que, sobre a imagem de Joel Ribeiro, ficou gravada nos quadros da memória dos teresinenses. Ao longo da construção de algumas dessas vias, o remanejamento de pessoas que moravam em terrenos que eram destinados às ruas em planejamento da prefeitura, em terrenos destinados a praças, ou em áreas onde foram construídas avenidas, ou duplicadas foi acontecendo de maneira diária e vigorosa. O prefeito criou uma força tarefa para resolver problemas relacionados ao remanejamento dessas pessoas. Daí, percebe-se a firmeza desse administrador, quando este nos diz o que instruiu o seu funcionário a fazer no que diz respeito a algumas desapropriações para o seguimento da Avenida Maranhão.

[...] olhe, nós vamos fazer o seguinte: Nós só vamos desapropriar o necessário, se precisar de cinco metros, nós desapropriamos cinco, e com o material da fachada, nós fazemos uma fachada igual, do jeito que é aqui, com o mesmo material da fachada, aproveitando porta e tudo. O comerciante vai ficar satisfeito porque continua trabalhando lá, sendo importunado por poucos dias, recebe a indenização da frente e a casa um pouco reduzida nas suas dimensões.⁷⁵

Essas desapropriações na fala do Major Ribeiro foram tranquilas, pois ele as conduziu de maneira justa, tendo em vista que a maioria dos moradores tinham suas residências instaladas, entretanto não possuía título de posse do imóvel, dessa forma a prefeitura indenizou o responsável apenas pelo valor da casa, ou do ponto comercial, e doando um novo terreno em uma área da cidade, mais afastado, que, como já foi citado, deu vida a novos bairros.

Entretanto, o prefeito considera justo pagar pelo valor do terreno, o que não foi considerado pelos moradores, tendo em vista que essas pessoas saíram de zonas centrais para áreas periféricas, e ainda o valor afetivo da residência e do local de moradia. Incluído nesses

⁷³A TV Clube se tornou a primeira emissora de TV do Piauí. Foi fundada pelo engenheiro e professor Walter Alencar que também era dono da Rádio Clube de Teresina. A TV Rádio Clube de Teresina foi inaugurada em 3 de dezembro de 1972.

⁷⁴Sobre o assunto, ver RIBEIRO, Joel da Silva. Teresina 5 dez. 2006. **Entrevista** concedida a Francisco Alcides do Nascimento, Laércio Barros Dias e Regianny Lima Monte, 2006.

⁷⁵RIBEIRO, Op. cit.

remanejamentos, podemos citar os sentimentos e os ressentimentos que essas pessoas produziram sobre esse processo, o que trabalhou Regianny Lima Monte em “A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970”.

Regianny Monte em seu trabalho nos mostra algumas controvérsias desse processo modernizador, os ressentimentos que muitas dessas pessoas guardaram sobre esse processo. Enquanto Joel Ribeiro coloca o processo de desapropriação como algo tranquilo e sem manifestações de oposição, Regianny nos mostra como era autoritário e perverso, pois muitas das pessoas entrevistadas deixam transparecer que naquele momento não faziam gosto em sair de suas residências, que ficavam localizadas ou no centro ou próximo ao centro da cidade, para irem morar em uma área longínqua do centro, para os padrões da época, e que não possuía os equipamentos básicos para se viver bem em uma cidade, viés esse que o prefeito não cita em sua entrevista, não faz questão de falar sobre as condições de moradia dessas pessoas.

1.2 A SAÚDE PÚBLICA SOB TENSÃO: O CONTEXTO SAUDÁVEL OU NÃO-SAUDÁVEL DO BRASIL

A década de 1970 foi um período de intensas movimentações da classe médica⁷⁶ brasileira. A classe buscava reformas institucionais voltadas para a garantia dos direitos sociais relacionados à saúde, entretanto, no Piauí, esse movimento não chegou com a mesma intensidade que no restante do país, daí podemos aferir que os direitos sociais não foram atendidos de maneira efetiva. Lembrando ainda que as entidades envolvidas nesse processo de reformas foram alvo de repressão por parte do governo.

A Associação Médica Brasileira assumiu uma posição conservadora, não participando de forma efetiva nas propostas de reformas sanitárias nem na contestação do modelo pragmático das ações de saúde adotadas na prática médica, com grandes inovações tecnológicas, porém sem o pleno acesso das populações de baixa renda, das camadas sociais excluídas na fronteira da exclusão social.⁷⁷

Assim, o acesso das pessoas de baixa renda aos serviços de saúde continuou prejudicado. Na década de 1970 o Brasil ainda vivia sob o Plano Econômico denominado de

⁷⁶ Consideramos os médicos como uma classe, tendo em vista que esses tinham uma consciência de classe e lutava por alguns ideais em comum, tomamos como referência o texto de RAMOS, Francisco Ferreira. **Memorial do Hospital Getúlio Vargas: Contexto histórico-político-econômico-sócio-cultural (1500-2000)**. Teresina: Gráfica do povo, 2003.

⁷⁷RAMOS. Op. cit, p. 230.

Metas e Bases para Ação de Governo (1971). Nesse plano foi definida uma divisão do trabalho entre as ações do Governo Federal e a dos Governos Estaduais e Municipais na área de saúde.

Os principais projetos foram:

- Campanha de erradicação da malária;
- Campanha de erradicação da Febre Amarela;
- Campanha de vacinação contra doenças transmissíveis agudas;
- Integração dos serviços públicos de saúde.

Esses projetos nos mostram o quanto estava em voga a questão da erradicação de algumas doenças que haviam se tornado epidêmicas no Brasil, e o Piauí entrou nesse circuito. A estrutura da administração da saúde no Estado do Piauí estava pautada na estruturação efetivada pela Lei Delegada nº 28, de 24/07/69, que centralizava o poder decisório nas mãos do titular da pasta, afastando um pouco o poder que o Instituto de Assistência Hospitalar do Estado (IAH) detinha, poder esse que se mostrava através da setorização da área hospitalar de saúde curativa.⁷⁸

Ao iniciar a segunda metade do mandato do governador Alberto Silva, a saúde passa a ser pautada pelo Plano de Diretrizes para o Desenvolvimento, que coloca de fato, como prioridade, a interiorização da medicina, fator que foi inserido desde o início de sua administração, mas só no final é que, de fato, foi praticado. Através do Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento do Nordeste – PIASS, programa que tinha como objetivo interiorizar as ações de saúde, percebe-se como benefício um maior esclarecimento da população interiorana sobre os cuidados com a saúde e os seus direitos relativos a ela, entretanto tivemos uma maior procura aos serviços de saúde, e nas cidades do interior do Piauí essa assistência não era satisfatória.

Daí notarmos o maior deslocamento de pessoas para a capital piauiense em busca de atendimento de saúde. Segundo Elias Torres Neto e Viriato Campelo, a rede de assistência médica do estado, no ano de 1971 – primeiro ano de administração de Alberto Silva – estava em uma situação bastante complicada tendo em vista o tamanho do estado.

[...] somente 30 dos 114 municípios piauienses contavam com assistência médica permanente e 22 eram completamente desprovidos de serviços médicos. A rede hospitalar oficial dispunha de 1834 leitos, distribuídos em 30

⁷⁸Sobre o assunto, ver CAMPELO, Viriato (Org.). **A Saúde Pública no Piauí de 1941 a 1991**. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 50.

unidades, todas com funções integradas, desenvolvendo atividades de prevenção, recuperação e promoção de saúde.⁷⁹

Tomando esses dados como referência, pode-se apontar a situação de ineficiência dos serviços de saúde de Teresina, mas que se comparada aos serviços das cidades do interior já estava bastante além. Tendo em vista que a população teresinense já podia contar com o Hospital Getúlio Vargas, que era um hospital de grande porte e boa estrutura no que diz respeito a equipamentos, o resto da população do estado não contava com assistência efetiva à saúde, sendo assim, acabava por procurar em Teresina, considerando também que a cidade já possuía nesse período a notoriedade de ser um polo de saúde.

Eram cada vez mais comum, matérias veiculadas na imprensa escrita sobre as melhorias observadas na cidade, com a consequente projeção da imagem de um lugar das oportunidades, sempre se enfatizando a calorosa receptividade do povo teresinense.⁸⁰

Uma parcela dos migrantes que chegaram a Teresina na década de 1970 veio em busca de melhores condições de saúde, e também educação, moradia, e trabalho. A imagem veiculada de Teresina era de uma cidade que prometia um futuro melhor, uma vida melhor, alimentando sonhos no imaginário de diversas pessoas que vivam em condições empobrecidas no interior do estado, outras que estavam sofrendo com a seca nos estados vizinhos, como Ceará e Maranhão.

Tomando como referência a criação do Sistema Nacional de Saúde na década de 70, foram delegadas as funções para cada instância do sistema administrativo. Neste programa de ações:

[...] ao Ministério da Saúde caberia elaborar planos de proteção à saúde, combater as doenças transmissíveis e fazer o controle sanitário; ao Ministério da Previdência e Assistência Social, a promoção do atendimento médico-assistencial; ao Ministério da Educação e Cultura, formar e habilitar os recursos humanos em nível universitário, com a responsabilidade de manter os hospitais de ensino universitário; ao Ministério do Trabalho, dar efetividade às ações de higiene e segurança do trabalho; às Secretarias de Saúde dos

⁷⁹TORRES NETO, Elias; CAMPELO, Viriato. O Planejamento Governamental e o Setor Saúde In: CAMPELO, Viriato. (Org.). **A Saúde Pública no Piauí de 1941 a 1991**. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 43.

⁸⁰MONTE, Regianny Lima. **A cidade esquecida: (res)sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 35.

estados e territórios, promover atividades de proteção e recuperação da saúde.⁸¹

A partir dessa divisão de tarefas, esperava-se que a atenção à saúde da população fosse feita de maneira mais efetiva, tendo em vista que o plano coloca a importância de promover saúde com a colaboração de todos os ministérios, e dessa forma, auxiliar em qualquer situação da vida do usuário através da assistência.

Durante os anos 70 inicia-se a Segunda Revolução da Saúde, ainda a passos tímidos, pois acreditava-se que o modelo que centrava atenção na doença, não estava respondendo às necessidades do momento. Esse modelo era preconizado na primeira Revolução da Saúde, onde entendia-se que para se ter um indivíduo saudável era preciso focar no tratamento da doença. Com a Segunda Revolução o que se percebe é que se relaciona com o comportamento do indivíduo, sendo que, mantendo hábitos considerados saudáveis poderia reduzir consideravelmente a mortalidade, surgindo, então a noção de estilo de vida. Desejava-se alcançar um modelo que centrasse sua atenção na saúde ao invés da doença.

Percebe-se que a maioria das doenças que acometiam a população era apontada pelo discurso médico como relacionadas ao comportamento das pessoas, assim era necessário disciplinar os comportamentos. Inicia-se, portanto, nos anos 1970 o Movimento de Reforma Sanitária Brasileira, que nos anos iniciais desta década ainda estava nos primeiros momentos de discussões, visto que o momento político em que se estava vivendo não concedia muita abertura para grandes transformações, principalmente para aquelas que quisessem colocar a medicina como uma prática social. Nesse período consolida-se a posição hegemônica da previdência social, a aceleração do crescimento da atenção médica da previdência leva ao esgotamento do modelo e à busca de alternativas racionalizadoras de extensão de cobertura a um custo suportável pelo sistema, aparecendo, então, experiências principalmente em áreas que não interessavam à iniciativa privada. Nestes espaços de medicina comunitária, foi gestado e difundido o movimento sanitário.⁸²

A Previdência Social com a criação do Instituto Nacional da Previdência Social (INPS) propiciou que todo trabalhador urbano com carteira assinada fosse automaticamente contribuinte e beneficiário do novo sistema, o que aumentou consideravelmente a captação de recursos financeiros. A assistência médica foi incorporada aos outros benefícios. No entanto,

⁸¹Sobre o assunto, ver RAMOS, Francisco Ferreira. **Memorial do Hospital Getúlio Vargas**: Contexto histórico-político-econômico-sócio-cultural (1500-2000). Teresina: Gráfica do povo, 2003, p. 230.

⁸²Sobre o assunto, ver BRAGA, José Carlos de Souza; PAULA, Sergio Góes de. **Saúde e previdência**: estudos de política social. São Paulo: Hucitec, 2006.

ao aumentar substancialmente o número de contribuintes e conseqüentemente de beneficiários, era uma tarefa bastante complicada para o sistema médico previdenciário atender a toda essa população. Dessa forma, como o sistema público não tinha condições de atender de maneira satisfatória à população, os recursos passaram a ser alocados para iniciativa privada, com o objetivo de cooptar o apoio de setores importantes e influentes dentro da sociedade e da economia.

Assim, começam a surgir os convênios entre os hospitais privados e o Estado, pagando-se pelos serviços produzidos, em Teresina não foi diferente do resto do país, como exemplo, podemos sugerir o Hospital Casa Mater, privado, mas que recebia pacientes de hospitais públicos. Veremos comprovações dessa realidade mais a frente, onde localizamos notícias de pacientes, infectados por doenças como meningite e tuberculose, internados no hospital supracitado.

No entanto, a assistência às pessoas mais pobres que não trabalhavam com carteira assinada dependia dos recursos do estado em hospitais públicos, e que pelas entrevistas analisadas encontrou-se uma assistência presente. É preciso atentar para o detalhe de que os entrevistados elogiam o atendimento em especial no Hospital Getúlio Vargas, e na maioria foram atendimentos de urgência, quando partimos para perceber as outras nuances do fazer saúde pública, essa assistência passa a ser mais deficiente. Questões como consultas de rotina eram dificultadas ou pela falta de profissionais ou pela distância do Hospital Getúlio Vargas dos bairros periféricos, o que impedia as pessoas de procurarem atendimento.

A ideia de Delfim Neto, crescer para depois dividir com a população não se confirmou. Os pobres ficaram mais pobres e os ricos mais ricos, os pobres passaram a conviver com baixos salários, contidos pela política econômica e pela repressão. O modelo de saúde previdenciário começa a mostrar as suas mazelas:

- Por ter priorizado a medicina curativa, o modelo proposto foi incapaz de solucionar os principais problemas de saúde coletiva, como as endemias, as epidemias, e os indicadores de saúde (mortalidade infantil, por exemplo);
- Aumentos constantes dos custos da medicina curativa, centrada na atenção médica-hospitalar de complexidade crescente;
- Diminuição do crescimento econômico com a respectiva repercussão na arrecadação do sistema previdenciário reduzindo as suas receitas;
- Incapacidade do sistema em atender a uma população cada vez maior de marginalizados, que sem carteira assinada e contribuição previdenciária, se viam excluídos do sistema;
- Desvios de verba do sistema previdenciário para cobrir despesas de outros setores e para realização de obras por parte do governo federal;

- O não repasse pela união de recursos do tesouro nacional para o sistema previdenciário, visto ser esse tripartite (empregador, empregado, e união).⁸³

O que a literatura a respeito das políticas públicas de saúde na década de 1970 informa é que o regime implantado acabou por sucumbir no plano da assistência à saúde devido às medidas no setor econômico.

[...] as características da política social na ditadura militar, no contexto de perda das liberdades democráticas, de censura, prisão e tortura, o bloco militar-tecnocrático-empresarial buscou adesão e legitimidade por meio da expansão e modernização de políticas sociais. O Estado, na busca de conter os conflitos sociais e superar a crise, implementou políticas sociais abrangentes, como a ampliação da cobertura previdenciária. Dessa forma, a previdência social conheceu, nesse período, sua maior expansão em números de leitos disponíveis, com cobertura da massa de recursos arrecadados. Nessa associação entre previdência, assistência e saúde, o governo militar estimulou as políticas públicas como estratégia de busca de legitimidade, abrindo espaço para a saúde, a previdência e a educação privadas, reproduzindo nas políticas sociais as tendências da nova política econômica implementada. A medicalização da vida social foi imposta, tanto na saúde pública quanto na previdência social, e os programas de saúde desenvolveram-se com base no privilegiamento do setor privado.⁸⁴

Nos anos de 1971 a 1975, o setor saúde no Brasil foi coordenado ministerialmente por dois Ministros, Dr. Mário Machado de Lemos que assumiu no ano de 1972 e o Dr. Paulo de Almeida Machado que assumiu no ano de 1974. Mário Machado era adepto do Programa sanitarista-campanhista, assim sendo, privilegiou o combate às doenças infecciosas e parasitárias, a melhoria da produtividade dos estabelecimentos hospitalares e a definição de uma política nacional de alimentação. Essa última posição levou o governo a criar um órgão específico para cuidar dos problemas relacionados à nutrição, o INAM, tendo em vista que mesmo nas regiões mais ricas do país encontrava-se um déficit nutricional na população de baixa de renda.⁸⁵

Ao associar desenvolvimento à saúde, Machado de Lemos postulava uma política médico-sanitária agressiva, sem, no entanto, enfrentar de forma

⁸³POLIGNANO, Marcus Vinícius. **História das políticas de saúde no Brasil** - Uma pequena revisão. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgkO4AE/historia-das-politicas-saude-no-brasil-16-030112-ses-mt-d?part=5>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

⁸⁴SARRETA, Fernanda de Oliveira. As Políticas Públicas de Saúde In: **Educação permanente em saúde para os trabalhadores do SUS**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 248 p.

⁸⁵Sobre o assunto, ver BRASIL. Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde Distrito Federal/Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde. Movimento Sanitário Brasileiro na Década de 70: a participação das universidades e dos municípios – memórias.– Brasília: Conasems, 2007.

determinada os problemas de saúde: basicamente as carências da população brasileira, oriundas da extrema pobreza e da falta de saneamento de água e esgotos, uma vez que para esses problemas o Governo não dava a devida atenção.⁸⁶

Assim sendo, o que se percebe é a adoção de um projeto em que a saúde era fator fundamental para o progresso, no entanto o governo passava a atuar no setor errado, tendo em vista que algumas dessas doenças que afetavam a parcela pobre da sociedade estavam relacionadas à falta de higiene e salubridade das condições de moradia e sobrevivência. Dessa forma, o que ficou como marca da administração ministerial de Mário Machado foi o combate às doenças como a tuberculose, por exemplo, e a decisão de se fabricar no país, além da vacina BCG, a vacina Sabin, na medida em que a paralisia infantil aumentava sua área de incidência. Na tabela abaixo pode ser observado o histórico do orçamento da saúde no Brasil entre os anos de 1964 e 1974.

Tabela 5: Histórico do orçamento da saúde no Brasil (1964-1974)

Anos	Cr\$ Absolutos (milhões)	% do orçamento da União
1964	77	3,65
1968	300	2,21
1970	316	1,60
1974	581	0,90

Fonte: GALACHE; M. ANDRÉ, 1979, p.159.⁸⁷

Na tabela acima, percebemos que apesar de ter um aumento significativo em termos absolutos, nos recursos destinados houve um declínio no investimento em saúde em termos percentuais nos anos iniciais da década de 1970. A tabela contempla o período da administração de Mário Machado, no entanto no ano de 74, considerando o orçamento da União, o que foi investido na saúde não significou nem 1%, assim inferi-se que, a arrecadação do país aumentou

⁸⁶ BRASIL. Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde Distrito Federal/Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde. Movimento Sanitário Brasileiro na Década de 70: a participação das universidades e dos municípios – memórias.– Brasília: Conasems, 2007.

⁸⁷G. Galache & M. André, Brasil: **Processo e Integração** – Estudos dos Problemas Brasileiros. SP: Loyola, 1979, p.159 *apud* BRASIL. Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde Distrito Federal/Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde. Movimento Sanitário Brasileiro na Década de 70: a participação das universidades e dos municípios – memórias.– Brasília: Conasems, 2007.

consideravelmente nesse intervalo. Apesar do que foi investido na saúde naquele ano, não foi um numerário considerável, pois diminuiu de 3,65% para 0,90% não acompanhando o crescimento econômico do período, representando assim um lugar de não muito prestígio ocupado pelo setor de saúde no projeto de desenvolvimento do país. Pensava-se em ter um povo sadio para que o desenvolvimento fosse possível, entretanto não se investia corretamente para que isso se tornasse uma realidade.

Em 1974, assume o Ministério da Saúde o Dr. Paulo de Almeida Machado, no governo de Ernesto Geisel. Esse ministro teve uma difícil tarefa ministerial de combater as epidemias pelo país tomando como referência, principalmente, o aumento da meningite, instituindo assim a Comissão Nacional de Controle da Meningite Menigocócica. No entanto, não conseguiu controlar a epidemia, que só foi controlada em 1979 com a vacinação em massa da população brasileira.

As epidemias tornaram-se preocupantes. Iniciada em 1971, a epidemia de Meningite passou a se alastrar pelo país atacando os bairros da periferia. O posicionamento do governo diante da epidemia foi utilizar-se da censura para mascarar o problema impedindo que os meios de comunicação alertassem a população, evitando, assim, qualquer forma de manifestação ou de solicitação de providências. Apenas em 1974, quando ocorreu um súbito aumento no número de mortes ocasionadas pela doença, as autoridades médicas admitiram a epidemia, entretanto informando que esta não estava relacionada às más condições de vida da população.⁸⁸

Tabela 6: Estatísticas dos atendimentos registrados no ano de 1974 pelo Hospital de Doenças Infecto-contagiosas em Teresina

Doenças	Número de casos	Número de casos fatais
Meningite	223	32
Tétano	42	17
Difteria	38	7
Hepatite	87	14
Febre Tifóide	—	—
Outras doenças (sarampo, tuberculose e outras)	100	20

Fonte: **O Dia**, 5 out. 1975, p. 08.⁸⁹

⁸⁸Sobre o assunto, ver BERTOLLI FILHO, Cláudio. **História da Saúde Pública no Brasil**. São Paulo: Ática, 2008.

⁸⁹DOENÇAS preocupam autoridades. **O Dia**, Teresina, v. XXIV, n. 4323, 5 out. 1975, p. 08.

Percebemos através da tabela 4 a variação das doenças registradas no período e como a meningite sobressaía-se em relação às outras, tanto em número de casos registrados como em número de casos fatais. Vale ressaltar ainda, que o Hospital Casa Mater também realizava atendimentos às pessoas acometidas por essas doenças, possibilidade que pode aumentar as estatísticas.

A população pobre era a mais acometida por essas doenças devido, como já foi colocado, às más condições sanitárias e higiênicas e até a má alimentação, fazendo com que essas pessoas fossem consideradas perigosas para a elite política, econômica e intelectual da cidade. Assim, a população pobre de Teresina passa a ser o alvo principal de medidas disciplinadoras.

O pobre é uma ameaça pelo potencial destrutivo quando se apresenta na forma coletiva [...] é ainda uma ameaça à sua própria saúde e a dos outros habitantes da cidade: seus corpos sujos e fracos seriam vítimas fáceis das doenças; o lugar onde se abrigam para descansar constituiria o meio ambiente mais propício à produção de miasmas e ao aparecimento de doenças epidêmicas.⁹⁰

Dessa forma, fazia parte do projeto de desenvolvimento do país controlar a população pobre e discipliná-la para que não continuasse a transmitir doenças. O cidadão brasileiro deveria estar sadio para contribuir com o progresso da nação, bem como para desfrutá-lo.

[...] Maria do Socorro Santos, estudante de 20 anos de idade [...] *teve que amputar as pernas* depois de ter sido atacada de gangrena, provocada pela meningite [...] A doença *além de matar em 24 horas*, se não houver socorro urgente provoca distúrbios circulatórios, como ocorreu com a estudante, motivando o aparecimento de gangrena nas pernas.⁹¹ (Grifo nosso).

A vacinação em massa, iniciada em 1974, chegou ao Piauí. Os jornais da capital informavam quase todos os dias sobre as mortes em todo o estado por Meningite, e ainda de maneira sensacionalista, devido os termos utilizados nas reportagens, procuravam chocar a população.

Com a diminuição das verbas destinadas ao Ministério da Saúde no período em estudo, muito do que devia ser feito relativo à prevenção de doenças que afetava a população pobre, ocasionadas pela falta de saneamento básico, ou de água tratada ou tratamento de esgotos, foi

⁹⁰BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 27.

⁹¹EFEITO da meningite. **O Dia**. 09 e 10 jun 1974. Capa.

deixado em segundo plano em detrimento a serviços prestados por hospitais particulares e para campanhas de vacinação. Nesse período, houve um aumento significativo no surgimento de hospitais particulares pelo país, os quais passaram a atender pessoas com baixo poder aquisitivo, contudo recebendo uma contrapartida do governo pelo serviço prestado.

A participação do Ministério da Saúde na assistência médica para preservação e recuperação da saúde era reduzidíssima. Havia preocupação tão somente com os aspectos higiênico-sanitários, muitos deles inseridos nos movimentos campanhistas [...] que foram sendo desativadas pelos princípios revolucionários e passada a responsabilidade para os estados e municípios, os quais recebiam ajuda sob a forma de assinaturas de convênios. A preservação e a recuperação da saúde estavam sob a responsabilidade dos estados e municípios. Este talvez tenha sido o principal fator que fez criar um vigoroso sistema de atendimento médico-assistencial e médico-hospitalar nos institutos de previdência social.⁹²

A atenção à saúde em Teresina estava dividida, entretanto maior parte dos hospitais existentes na cidade nos anos de 1971 a 1975 eram de responsabilidade do governo do estado, o poder municipal participava em forma de colaboração. A rede hospitalar teresinense era composta por hospitais públicos e alguns hospitais particulares, que atendiam pacientes oriundos da parcela pobre da população por meio de convênios. A rede hospitalar da capital piauiense era formada pelo Hospital Getúlio Vargas, Maternidade Evangelina Rosa, Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas, Hospital Areolino de Abreu, Hospital do Câncer, que depois mudou a denominação para Hospital São Marcos (hospital de cunho filantrópico, à época) e Hospital Santa Maria. Encontramos através dos jornais notícias relacionadas à higiene e limpeza da cidade e das pessoas que a habitavam, o que é possível perceber é que essas questões estavam a cargo do poder executivo municipal, sendo essa a responsabilidade do município frente às questões relativas à saúde pública.

Manter a cidade limpa, sem a presença de lixo nas principais ruas, manter o mercado público e as feiras livres com aspectos salubres, não permitir a circulação de animais nas ruas e avenidas, ou ainda vigiar as coroas dos rios, locais de sociabilidades de frequência intensa por parte dos pobres urbanos da cidade, garantir as condições para que os habitantes da cidade pudessem usufruir de banhos diários, condições dignas de moradia, essas eram medidas que faziam parte do fazer saúde pública no Brasil, pensando no momento em que a medicina

⁹²RAMOS, Francisco Ferreira. **Memorial do Hospital Getúlio Vargas** -contexto histórico -político -econômico -sócio -cultural (1500-2000). Teresina: Gráfica do povo, 2003. p. 232.

preventiva⁹³ estava começando a ganhar força, e considerando que a medicina curativa⁹⁴ ainda contava com um programa de imunização, o que não deixa de fazer parte de um projeto de progresso e desenvolvimento.

2 MUDAR PARA CRESCER: O DISCURSO MÉDICO-SANITARISTA NA IMPRENSA DE TERESINA ENTRE 1971 E 1975

Fazer imprensa no Brasil, por muito tempo, ou quase sempre, foi sinônimo de fazer valer o interesse das elites, fossem eles econômicos, intelectuais ou políticos, por esse motivo os jornais foram desprestigiados, por algum tempo, enquanto fonte pelos historiadores. Os jornais, como qualquer outra fonte, são produzidos por um sujeito que fala de um lugar social e que coloca muito de suas paixões, de suas ideologias e de seus interesses, entretanto os historiadores ao alargarem seu olhar para o que pode ser fonte de pesquisa passaram a perceber que, como qualquer outra fonte, o jornal deve ser criticado, lido a contrapelo⁹⁵.

Dessa forma, o jornal passa a ser considerado como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, que não está isolado da realidade no qual está inserido e nem alheio aos interesses que o cercam, não sendo tomado como um mero veículo de informações. Assim, podemos notar o que preconiza Jürgen Habermas, a imprensa atua como um órgão a serviço da máquina administrativa, publicando matérias elogiosas, construindo a imagem pública de, no caso, um certo administrador.

[...] o governo continuou investindo maciçamente em comunicação. O que podemos constatar no estado do Piauí, durante os anos de 1970, é que os jornais começam a melhorar os seus parques gráficos; os jornais começam a ganhar volume e a melhorar a sua qualidade de impressão, de modo que, ao mesmo tempo conseguem melhorar a sua rentabilidade. Como é verificável em âmbito nacional, os jornais possuem neste momento uma dependência

⁹³O termo Medicina Preventiva deve ser entendido como sinônimo de Promoção da Saúde, a qual segundo a Carta de Ottawa (OMS, 1986) consiste no processo que visa criar condições para que as pessoas aumentem a sua capacidade de controlar os fatores determinantes da saúde, no sentido de a melhorar. Sobre o assunto, ver HESPANHOL. A Medicina Preventiva. In: **Revista Portuguesa Clínica Geral** – Dossiê: A ética em MGF. p 49-64.

⁹⁴A medicina curativa como o nome prediz, está voltada para a cura da doença, em detrimento da promoção da saúde. Sobre o assunto, ver MARTINS, Alexandre Cotovio. **Medicina curativa, medicina paliativa, regimes de ação e modalidades de constituição do laço social entre médico e doente: uma breve abordagem**. Disponível em: <<http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/736/1/Medicina%20curativa.%20medicina%20paliativa.%20regimes%20de%20ac%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 10/02/2015 as 09:10 hr.>. Acesso em: 10 fev. 2015.

⁹⁵Sobre a temática de leitura a contrapelo pelos historiadores ver BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

financeira do Estado, pois este se tornou o principal anunciante dos jornais. Os jornais, não tendo estrutura econômica suficientemente larga para se manter, buscaram estabelecer uma relação de ‘mutualismo’ com o Estado. Dando origem, desta forma, às assessorias de comunicações, que são criadas e estabelecidas. Começa, então, a surgir uma prática popularmente conhecida como *release*. Mas O que é o *release*? O *release* não é nada mais que um pagamento mensal, realizado pelos governos, para que o jornalista informasse sobre as ações do Estado.⁹⁶ (Grifo nosso)

Pode-se notar que os jornais teresinenses receberam subsídios do governo, e por conta disso se colocavam a disposição para elevar a popularidade do mesmo, isso é o que se observa na linha editorial dos impressos. Como já foi inferido, os jornais *O Dia* e *O Estado* recebiam certos investimentos do estado e por conta disso e de jogos políticos trabalhavam para promover o então governador Alberto Silva. No caso do jornal *A Hora*, o que se percebe é uma aliança para a promoção do prefeito de Teresina Joel Ribeiro. Este teve a sua imagem mais aquém do que a do governador por conta de jogos políticos, onde o grupo político pelo qual Alberto Silva era apoiado, mostrava-se mais forte que o de Joel.

Para o estudo de temas relacionados às cidades, os periódicos jornalísticos tornaram-se importante fonte de pesquisa, tendo em vista que as transformações urbanísticas, a difusão de novos hábitos e valores, as intervenções em nome da higiene são algumas das variáveis que podemos encontrar nos jornais que nos permitem ter uma certa visão da cidade.

O século XX trouxe consigo mudanças em todos os aspectos da vida em sociedade, o Brasil não ficou de fora dessas transformações, ao contrário, aproveitou-se delas das mais variadas formas e intensidade. Com a imprensa não foi diferente.

[...] velocidade, mobilidade, eficiência e pressa, tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado de informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração. Os jornais diários profissionalizavam-se sem perder o caráter opinativo e de intervenção na vida pública. [...] aos imperativos ditados pela busca de produtividade e lucro aliava-se a intenção de oferecer aos consumidores uma mercadoria atraente, visualmente aprimorada, capaz de atender a crescente *classe média urbana e dos novos grupos letrados*.⁹⁷ (Grifo nosso).

Dessa forma, podemos perceber o movimento da imprensa jornalística no Brasil, tendo em vista esse momento de modernização que o século XX proporcionou. Entretanto, os jornais

⁹⁶ LIMA, Albert Aurélio. **DO PRELO AO OFF-SET**: modernização e práticas dos jornais escritos em Teresina na década de 1970. 2013. 67 pags. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) - UFPI, Teresina, 2013.p 51.

⁹⁷ LUCA, Tânia Regina de. História do, no e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 137-138.

não perderam o seu cunho opinativo e de intervenção na vida pública, e ainda consagraram-se como um meio de comunicação, ainda nesse período, voltado para o público urbano, e ainda, para a classe média, deixando evidente a exclusão da parcela pobre da sociedade que não era letrada, e, portanto, não tinha esse meio de comunicação como um instrumento em que tivesse voz. Ao contrário, o que se percebe é que os pobres se faziam presentes nos jornais diários sim, mas como algo que devia ser combatido, afastado, pessoas que, na maioria das vezes, apareciam nos jornais como ladrões, vagabundos, gente miserável, suja e fedorenta, tipos e características que não agradavam a elite econômica e letrada.

Historicamente a imprensa pode ser avaliada a partir de três fases, aqui é tomado como referencial Jürgen Habermas quando este discute o papel social da imprensa, no que diz respeito à propaganda na esfera pública, dessa forma, temos a primeira fase, em que havia um interesse puramente comercial, algo bem artesanal, mas que o lucro era o mote da questão, uma imprensa apenas de informação, imprensa de recados. Na segunda fase já temos uma imprensa opinativa, em que a intenção de obter lucros ficou em segundo plano. Na terceira fase a imprensa passa a ser uma instituição pública, e que prolonga as discussões do público politizado, considerada pelo autor e por nós, uma empresa a serviço do poder público.⁹⁸

Assim, acredita-se no papel da imprensa nesta pesquisa como uma instituição a serviço da esfera pública, que na década de 1970, de maneira velada, recebia o apoio da administração pública para modernizar seus parques gráficos e para continuar com as publicações, não generalizando, porém, mesmo a contragosto e, mesmo não sendo a vontade de seus editores e jornalistas, publicavam reportagens elogiosas aos governos, não fazendo oposição ou denúncias, tendo em vista o momento em que o país estava vivendo, momento este que estava coberto por uma intensa censura⁹⁹ aos meios de comunicação.

⁹⁸Sobre o assunto, ver JÜRGEN, Habermas. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Trad. de Fábio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

⁹⁹Em um primeiro momento, entre 1968 e 1975, a censura assume um caráter amplo, agindo indistintamente sobre todos os periódicos. De 1968 a 1972 tem-se uma fase inicial em que há uma estruturação da censura, do ponto de vista legal e profissional, e em que o procedimento praticamente se restringe a telefonemas e bilhetes enviados às redações. Na segunda fase (de 1972 a 1975) há uma radicalização da atuação censória, com a institucionalização da censura prévia aos órgãos de divulgação que oferecem resistência. Observa-se que em parte desse período o regime político recrudescer em termos repressivos, momento em que o controle do Executivo pertence aos militares identificados com a “linha-dura”. O ano de 1972 marca a radicalização e a instauração da censura prévia, e coincide com a discussão da sucessão presidencial que levará à escolha do general Ernesto Geisel, oriundo da ala militar da “Sorbonne” e que terá uma grande dificuldade de aceitação por parte dos militares da “linha-dura”. Estes prosseguirão controlando altos cargos (por exemplo, o Comando do II Exército em São Paulo), durante algum tempo. [...] Entre 1968 e 1978, a censura política à imprensa escrita no Brasil agiu de duas formas: através de telefonemas, anônimos ou não, de ordens escritas, apócrifas ou não, encaminhadas às redações dos jornais, e de acordos fechados com os proprietários de grandes órgãos de divulgação, ou através de censura prévia. AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado**

A informação jornalística era parte importante desse processo (*processo de legitimação do regime e de vigilância da sociedade*), pois se mostrava como uma forma de controle, de reverberar ações, mas também, [...] uma forma de agilizar a circulação da informação, tornando-se a mídia impressa uma importante fonte documental aos órgãos de informação.¹⁰⁰ (Grifo nosso).

Dessa forma, a imprensa jornalística coloca-se a serviço do governo, intencionalmente ou não, por meio da repressão, da censura realizada pelos órgãos do governo e aquela realizada dentro das oficinas dos jornais, pelos próprios editores. A imprensa escrita nesse momento, em Teresina, é utilizada para incutir a ideia de progresso no imaginário social, reforçando ideologias, disseminando ideias, produzindo sentidos aos discursos governistas, aos discursos de cronistas.

Já os articulistas informavam diariamente os crescentes investimentos do governo, mas também faziam denúncias sobre falta de equipamentos públicos eficientes, falta de água tratada, falta de calçamento em ruas, vegetações invadindo as principais avenidas da cidade, surtos epidêmicos, enfim, eram muitas as denúncias. Entretanto, o que observamos e consideramos é que essas denúncias não tinham apenas o objetivo de informar o descaso por parte do governo, mas o que parece mais evidente é a intenção de reforçar a ideia de que aqueles problemas não deveriam existir em uma cidade que se queria moderna e que caminhava rumo ao progresso, consequentemente alertando os administradores.

Em contraposição a esses problemas demonstrados, a imprensa também faz elogios às políticas públicas relacionadas à saúde da população em geral, como por exemplo, a dedetização das residências com o intuito de impedir a proliferação de insetos que causavam doenças, em especial na parcela pobre da população, pois a maioria das casas era de material rústico, como barro e palha, edificações que facilitam a disseminação desses insetos, bem como as campanhas de vacinação para conter surtos de doenças, entre outras iniciativas. James William Goodwin Junior nos dá a dimensão do papel da imprensa enquanto difusora de um ideal de cidade, de comportamento, entre outros.

A Belle Époque difundiu ideias e conceitos sobre progresso e civilização, tendo no espaço urbano sua síntese mais visível, notadamente em países economicamente periféricos. A imprensa teve papel destacado na propagação desses conceitos urbanos, com ênfase sobre o comportamento dos cidadãos.

autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência - O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999. p.210, 223.

¹⁰⁰LONGHI, Carla Reis. Vigilância e visibilidade: estratégias de controle da ditadura civil-militar In: **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 15, n. 22, 2014, p. 92-113.

Das diferentes seções dos jornais, as páginas de anúncios eram vitrines de papel: produtos, valores e hábitos relacionados a essa nova vivência estavam ali estampados.¹⁰¹ (Grifo do autor).

Em Teresina, pode-se observar a imprensa também como uma vitrine, no que diz respeito à saúde pública, difundido campanhas de vacinação, campanhas de higiene nos mercados públicos, fazendo reportagens que mostram a importância do médico, muitas vezes enaltecendo as obras do governo e em outras mostrando o descaso que existia nos hospitais públicos com as pessoas pobres. Percebe-se assim, os valores que permeavam o imaginário social, valores de medicalização, corpos dóceis, limpos e saudáveis para estarem em consonância com a cidade moderna. Entende-se essas reclamações como uma maneira de chamar a atenção dos governantes para a importância de medicalizar essas pessoas.

O período que está sendo aqui trabalhado foi profundamente marcado pelo intuito propagador e formador de uma opinião pública, nesse sentido, a imprensa trabalha para legitimar uma forma de governo, e a propaganda se torna “a alma do negócio”, em todos os setores da máquina administrativa. Fazer imprensa nesse período, no Brasil, era se submeter ao crivo da censura, e, assim, engessar a propaganda do governo, como já foi citado.

A fonte jornalística tem o poder de disseminar ideias e homogeneizar o imaginário de uma época. O historiador José D'Assunção Barros argumenta que “o imaginário é algo que faz parte do cotidiano dos indivíduos e se faz tão presente quanto aquilo a que atribuímos o valor de real ou considerado como algo concreto.”¹⁰² É a formação desse imaginário que se procura analisar, o que norteia as práticas do cotidiano dos indivíduos teresinenses. Assim, percebe-se que existiram em Teresina, na década de 70, em especial, basicamente dois imaginários. Um que pertencia à camada mais abastada da sociedade e outro que pertencia à camada pobre, esses dois imaginários coexistiam e se conflitavam, tendo em vista que a elite econômica e intelectual teresinense considerava os pobres urbanos como um empecilho ao progresso. Através dos jornais e das entrevistas, pode-se localizar estes dois imaginários, por parte das elites é notável um imaginário de progresso e desenvolvimento, e por parte das pessoas pobres não foi identificado, como prioridade, as mudanças na capital.

Dessa forma, aludi-se ao historiador Jules Michelet quando coloca o imaginário não apenas como local de expressão de expectativas e sonhos, “mas também como o lugar de lutas

¹⁰¹GOODWIN JUNÍOR, James William. Anunciando a civilização: imprensa, comércio e modernidade fin-de-siècle em Diamantina-MG In: **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n. 3, dez 2007. p.97- 117. São Paulo: EDUC.

¹⁰²BARROS, José D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2009.

e conflitos, entre os grupos sociais com recursos e os desprovidos de bens.”¹⁰³ E aí pode-se perceber o que é a cidade moderna, cidade de contradições, cidade de desejos, anseios, paradoxos. Viver em uma cidade moderna é viver entre o novo e o velho, o bem e o mal. Homens e mulheres procurando fazer parte desse processo e, enfim, se sentirem em casa.

As notícias de primeira página se repetem quase que cotidianamente nos jornais que circulavam na cidade mostrando o quão intrínseco era a relação entre modernização, saúde e progresso. Pode-se também encontrar cotidianamente artigos empregando termos como modernização, progresso, higienização, o que pode significar uma aliança tácita entre governo e imprensa escrita, visando massificar a ideia de transformação da cidade em uma cidade moderna, limpa e higienizada.

Dessa relação íntima entre esses termos, podem-se analisar algumas reportagens encontradas em alguns dos jornais da cidade, mostrando o intenso trabalho que estava sendo feito em relação à higiene, educação sanitária das pessoas, em especial dos comerciantes e usuários do mercado central. Avalia-se que este foi um local estratégico para esse processo de trabalho pelo fato de que estava, e ainda estar, localizado no centro da cidade, no coração de Teresina, e tem ao seu redor prédios que abrigavam órgãos do poder público, como a Prefeitura, o Hotel Piauí, que era o único que possuía as condições mínimas para receber os visitantes, isso segundo a imprensa e o governo do estado, e ainda a Praça Conselheiro Saraiva, conhecida como Praça da Bandeira, ponto de visitação. Acrescentando ainda, que essa campanha abarcava todos os vendedores de produtos alimentícios de Teresina, ressaltando que essa foi uma medida levada a cabo em convênio de Governo do Estado e da Prefeitura de Teresina.

O titular da pasta da saúde disse que a campanha não será repressiva, mas essencialmente instrutiva, dentro do Código de Postura da Prefeitura Municipal de Teresina e que será levado em conta o problema social, apesar da severa fiscalização que será exercida durante a campanha.¹⁰⁴

Utilizar os jornais para difundir essas campanhas de higienização e cuidado com os produtos alimentícios corroboram com esse projeto que alia higiene, saúde e progresso, assim como a perseguição à venda da carne da “moita”, pois esse tipo de carne não possuía a devida fiscalização para comercialização e, assim, contribuía para a disseminação de doenças. Esse tipo de produto merecia fiscalização desde o momento do abate do animal, do transporte e da

¹⁰³BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social** apud CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. As reflexões sobre o Imaginário Social. 2011.

¹⁰⁴CAMPANHA de educação sanitária para vendedores e alimentos. **O Dia**, p. 8, 20 ago. 1971.

comercialização do produto final, e os jornais da cidade alertavam diariamente para a necessidade de fiscalização não apenas nos mercados públicos ou nas feiras livres, bem como nos abatedouros. A pauta dos cuidados com os alimentos foi bastante trabalhada nos anos contemplados pela pesquisa, 1971 a 1975, corroborando com a tese que para o Piauí se desenvolver e progredir, a capital enquanto cartão-postal deveria ser limpa, higiênica e com habitantes saudáveis.



Figura 03: Título de matéria de primeira capa sobre saúde e progresso.
Fonte: **O Dia**. Teresina, 17 out. 1971. Caderno de Domingo. p. 01



Figura 04: Matéria sobre relação entre saúde e progresso.
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 11., 15 mar. 1973.

As figuras 03 e 04 dão a dimensão desse projeto de progresso e crescimento e da aliança entre essas categorias. Considera-se intenso o papel da imprensa teresinense nos anos de 1971 a 1975, no sentido de disseminar ideias de saúde e modernização, cuidando para que os objetivos dos governantes fossem atingidos. Percebe-se o tamanho da importância desse projeto de desenvolvimento, ganhando uma matéria de capa, em um dos jornais de maior circulação da cidade, com título em letras garrafais, rendendo uma matéria de duas páginas, pensando ainda que a figura 03 é de uma matéria do início da administração, tomando assim como uma proposta, algo que deveria ser pensado e discutido para o bom desenvolvimento do estado.

Ao fim da matéria, concluí-se que esse projeto era algo macro que abarcava o estado do Piauí, e Teresina, mais uma vez, era colocada como a locomotiva do progresso. Era necessário reconstruir o imaginário dos habitantes da urbe capital, pois a população teresinense poderia ser considerada como um espelho para as demais cidades piauienses, assim como o modelo de cidade que Teresina passava.

Os jornais mostravam-se como a vitrine em que a administração pública poderia atuar para a reconstrução do imaginário teresinense, a figura 03 é apenas um exemplo das matérias que circulavam nos jornais da cidade disseminando o ideal de progresso e saúde, afirmando e reafirmando o quanto essa relação era forte e necessária.

A imprensa da capital piauiense, por viver sob o crivo da censura do regime militar, quase não fazia oposição política, tendo em vista que determinado jornal apoiava o governador ou outro apoiava o prefeito, dessa forma, as duas administrações eram sempre elogiadas ou

simplesmente alertadas sobre os problemas sociais. Percebe-se o título da matéria na figura 04 como uma constatação de eficácia, demonstrando que o governo estava investindo em saúde para se atingir o progresso, mostrando ainda que no ano de 73 dava continuidade, mas foi perceptível a massificação da temática através da imprensa escrita no ano de 72.

Pode-se identificar uma das características dos governos autoritários, em especial do regime militar brasileiro, a tentativa de obtenção de um consenso, por intermédio da propaganda, como a criação da imagem de um chefe identificado com as massas.¹⁰⁵ Entretanto, essa não é única característica, é possível citar outras como, a propaganda de modelos econômicos e taxas de crescimento que estavam dando certo, ou ainda a divulgação nos periódicos de índices que indicavam a melhoria na qualidade de vida, ou ainda o grande movimento de propaganda e enaltecimento de uma copa do mundo vencida pelo país.

Este jornal pretende realizar e publicar, um estudo de certa profundidade sobre o conteúdo da Mensagem governamental, apresentando sugestões que julgar convenientes e concluindo por uma abordagem ou enfoque dos problemas econômicos e sociais do Piauí. É até mesmo *um dever indeclinável da Imprensa, cooperar com elevação e dignidade, pelo bem-estar da coletividade, oferecendo uma crítica sensata e construtiva* mormente quanto aos magnos e inadiáveis problemas que afligem a sofrida e resignada gente.¹⁰⁶
(Grifo nosso)

O cronista, autor do trecho acima, Fabrício de Arêa Leão, deixa claro o ideal de jornalismo que estava norteando o fazer jornalístico em Teresina. Enquanto cronista diário do jornal O Dia, esse articulista coloca como “um dever indeclinável da imprensa oferecer crítica sensata e construtiva”, sob o olhar da censura ou não, o que se procurava repassar à população é que críticas eram feitas para auxiliar o governo na tarefa que estava sendo efetivada, qual seja a de levar o estado rumo ao progresso. Tendo em vista que o autor da crônica faz referência à Mensagem Governamental enviada à Assembleia Legislativa relativa à administração do ano de 1972, percebe-se no decorrer da crônica uma relativa anuência e enaltecimento às realizações do referido ano, e o trecho citado acima enquanto desfecho da crônica, mostra a colaboração do jornal com a administração governamental.

Outra pauta em que os jornais atuaram de maneira efetiva foi a das campanhas de vacinação, em que estes procuravam alcançar o imaginário popular de maneira que as pessoas se conscientizassem da necessidade da vacinação para manter a população saudável e contribuir

¹⁰⁵AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado autoritário (1968-1978):** o exercício cotidiano da dominação e da resistência - O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999. p.210.

¹⁰⁶VOZES da cidade – aspectos sociais e econômicos do Piauí. Fabrício de Arêa Leão. **O Dia**. p. 6., 09 mar. 1973.

com o progresso e a modernização. Eram vacinas contra diversos tipos de doenças, como tifo, tuberculose, meningite, poliomielite, sarampo, entre outras.

O notável é que os periódicos dedicavam cerca de duas páginas para discorrerem sobre a importância da vacina para a sociedade, o impacto dessa maneira de prevenção para a sociedade mundial, uma vez estando bem fixado e articulado no imaginário da elite econômica e intelectual o ideal de vacinação da população, a mesma se encarregaria de disseminar através de conversas e atitudes esse comportamento para a camada mais pobre.¹⁰⁷



Figura 05: Propaganda de caderneta de poupança, sobre vacinação infantil.

Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 05, 07 mai. 1972.

¹⁰⁷VASCONCELOS, Lia. Urbanização: Metrôpoles em movimento In: **Desafios do Desenvolvimento**. Brasília v. 3. 22 ed., 5 mai. 2006. Consideramos que o público leitor dos jornais era reduzido, tendo em vista o índice de analfabetismo da população teresinense que na década de 1970 era de 79,9%. Um número elevado, o que nos mostra a qualidade do acesso à educação na cidade, apenas a elite econômica tinha o acesso, em poucas escolas de qualidade, como o Liceu Piauiense e outras escolas particulares já existentes. É necessário considerar que ainda na década de 1970 apesar desse índice de analfabetismo a educação superior ganhou investimentos significativos, como a fundação da Universidade Federal do Piauí, que contribuiria com a melhoria na formação dos profissionais. Na rede escolar secundária o que temos é que até a década de 1960 tínhamos uma valorização da escola pública, entretanto na década de 1970 essa valorização vai tendo um relativo decréscimo, apesar de estudar em escolas como o Liceu Piauiense, ainda fosse sinônimo de elevado status social, o que corrobora com a constatação do elevado índice de analfabetismo. Com o avanço no ensino para a população mais pobre, podemos citar a garantia por parte da Prefeitura Municipal de professoras normalistas nas escolas da zona rural.

A figura acima é patrocínio de uma caderneta de poupança, é esperado que propagandas nesse sentido sejam feitas pela administração pública, setores relacionados a saúde, e não por um banco, assim podemos aferir a amplitude e a abrangência do projeto de vacinação em massa, a importância e a necessidade desse projeto. Colaborando para atingir o objetivo de vacinação da população, tem-se que as campanhas de vacinação não se restringiam ao espaço dos hospitais públicos, o apelo para a vacinação era tão grande que equipes de vacinadores se deslocavam aos locais de maior concentração de pessoas na cidade, como praças e mercados públicos, e ainda se deslocavam até aos bairros da cidade para realizar a vacinação, o apelo nos jornais na maioria das vezes era feito utilizando imagens de crianças, consideradas o futuro da nação, procurando assim contemplar as mães.

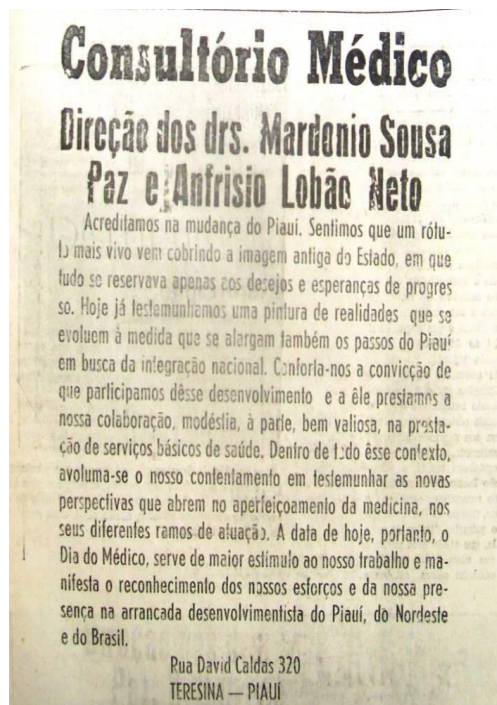


Figura 06: Nota em comemoração ao dia do médico.

Fonte: **O Dia**. Teresina, 17 out. 1971. Caderno de domingo, p. 2.

Para pensar a relação entre a atuação médica e o discurso de progresso pode-se analisar a figura acima, na qual se observa uma nota do Consultório Médico dirigido pelos médicos Mardonio Sousa Paz e Anfrísio Lobão Neto, referente ao dia do médico. O que se percebe é a ênfase sobre a relação da atuação médica e o estado de desenvolvimento e progresso que o Estado estava vivendo, e ainda, acreditando na grande colaboração prestada por eles na prestação dos serviços básicos de saúde para a cidade de Teresina, afirmando também que o progresso agora era uma realidade, saindo dos sonhos e desejos de antigamente, e estes se colocam como presenças valiosas “na arrancada desenvolvimentista do Piauí.”¹⁰⁸

O que mais uma vez fica perceptível é o desejo de massificação do discurso sobre a saúde para contribuir com o progresso e desenvolvimento, a garantia de que só um povo sadio poderá tornar possível que o Piauí se desenvolva de maneira satisfatória, considerando também que Teresina, a capital, é o ponto principal, fundamental e irradiador desse projeto. Os jornais enquanto um veículo que circulava com certa facilidade pela camada mais abastada da sociedade, foi um dos meios utilizados pelas elites e pelo estado para imprimir nas pessoas um imaginário de modernização, desenvolvimento e progresso. Era necessário incorporar a cidade e a população ao campo do saber médico como premissa para o progresso.

2.1 PALAVRAS QUE FORMAM UM DISCURSO: O DISCURSO DOS JORNAIS SOBRE A SAÚDE PÚBLICA TERESINENSE

2.1.1 Os indesejáveis na cidade: lixo, mendigos, loucos e doentes

A crítica feita pelos jornais, que estão sendo aqui trabalhados, aos problemas sociais da cidade de Teresina era um auxílio às administrações. A imprensa jornalística procurava deixar claro que estava discutindo determinadas questões com o intuito de colaborar com os governos, no sentido de dar um melhor caminho à capital. O jornal *O Dia* publicou uma série de reportagens aos domingos nas quais discutia os desafios da urbanização para os governantes, eram discutidas questões como saneamento básico, limpeza pública, crescimento de favelas, serviços de educação e saúde, e, por fim, o jornal apontava possíveis soluções.

O tema do sedentarismo acaba por dialogar com questões discutidas ainda no final do século XIX e início do século XX, em que a atividade física era fundamental para formar

¹⁰⁸CONSULTÓRIO médico. *O Dia*. 17 out. 1971. Caderno de domingo, p. 2.

cidadãos, pois o mote das teorias era de que um corpo sã, uma mente sã eram fundamentais para a formação de um bom cidadão, que estivesse apto para o trabalho, um homem ágil, forte e empreendedor, que estivesse em consonância com o modelo capitalista. O corpo passou a ser disciplinado e medicalizado, as práticas passaram a ser disciplinadas e higienizadas, tanto as práticas no espaço privado quanto no espaço público.

O público e o privado se afastaram mais, pois era preciso ficar claro o que era público e o que era privado, assim, a rua passou a ser o lugar público onde os comportamentos deveriam ser policiados e disciplinados. A rua não era mais uma extensão da casa, esta que ficou cristalizada como o lugar privado, onde a família estava unida. Entretanto, estar em casa ou se sentir em casa não condiz com ter comportamentos relaxados ou indisciplinados, ao contrário, a casa também tinha regras para seus usuários e para a própria casa quando de sua construção, manutenção e uso. Acabou-se por construir uma barreira entre o público e o privado, que não poderia ser transposta quando se tratasse de decoro e temperança, ou de saúde e doença.

O saber médico acaba por influenciar no ambiente físico da cidade, disciplinando os comportamentos sociais, influenciando na arquitetura, no traçado das ruas, recomendando a limpeza da cidade, o tratamento das águas já utilizadas, proibindo os banhos em lagoas sujas.

[...] por meio dessas noções e ações a medicina apossou-se do espaço urbano e imprimiu-lhe as marcas de seu poder. Matas, pântanos, rios, alimentos, esgotos, água, ar, cemitérios, quartéis, escolas, prostíbulos, fábricas, matadouros e casas foram alguns dos inúmeros elementos urbanos atraídos para a órbita médica. A higiene revelava a dimensão médica de quase todos estes fenômenos físicos, humanos e sociais e construía para cada um deles uma tática específica de abordagem, domínio e transformação.¹⁰⁹

No trecho acima, Jurandir Freire Costa remete-se ao século XIX, entretanto conta-se aqui com as permanências da história, e percebe-se, através dos jornais, a maioria das intervenções ocorridas no século XIX. Por mais que não se tenha encontrado recomendações expressas e explícitas por parte da classe médica quanto a alguns dos temas citados por Costa, percebe-se que isso já vinha no imaginário de intelectuais e da camada mais abastarda da sociedade.

Higiene era uma das palavras de ordem utilizada pelas administrações públicas e reproduzida pelos jornais. A higiene das ruas, higiene das casas, higiene dos alimentos, higiene dos locais de sociabilidade, higiene da água, enfim, era preciso que as noções de higiene estivessem cristalizadas no imaginário popular, assim como quando da modernização da cidade

¹⁰⁹COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004. p. 30.

do Rio de Janeiro, no século XIX, quando Pereira Passos teve como mote do seu modelo de modernização a questão da higiene e salubridade da cidade, tendo em vista que esta é uma questão que contribui com a diminuição nos casos de muitas doenças que são transmitidas pela falta da higiene ou insalubridade dos locais de convivência das pessoas.¹¹⁰

No caso de Teresina, o Jornal O Dia considerou, na sua edição do dia 6 de agosto de 1974, que a cidade estava doente, o que rendeu uma reportagem na página três do jornal, uma das primeiras páginas dos jornais. Percebe-se através dessa matéria, um discurso que relacionava, de maneira clara, os problemas físicos e estruturais da cidade com saúde e/ou doença, tendo em vista que na citada reportagem, com imagem abaixo, tem-se a foto de casebres construídos de pau-a-pique e cobertos por palha, em uma rua sem calçamento e rodeada por vegetações. A maioria desses problemas eram encontrados nos bairros mais afastados do centro, assim, o articulista coloca em sua reportagem a contradição do que é encontrado no centro para a realidade dos bairros, cita a falta de saneamento básico e de atendimento médico. Mais uma vez, encontra-se o discurso da saúde e da higiene relacionados à maneira de se viver na cidade.



Figura 07: A cidade está doente: a culpa é dos problemas
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 3, 6 ago. 1974.

Percebe-se a imprensa teresinense como um meio de comunicação que mesmo quando criticava estava a favor do governo, se levar em conta que a maioria das reportagens que vinham estampadas nos jornais, denunciando as mazelas sociais, estavam alertando os administradores para situações que não eram aceitáveis em uma sociedade que se pretendia moderna e

¹¹⁰Sobre o assunto, ver CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril** – Cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

desenvolvida. Se levar em conta também, os jogos políticos que envolviam as publicações diárias nos jornais da cidade, como por exemplo, determinado grupo jornalístico recebia apoio do governador do estado para melhorias nos jornais, ou pagando publicações elogiosas às suas ações, ou ainda um grupo jornalístico que recebia apoio do prefeito da cidade que fazia a mesma coisa em relação a esse administrador, acirrando ainda mais os atritos existentes entre os dois.


O que se pode aferir, a partir da reportagem acima, é que o jornalista considerava que os bairros da periferia precisavam ser urbanizados e trabalhados, melhorando a imagem da cidade, dando-a um aspecto saudável e de bom funcionamento, tendo em vista que isso é o que se espera encontrar em uma cidade moderna. Garantir a seus habitantes o básico dos equipamentos públicos para viver de acordo com os padrões modernos e civilizados era o que as administrações precisavam fazer. Esta era a situação que a maioria dos pobres urbanos da capital piauiense vivia e que acabava por incomodar as elites econômicas e intelectuais pelo fato de darem um aspecto de doença e sujeira à cidade.

A ideia de culpabilização acabava por recair sobre os habitantes de Teresina, culpar parte da população por não ser educada o suficiente para conservar a cidade limpa, retirava a responsabilidade do governo sobre muitos problemas. A cidade estar doente não condiz com a ideia de moderno que se procurava implantar, o moderno não abarcava sujeira, doença, o feio, e sim: o limpo, o saudável e o bonito. Problemas como a limpeza pública acabavam recaindo sobre a população que era mal-educada, esquecendo os articulistas que essa é uma atribuição da administração municipal. Ou ainda duvidando da falta de informação do articulista inferi-se, se não seria uma provocação para o chefe do executivo municipal.

Com o objetivo de acabar com essa imagem de sujeira e falta de higiene da cidade de Teresina, pode-se apontar alguns títulos de matérias que informam o que estava sendo feito pela administração municipal. São inúmeras reportagens que tratam do tema, informando, alertando, criticando a presença de grandes quantidades de lixo na cidade, outras informando e elogiando os feitos da prefeitura municipal quanto a essa questão. As figuras 08, 09 e 10 são algumas que podem ser citadas relacionadas aos feitos da administração pública quanto ao problema do lixo, duas delas, a 08 e a 09 são do mesmo jornal, o A Hora, jornal que se colocava como apoio ao prefeito da cidade, Joel Ribeiro.

Na figura 09 tem-se o título de uma reportagem que vai descrever a ação do prefeito em adquirir novos caminhões Kuka para a limpeza pública, caminhões esses que eram os mais

modernos da época¹¹¹, e que iriam ser somados aos já existentes para dar mais efetividade ao trabalho de limpeza das vias públicas e coleta dos dejetos domiciliares, entretanto, o que fica implícito, é que o articulista procurava enaltecer o prefeito ressaltando que esse é apenas um dos inúmeros projetos que a administração municipal tinha para a cidade de Teresina, e que este já tinha os recursos garantidos, na ordem de Cr\$750 mil, e com isso ampliaria o benefício ao restante da população que não vivia no centro da cidade. O articulista garantia que a forma como estava sendo feita a coleta do lixo já estava ultrapassada, e era necessário “conservar Teresina com aspecto que justifique o surto de desenvolvimento que estava mergulhada.”¹¹²



Prefeitura está limpando a cidade para desobstrução das ruas do centro e suburbio

Figura 08: Limpeza das ruas do centro da cidade.
Fonte: **A Hora**. Teresina, p. 5, 10 abr. 1973.



Caminhões “Kuka” para coletar o lixo da Capital

Figura 09: Aquisição de novos caminhões para coletar o lixo da cidade.
Fonte: **A Hora**. Teresina, p. 5, 10 abr. 1973.

¹¹¹Os caminhões Kuka eram os mais modernos da época, pois além de servirem para o armazenamento do lixo durante a coleta, os mesmos trituravam os resíduos, o que pode ser considerado um avanço para a época, considerando também que triturar o lixo pode demonstrar à sociedade, de maneira simbólica que o que não serve mais, além de ser jogado fora deve ser destruído.

¹¹²CAMINHÕES “Kuka” para coletar o lixo da capital. **A Hora**. p. 1, 1 jun. 1973.



Figura 10: Limpeza da cidade tem mais 30 homens.
 Fonte: **O Estado**. Teresina, p. 3, 20 jan. 1972.

A limpeza da capital era considerada, pelas elites econômicas e intelectuais, e pela administração municipal, um problema gravíssimo, por isso, os jornais dão conta, e aí não só o jornal *A Hora*, de uma verdadeira força-tarefa para se tentar amenizar a situação. Dessa forma, o setor de limpeza pública passou a ser chefiado por um engenheiro, que deveria resolver da melhor forma o problema, além da aquisição de novos caminhões, também foram contratados mais homens, como nos mostra a figura 10. A figura é o título de uma reportagem que se entende aqui como uma busca não só informar a sociedade sobre a contratação, mas também enfatizar que “os garis trabalham com macacões fornecidos pela Edilidade com salários que lhes permitem condições de dignidade para viver.”¹¹³ O que acaba por garantir a sociedade que esses homens, mesmo trabalhando com a coleta de lixo da cidade, estavam bem equipados, não significando algum tipo de risco às outras pessoas e ainda enfatizar que a prefeitura estava dando condições para que mais pessoas, no caso os garis, para viverem dignamente.

No dia 16 de agosto de 1974, aniversário da capital teresinense, *O Jornal A Hora* produz uma matéria de cinco páginas, tecendo elogios à administração do prefeito Joel Ribeiro, os articulistas trabalharam todas as áreas da administração municipal, e no que diz respeito à limpeza e higiene da cidade, os jornalistas apresentaram toda a infraestrutura que foi implantada pela administração de Joel Ribeiro para garantir “o progresso ordenado de Teresina”¹¹⁴

Através dessa fala percebe-se que a questão do ordenamento social e disciplinamento das pessoas era algo concreto. A cidade deveria crescer, porém de forma ordenada, e uma das maneiras que a administração pública utilizava para ordenar e disciplinar a população com relação ao lixo urbano e a limpeza da cidade era orientar a forma de depositar o lixo, que isso deveria ser feito em tambores de lixo, colocar o lixo no horário certo na rua para que o caminhão

¹¹³LIMPEZA da cidade tem mais 30 homens. **O Estado**. p. 3., 20 jan. 1972.

¹¹⁴GOVERNO Joel Ribeiro implantou infraestrutura que garante o progresso ordenado de Teresina. **A Hora**. p. 7., 16 ago. 1974.

pudesse recolher, entretanto, os habitantes da urbe não respeitavam as determinações para os locais onde devem ser colocados os detritos, foi o que afirmou o Diretor da Limpeza Pública da capital reclamando no jornal O Dia de 4/5 de março de 1973. Ele criticava a população que não conseguia, ou não queria seguir, as determinações da Diretoria, assim, não se incluindo no ordenamento social que se procurava implantar.

A disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade. É o poder de individualização que tem o exame como instrumento fundamental. O exame é a vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-los ao máximo. Através do exame a individualidade torna-se um elemento pertinente para o exercício do poder.¹¹⁵

Dessa forma, pode-se perceber claramente, na crítica feita pelos jornais ao banho de lama das crianças na imagem abaixo, a presença da disciplina nas orientações dadas pela Diretoria de Limpeza Pública. A instituição Estado mostrava seu poder na sociedade através de pequenas medidas, como a proibição de banhos em logradouros públicos, entretanto não havia a oferta de água encanada nas residências dos pobres urbanos da cidade,¹¹⁶ o que acabava por impossibilitar o cumprimento da norma, e através do exame, citado por Foucault¹¹⁷, a administração pública promove a vigilância permanente e classificam essas pessoas como pobres ou miseráveis, indesejáveis ao progresso e à modernização. Os meninos da figura 11 não são apenas meninos brincando na lama, são a representação de indivíduos indesejáveis que ameaçavam o progresso.

¹¹⁵FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 107.

¹¹⁶Dos 37.671 domicílios existentes na cidade de Teresina na década de 1970, apenas 12.523 se beneficiavam da rede geral de abastecimento de água. Fonte: IBGE, 1970.

¹¹⁷FOUCAULT, Op. cit.



Figura 11: Crianças em banho de lama.
 Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 1, 21 fev. 1972.

Outra medida que pode ser considerada como uma maneira de disciplinamento social, parte da denúncia dos jornais sobre a presença de animais e carroças no centro da cidade. As figuras 12 e 13 são duas situações diferentes em que podem ser observadas duas formas de disciplinamento. A figura 12 é o título de uma reportagem que denuncia a presença de um porco em um bar localizado no “centro nervoso” da cidade. O articulista utiliza este bar como exemplo para outras questões relacionadas à higiene e à limpeza da cidade chamando a atenção do secretário estadual de saúde, Dr. Dirceu Mendes Arcoverde, para a situação.

É interessante ressaltar a exigência do jornalista para a vigilância e fiscalização “nos locais de ajuntamentos humanos, onde, até para vergonha nossa, existem animais irracionais compondo um quadro que mostra muito mau o que ainda somos, em questão de higiene e conforto.”¹¹⁸ E aí pode-se apontar mais um aspecto do discurso disseminado pela imprensa: a imagem que a cidade de Teresina passava para os visitantes, principalmente, era preciso acabar com essa imagem de uma cidade pequena, provinciana e pouco desenvolvida. É tão forte isso que ainda no início dessa mesma reportagem o autor chama a capital de “metrópole piauiense”.

A figura 13 repassa a ideia de que a imprensa comungava da mesma ideia da administração pública quando o assunto é a presença de animais nas ruas do centro da cidade.

¹¹⁸SUJEIRA no centro da cidade tem até porco. **O Estado**. p. 4, 30 abr 1971.

No caso das carroças, já existia uma proibição por parte do Departamento de Trânsito, impedindo a circulação desses meios de transportes no perímetro urbano, e o articulista corrobora com essa proibição denunciando que esta não estava sendo cumprida. Além da proibição por parte do DETRAN, têm-se notícias de que constava este tipo de proibição no Código de Posturas da cidade, entretanto, não foi possível ter acesso a este documento por conta da falta de cuidado e da falta de conservação dos documentos oficiais na cidade.



Figura 12: Sujeira no centro da cidade tem até porco.
Fonte: **O Estado**. Teresina, p. 4, 30 abr. 1971.



Figura 13: Carroças no centro da cidade.
Fonte: **A Hora**. Teresina, p. 1, 15 ago. 1974.

Na proibição sobre a circulação de animais no centro da cidade, percebe-se um ordenamento implícito, tendo em vista que as carroças eram os meios de transportes para alguns ou meio de trabalho para outros, mas todos pertencentes à camada pobre da sociedade, que dependiam desses animais para garantirem, muitas vezes, a sua sobrevivência, dessa forma, o

ordenamento social para os pobres estava nos periódicos de maneira explícita. Acima o que se observa é mais uma forma de controle social dos pobres. A presença de carroças no centro da cidade, ou em bairros próximos ao centro indica uma ideia de atraso, pois este meio de locomoção está relacionado ao meio rural, em cidade que se pretende moderna não há lugar para representações de atraso.

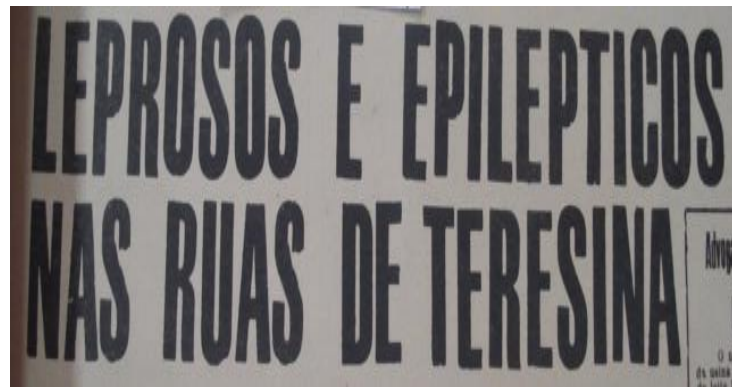


Figura 14: Leprosos e epiléticos nas ruas de Teresina.
Fonte: **O Estado**. Teresina, p. 1, 28 jan. 1973.

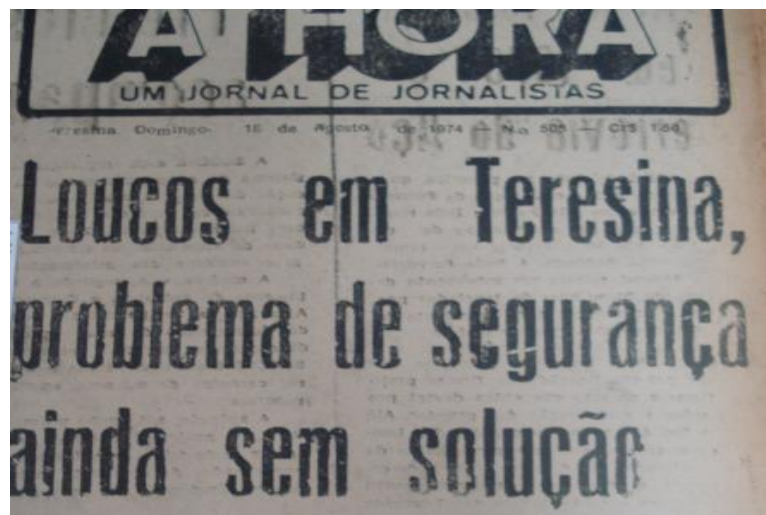


Figura 15: Loucos em Teresina, problema ainda sem solução.
Fonte: **A Hora**. Teresina, p. 1, 18 ago. 1974.

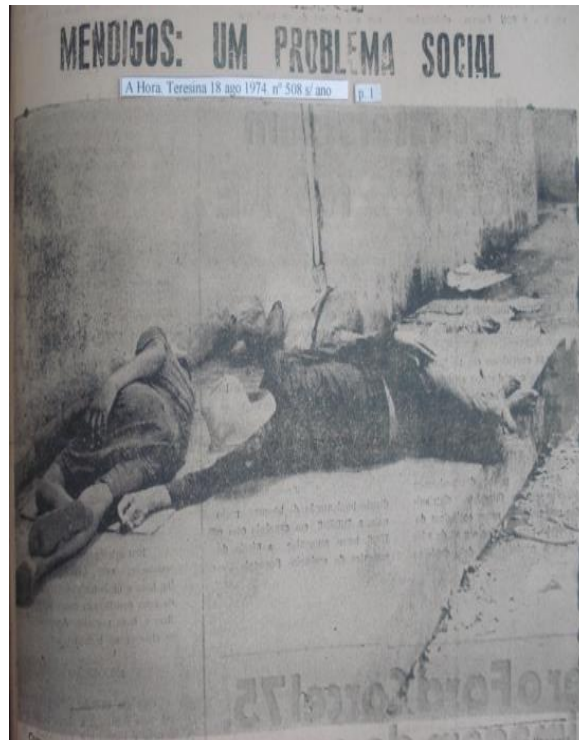


Figura 16: Mendigos: um problema social.
 Fonte: **A Hora**. Teresina, p. 1, 18 ago. 1974.

O que a literatura informa é que os pobres foram o último alvo da medicina social. No século XVIII, ainda não eram consideradas classes perigosas, pelo fato de ainda servirem à burguesia realizando serviços, entretanto no final do século XIX é que essas pessoas passaram a ser considerados como tal, primeiro porque os pequenos serviços que elas realizavam passaram a ser servidos de forma diferente, segundo porque adquiriram uma capacidade de organização e revolta, terceiro porque a cólera de 1832 cristalizou sobre essas pessoas uma série de medos.

Dessa forma, percebe-se essa característica aos pobres em diversos períodos na história. Nesta pesquisa consideram-se como pobres urbanos as pessoas que viviam em precárias condições de habitação e higiene, ou que não possuíam habitação, essas eram consideradas perigosas, formando assim uma classe perigosa, que tomando como referencial Maria Stella Bresciani¹¹⁹ possuem as mesmas características. As figuras 14, 15 e 16 são exemplos de pessoas consideradas perigosas, pois além de deixarem feia a imagem da cidade, representavam perigo físico e sanitário aos olhos das elites econômicas e intelectuais da cidade.

¹¹⁹Sobre o assunto, ver BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Na figura 14 encontra-se um título de matéria, em letras garrafais, chamando a atenção da população para a presença de pessoas contaminadas por lepra e portadoras de epilepsia, a primeira, doença contagiosa, a segunda pode causar certo constrangimento a quem observa uma crise. A matéria coloca que essas pessoas são imigrantes, ou seja, não são da cidade e chegaram aqui com essas doenças e vivem como mendigos no centro da cidade, nos locais mais populosos e frequentados, se tornando um problema sanitário gravíssimo à cidade. Considera-se assim, que esses pobres que estavam na situação de mendigos também faziam parte das classes perigosas da cidade de Teresina.

As pessoas com transtorno mental ao longo dos anos foram consideradas perigosas, por conta da agressividade de algumas, e no século XX, as pessoas de família pobre que possuíam algum tipo de transtorno mental eram internadas nos manicômios, ou eram abandonadas nas ruas, ocasionando outro problema para o Estado resolver. A figura 15 mostra uma matéria de um jornal que considera o problema das pessoas loucas no meio das ruas como um problema de segurança, entretanto considera-se aqui como um problema de saúde pública, pois o transtorno mental é uma doença, e a família deve ser responsabilizada por esses doentes. Mas, os jornais responsabilizavam o Estado, pois essas pessoas muitas vezes não encontravam leitos disponíveis nos dois hospitais psiquiátricos que a cidade possuía e que eram os únicos do estado, ressaltando que também existiam demandas que chegavam do interior.

Esses casos citados são considerados aqui pertencentes à classe perigosa, pois não trabalhavam, não contribuía de forma positiva para o desenvolvimento e modernização da cidade. Já pelos articulistas dos jornais eram considerados, fatores de atraso para a capital. Os mendigos e os loucos incomodavam aos frequentadores de cinemas, do mercado público, das igrejas, das praças, enfim, dos locais em que a elite econômica e intelectual frequentava.

O que se percebe como guia, mesmo que implicitamente, ou inconscientemente, são os preceitos da medicina urbana, que aparece na segunda metade do século XVIII e se desenvolve, sobretudo, na França. A medicina urbana consiste em três grandes objetivos: o primeiro deles é analisar os lugares de acúmulo e amontoamento de tudo que, no espaço urbano, pode provocar doença, lugares de formação e difusão de fenômenos epidêmicos ou endêmicos, e como exemplo disso, têm-se os lugares de sociabilidade e aglomeração das pessoas pobres em Teresina, como as coroas do rio Parnaíba; como objeto, a medicina urbana tem o controle da circulação, aqui a preocupação é com a circulação das águas e do ar, e essa preocupação também se percebe na capital.

Os jornais cotidianamente denunciavam o problema da circulação dos esgotos e das águas servidas, daí também a necessidade de abrir largas ruas e avenidas, o que contribuiu para manter o bom estado de saúde da população; outro grande objetivo da medicina urbana é a organização das distribuições e sequências. Onde colocar os diferentes elementos necessários a vida comum da cidade? Assim, podem-se localizar isso em Teresina através da grande reivindicação dos jornais sobre os esgotos e lixões a céu aberto.¹²⁰

2.1.2 O essencial para viver deve ser bem cuidado: a preocupação com a água, a sujeira nos mercados e nos alimentos

Na cidade existem lugares que precisam ser medicalizados, receber o olhar do sanitarismo, tendo em vista que este se ocupa de melhorar as condições morais e a mente dos indivíduos através de intervenções no espaço urbano, a partir disso os pobres são sempre o objetivo maior, pois é preciso civilizá-los. Dessa forma, intervir em espaços como mercados públicos, feiras livres e locais de sociabilidade dessas pessoas se faz fundamental. O Estado, enquanto agente idealizador desse projeto civilizatório e modernizador, precisa submeter os frequentadores desses locais ao seu olhar vigilante.

Existiram relações de poder que se deram tendo com plano de fundo a questão sanitária, sejam elas entre Estado e população, sejam entre imprensa e população, ou entre Estado e imprensa. Tendo em vista que:

[...] os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa [...] Poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado, os que detêm o poder e de outro aqueles que se encontram alijados dele. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder.¹²¹

Já foram discutidas aqui as questões relativas à imprensa e ao Estado, essa teia dentro da estrutura social que atinge a todos os indivíduos. Dentro disso, é necessário discutir as relações de poder entre o Estado e a população, a imprensa e a população, e escolhemos fazer isso através das práticas de abastecimento e de esgotamento sanitário, e a questão da higiene nos locais de sociabilidade dos pobres urbanos. Entretanto, assim como o governo intervia na

¹²⁰Sobre os objetivos da medicina urbana, ver FOUCAULT, Michel. Foucault. **Microfísica do poder**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1984, p. 90 - 91.

¹²¹ MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

vida dos pobres urbanos, disciplinando-os e os ordenando, os pobres também reagiam, burlavam as normas, imprimindo uma forma de poder ao Estado, confirmando assim, que existem relações de poder entre os indivíduos e não apenas um ponto de onde o poder emana.



Figura 17: Restaurantes e merendeiras imundas vão ser fechadas
 Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 3, 3 jul. 1974.

A figura acima mostra alguns pontos de venda de comida no centro da cidade. Eram pequenas “budegas”, como eram conhecidas, onde se vendiam refeições para os trabalhadores que se encontravam no centro da capital, podendo ser considerados, em sua maioria, como pobres urbanos. O que se percebe é que o governo do estado estava instaurando uma verdadeira repressão a esses estabelecimentos. Repressão é a palavra usada pelo responsável pela Seção de Saneamento da Secretaria de Saúde, é a palavra de ordem, tendo em vista que esses locais funcionavam sem os menores preceitos de higiene definidos pela Secretaria de Saúde.

O responsável pela pasta informa que há a proliferação desses restaurantes sem respeito às normas sanitárias e higiênicas, que não existia até aquele momento, pois estavam em fase de aprovação, “um órgão repressivo bem dotado de aparelhagem e legislação”¹²², dessa forma, um órgão que não poderia punir esses comerciantes, agora se tornando Departamento, poderia colocar em prática os preceitos da disciplina, como já explicitamos, elaborados por Foucault, colocando em prática principalmente o exame que é vigilância permanente e classificatória, podendo deixar o exercício do poder mais eficiente.

¹²²RESTAURANTES e merendeiras imundas vão ser fechadas. **O Dia**. p. 3, 3 jul. 1974.



Figura 18: Aqui se vende até a sujeira.
 Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 2., 20 jun. 1974.

A foto 18 corrobora como as teses aqui apresentadas de disciplinamento e ordenamento social impostas pelas administrações públicas, considerando que o Estado procurava intervir nos lugares de sociabilidade, principalmente nos lugares que eram comercializados alimentos. A reportagem acima também refere-se aos restaurantes e lanchonetes localizados na Praça Marechal Deodoro da Fonseca ao lado do Mercado Central e em outras praças do centro da capital. Os jornais faziam a denúncia, alertando a administração pública para o problema, a administração pública deveria encarregar-se da vigilância e da punição, fazendo, assim, o disciplinamento e o ordenamento social.

O articulista confirma a tese aqui levantada de que a maioria das pessoas que frequentavam esses locais eram de baixa renda, os pobres urbanos, tendo em vista que este informa que “os próprios frequentadores destes restaurantes, devido à sua escolaridade, ficam sem condições de apelar para as autoridades sanitárias, já que nem sequer sabem os riscos que correm.”¹²³ Através dessa frase pode-se localizar três pontos que remetem ao disciplinamento e o ordenamento social.

O primeiro deles é o aspecto imagético que esses restaurantes passavam para os visitantes e para as elites econômicas e intelectuais da cidade, o aspecto de uma cidade suja, doente e feia, tendo em vista que a elite econômica teresinense não frequentava esses locais. O segundo ponto é a relação entre o nível de escolaridade dos frequentadores e a possibilidade que estes tinham de adquirir algum tipo de doença, pela falta de informação e pela falta de meios para adquiri-la. Essas pessoas estavam correndo risco de contrair doenças, devido, principalmente à sua condição social. O terceiro ponto é o risco que as elites corriam de serem contaminadas por doenças contraídas pelas pessoas que se alimentam nesses tipos de instalações, tornando-se assim potenciais perigos à sociedade.

Assim, tendo como mote essas três razões é que se relacionam as denúncias veiculadas pela imprensa jornalística e o disciplinamento social que o Estado e as elites procuravam implantar à sociedade, mas que acabava por atingir de maneira mais aguda os pobres urbanos,

¹²³AQUI se vende até a sujeira. **O Dia**. p. 2., 20 jun. 1974.

tendo em vista que as elites já estavam com os coros disciplinados sobre essas questões. Já os pobres urbanos não recebiam instrução, e sim repressão, até como uma maneira de refletir e estar em consonância com a administração federal que vigorava naquele momento.

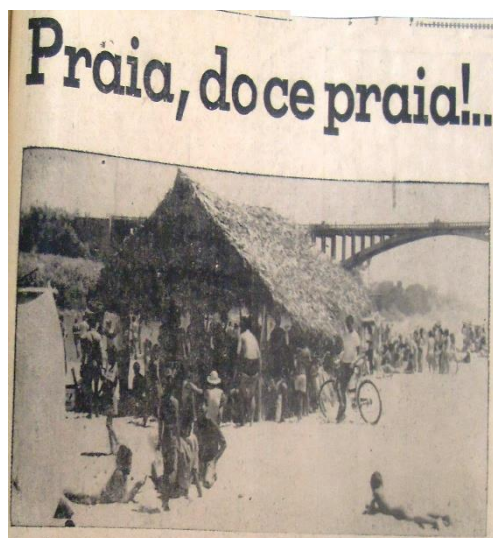


Figura 19: Praia, doce praia!
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 1, 19 set. 1971

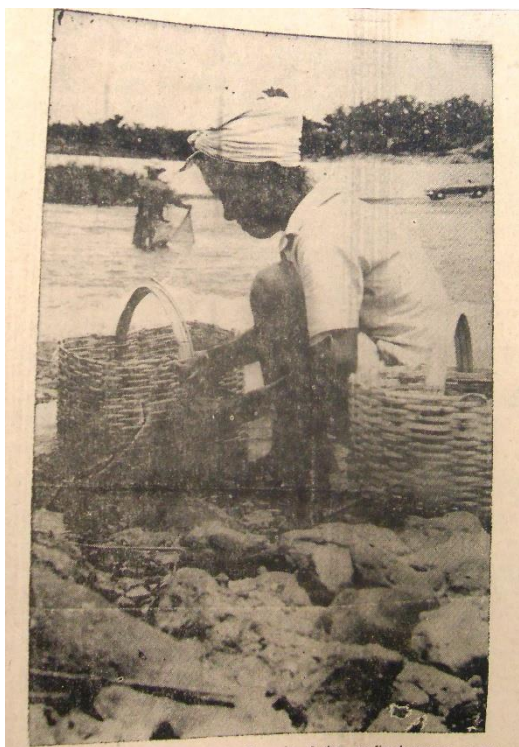


Figura 20: Praia, doce praia!
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 1, 19 set. 1971.

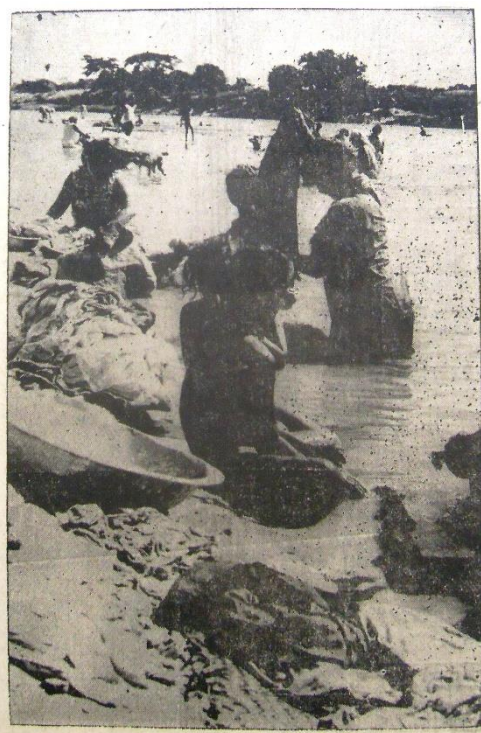


Figura 21: Praia, doce praia!
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 1, 19 set. 1971.



Figura22: Pescaria mais fácil na boca de esgotos.
 Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 2, 22 jun. 1974.

As três figuras anteriores são da mesma edição do jornal *O Dia* do ano de 1971, portanto, ano inicial das administrações estadual e municipal. Percebe-se assim que os jornais iniciaram as administrações informando aos governantes um grande desafio que estes tinham para dar prosseguimento ao projeto de modernização que, principalmente, o governador do estado tinha para a capital. As coroas do rio Poty mostravam-se como um desafio ao governo, tendo em vista que essas eram um dos locais de sociabilidade das camadas mais populares, assim sendo lá existiam muitas coisas que não convinham com os ideais do progresso.

O articulista não se coloca como oposição às camadas populares, pelo contrário, ele defende a existência das coroas como lugar de diversão das camadas populares, tendo em vista que essas não tinham acesso permitido à maioria dos clubes da cidade. Entretanto, o jornalista atenta para a necessidade de as coroas serem um local mais higiênico fazendo parte do projeto de progresso. Atenta ainda, para a obrigação que o governo tem com essas pessoas que contribuem com o desenvolvimento da cidade, e que precisavam de locais salubres para espaiçarem. O rio Poty além de ser um recanto para distração dos populares, era utilizado também pelas lavadeiras de roupas e pelos pescadores que iam em busca do alimento para o sustento da família, tanto servindo de alimento, como para a comercialização, e essa pesca era realizada tanto por homens quanto por mulheres.

Encontram-se outra matéria relacionada à pesca nos rios no dia 22 de junho de 1974, no mesmo Jornal *O Dia*, quase três anos depois da primeira matéria, informando às autoridades a existência de uma forma particular de pescaria. Na reportagem, o que chama a atenção é que a pescaria que se dava nos rios que cortam a cidade estava sendo feita próxima aos esgotos que escoavam dentro dos rios, daí tem-se dois problemas de saúde pública. Um, o risco que os pescadores corriam em estar próximo aos esgotos, e dois, a comercialização desses peixes, o que poderia causar uma contaminação. O jornalista ainda coloca a fala de um usuário do Mercado Central, que compra o produto com os pescadores, em que este informa a sua opinião sobre o fato, “orientar todos os pescadores para que eles possam fazer realmente uma boa

pescaria, procurando locais adequados”¹²⁴, o jornalista coloca que essa orientação deveria ser realizada pelo poder público.

O que se percebe é que para a sociedade todas as orientações e formas de disciplinamento deveriam partir das administrações públicas. Isso era difundido pelos jornais da cidade, e acabava ou por ser absorvido pela sociedade ou os jornais divulgavam o que a sociedade ansiava, não se tem como discernir, porém o que fica claro é que esse desejo de ordenamento estava fixado no desejo das elites econômica e intelectual da cidade.



Figura 23: Não tem posto médico. Falta água. A difícil vida dos bairros de Teresina.
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 1, 30 ago 1974. Caderno 02.

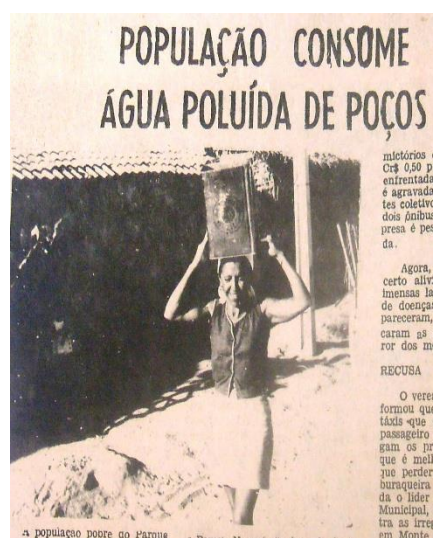


Figura 24: População consome água poluída de poços.
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 2, 04 jul. 1974.

¹²⁴PESCARIA mais fácil na boca de esgotos. **O Dia**, p. 2, 22 jun 1974.

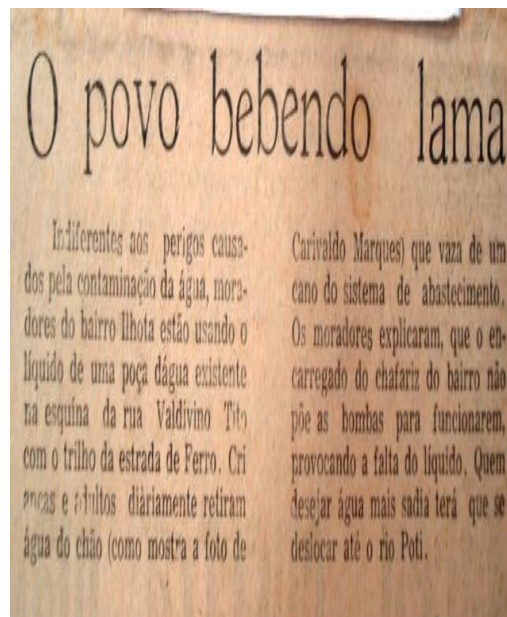


Figura 25: O povo bebendo lama.
 Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 1, 28 jun. 1972.

A questão do abastecimento de água era um problema sério que assolava Teresina nos anos de 1971 a 1975. A água é considerada um grande vetor de transmissão de doenças, dessa forma é um item que deveria receber uma atenção especial por parte dos administradores públicos. A rede de água encanada em Teresina era muito pequena, beneficiava apenas as áreas centrais da cidade, nos locais mais afastados por mais que possuíssem os equipamentos, como canos e tubulações, a força da água não suficiente para fazê-la chegar até as residências. Nas favelas a situação era mais precária, pois nem as tubulações existiam, e a população se abastecia do líquido vital através de chafarizes, poços, ou comprando latas d'água.

As figuras acima são de matérias que informam a situação das pessoas que moravam na periferia da cidade, a falta de abastecimento d'água. Essa era uma questão preocupante, pois através da água que essas pessoas consumiam acabavam se contaminando com doenças como, tifo, verminoses, entre outras que eram comuns no período por conta da ingestão de água contaminada ou por conta dos banhos em lagoas poluídas.

Na foto 23, não se consegue imaginar que seja a realidade de uma cidade que se pretendia moderna e desenvolvida, mulheres com latas d'água na cabeça, casas de palha, crianças carregando latas com água, contudo, isso era, segundo o jornalista da matéria, o que se encontravam nos bairros da capital piauiense, e esse mesmo jornalista coloca que essa imagem representa o atraso citando uma cantiga de roda "Lata d'água na cabeça, lá vai Maria,

sobe o morro e não cansa [...]”¹²⁵ O articulista também coloca a desigualdade existente entre os bairros:

Com o crescimento desordenado, os bairros de Teresina acumulam mais e mais populações que passam a viver sem nenhuma condição de higiene. Falta água nos bairros. Postos médicos na maioria deles, como Nova Brasília, Porenquanto, Alto Alegre, Mafrense. O bairro Jóquei Clube, pode se tornar no futuro no único núcleo residencial de Teresina. Hoje ele oferece duas imagens: a mansão rodeada por casebres, fora do limite do muro, por todos os lados.¹²⁶

Assim, percebe-se a desigualdade mesmo nos bairros mais afastados do centro da cidade, no caso do bairro citado, Jóquei Clube, o seu surgimento foi considerado como um verdadeiro caso de exclusão social,¹²⁷ entretanto não apenas esse bairro, mas alguns outros também surgiram dessa maneira, porém não foram povoados por pessoas com alto poder aquisitivo. As dificuldades apresentadas pelo jornalista contribuem para a disseminação de doenças, representando assim um perigo à cidade. O abastecimento d’água que era feito na maioria dos bairros por chafarizes, e no caso da foto 25, o chafariz que realizava esse serviço estava com problemas há algum tempo e não havia nenhuma atitude do poder público para resolvê-los, enquanto isso, a população consumia água poluída e contaminada, assim como informa o jornalista.

O que se percebe é a existência de mais uma questão que contribuía para dar às pessoas que moravam na periferia uma imagem de pessoas perigosas, pois por conta das condições em que vivam acabavam por estarem mais propensas a contraírem doenças que podiam ser disseminadas pela cidade.

¹²⁵NÃO tem posto médico. Falta água. A difícil vida dos bairros de Teresina. **O Dia**, 30 ago. 1974, Caderno 2, p. 1.

¹²⁶Op. cit.

¹²⁷Sobre o assunto, ver ABREU, Irlane Gonçalves. O crescimento da zona leste de Teresina – um caso de segregação? Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1983.



Figura 26: Lagoas imundas ameaçam saúde e matam crianças.
 Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 8, 10/11 fev. 1974.



Figura 27: Cidade está ameaçada pelas águas servidas.
 Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 1, 03 fev. 1973.

Nas figuras acima é possível observar matérias de anos diferentes que mostram como as águas continuam sendo um problema para a cidade. Ambas informam como a água pode ser

perigosa se não for cuidada com a devida higiene, tendo em vista que ela pode ser vetor de transmissão de doenças de duas formas; uma, quando ainda está sendo utilizada, se essa não for tratada de maneira correta; dois, após o uso, se não existir um escoamento correto desse material.

A Fundação Serviços de Saúde Pública, que foi criada para resolver questões relacionadas à limpeza e à salubridade da cidade não se comprometeu a intervir no problema do escoamento das águas servidas, essa questão deveria ser resolvida pela AGESPISA (Águas e esgotos do Piauí S.A.), que possuía um programa de esgotamento sanitário para ser implantado nas residências, entretanto, a instalação possuía um valor elevado, o que não permitia às pessoas de menor poder aquisitivo adquirir esse equipamento.

Mais uma vez as pessoas pobres não conseguiam se adequar ao que a nova cidade exigia, sendo assim excluídas e marginalizadas. Sempre como referência para a resolução dos problemas da cidade, tem-se o desejo de melhorar o aspecto visual de Teresina. As lagoas serviam tanto para fazer o escoamento das águas servidas, quanto para abastecerem as residências da periferia, se tornando um risco aos usuários. Os jornais acabavam por contribuir com o discurso que os pobres eram uma classe perigosa e que deveriam ficar cada vez mais excluídos.

O Piauí recebeu atenção do INAN (Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição). O interessante é que esse instituto não prendia sua atenção apenas à alimentação, mas com a alfabetização das famílias pobres e também com a educação sanitária e doméstica. São três fatores que se não estiverem em boas condições realmente podem deixar as pessoas mais suscetíveis a contraírem doenças. O INAN, foi criado no ano de 1972, quando o Ministério da Saúde era administrado por Mário Machado, que firmou a sua administração na relação saúde e desenvolvimento. A questão da alimentação era fator fundamental para esse programa.

A subnutrição passou a ser considerada um problema social e de saúde pública durante o Governo Vargas, a partir da segunda metade da década de 30. Reconheceu-se a associação com pobreza extrema e com práticas alimentares e de serviços de saúde inadequados e que somente a correção destes determinantes poderia levar a uma solução definitiva¹²⁸

Entretanto, esse era um problema que só poderia ser resolvido a longo prazo. No ano de 1972, com a criação INAN, esse projeto tomou uma nova roupagem e um novo fôlego,

¹²⁸SILVA, Alberto Carvalho da. De Vargas a Itamar: políticas e programas de alimentação e nutrição In: **Estudos Avançados**. v. 9, n. 23. São Paulo: jan-abr, 1995.

tendo em vista a política do governo federal para desenvolvimento do país. A atuação do INAN no Piauí se expandiu até a vacinação de pessoas, considerando que essa questão era deficiente, e que também a população vacinada contribuía com os objetivos do programa. O Instituto também deveria criar em Teresina as UCIN (Unidade Comunitária Integrada de Nutrição) que deveriam servir como suporte às ações do INAN, uma delas foi instalada no bairro Primavera e outra no bairro Poty Velho.

Um produto alimentício que recebeu o olhar criminalizante e vigilante da administração pública foi o leite. Leite in-natura, o produto era chamado assim, pois era comercializado de forma livre pelas ruas da cidade, nas portas das casas, um leite natural que não passava por nenhum processo de higienização, não-pasteurizado. Esse tipo de comercialização passou a ser proibida e fiscalizada, em especial pelo Ministério da Agricultura, através da delegacia de Teresina, tendo em vista que o produto ameaçava a saúde pública e existia lei que proibia a comercialização desse tipo de leite onde exista usinas de pasteurização. Outro lado também era afetado, a questão do sustento familiar dessas pessoas que viviam de vender o produto.



Figura 28: Fiscalização do leite in-natura é com ministério.
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 2, 26 jul. 1974.

Leiteiros sem vez



Figura 29: Leiteiros sem vez.
Fonte: **O Dia**. Teresina, [s. p.], 09 fev. 1973.

Pensar em disciplinamento social é medicalização, assim é imprescindível a vigilância em lugares como os mercados públicos. Essa vigilância foi feita a partir da realização de orientações aos permissionários que vendiam alimentos, relacionando essas orientações à venda, ao armazenamento e à comercialização dos produtos. Também existia uma forma de vigilância onde o setor Vigilância Sanitária fazia visitas frequentes aos Mercados Públicos, nessas visitas fiscalizava-se se o que foi orientado aos permissionários, esses possuíam uma carteira onde a Vigilância fazia anotações para ter controle, outra exigência era com as mulheres que vendiam comida. Essas mulheres deveriam utilizar avental branco, uma associação com o jaleco branco do médico, representando a higiene e a limpeza e ainda mais fácil de se notar a sujeira, outra medida higiênica era o uso obrigatório da touca na cabeça.



Figura 30: Aqui tem de tudo. Frutas, legumes e falta de higiene.
Fonte: **A Hora**. Teresina, [s.p.], 17 out. 1971. Caderno de Domingo.



Figura 31: Aqui tem de tudo. Frutas, legumes e falta de higiene.
Fonte: **A Hora**. Teresina, [s.p.], 17 out. 1971. Caderno de Domingo.

O mercado central da capital piauiense passou por uma reforma liderada pelo então prefeito da cidade, Joel Ribeiro. O mercado conhecido como Mercado Velho, era alvo de constates reclamações nos jornais, como mostra as foto 30 e 31, onde a sujeira e a falta de infraestrutura eram reinantes. Essa foi uma série publicada no Jornal A Hora, em um caderno de domingo, mostrando e alarmando sobre a realidade do mercado mais antigo da cidade, enfatizando que este possuía aspecto de feira do interior. O problema é que além da comercialização dos produtos no interior do mercado, também havia o comércio nas calçadas do mercado, onde se vendia comida feita sem nenhum cuidado higiênico, e o articulista informa que “a cozinheira, em panelas de ferro, também expostas às intempéries, faz a comida para vender os trabalhadores de baixa renda, que procuram o mercado para as suas refeições, a preços ao seu alcance.”¹²⁹

Ainda sim, no interior do mercado a situação não era muito diferente. A carne era cortada e tratada em locais sujos, entre outros problemas. Essas reclamações foram feitas no ano de 1971, portanto, início da administração de Joel Ribeiro na prefeitura da cidade, e o que essa reportagem referente às figuras 30 e 31 não deixa de chamar a atenção é que mesmo estando no primeiro ano de mandato já não media esforços para melhorar o aspecto do estabelecimento.

Mais uma vez encontra-se como motivo para a melhoria do prédio, a necessidade de mudar a imagem da capital do Piauí, assim “estão sendo melhoradas as condições sanitárias do velho mercado da Praça Deodoro afim de que a população possa gozar de um serviço a altura de uma capital.”¹³⁰ O mercado central de Teresina teve sua reforma iniciada ainda no de 1973, obra que foi intensamente elogiada pelos jornais, em especial o Jornal A Hora.

Outro aspecto que foi analisado pelos governantes em meio a este processo de modernização foi a relação entre as prostitutas, a cidade e o saber médico que sempre foi conflitante. A cidade muitas vezes não conseguia oferecer ocupação formal para as mulheres que não tinham uma certa qualificação. No desenvolvimento da urbe, as mulheres das camadas populares precisavam ou ajudar no sustento da família ou sustentar sozinha a família, algumas delas não conseguiam fazer isso apenas com trabalhos aceitos pela sociedade. Acontece que o meretrício se tornava a saída para essas mulheres. Dentro de um contexto de grande migração, mão de obra desqualificada, e crescimento da urbe.

¹²⁹FRUTAS, legumes e falta de higiene. **A Hora**. Teresina, 17 out. 1971. Caderno de Domingo. [s.p.].

¹³⁰ FRUTAS, Op. cit.

[...] as condições de sobrevivência para os segmentos sociais pobres tornavam-se cada vez mais precárias. A situação da parcela feminina destes segmentos era ainda mais grave, se levamos em conta a existência de preconceitos que restringem muito as ocupações que podiam ser desempenhadas por mulheres.¹³¹

Assim, a prostituição permanecia como uma alternativa importante de sobrevivência para a mulher pobre, e no caso teresinense na década de 1970 não é considerada como um trabalho, ao contrário, é como uma degradação moral, e que deveria ser combatida, dessa forma o saber médico passa a intervir nos locais de meretrício, tornando o caso como caso de segurança e saúde pública.

A elite econômica e intelectual de Teresina exigia uma resposta da administração pública para a questão das casas de diversão que ficavam, inicialmente, localizadas no centro da cidade, em especial na Rua Paissandu, entretanto, essa zona foi sendo transformada devido ao projeto de embelezamento e modernização da cidade, e a maioria das casas de diversão se deslocaram para os bairros, onde o problema com a sociedade continuou. Dessa forma, a polícia recebia ordens para fechar os prostíbulos, muitos deles, localizados no Morro do Querosene, favela localizada próxima ao bairro Piçarra, na favela da Ema, entre outros locais mais afastados da zona central.

Em nome do ordenamento social, da moral, dos bons costumes e da saúde pública é que muitos “cabarés” foram fechados.

A secretaria de segurança pública, através dos seus órgãos competentes, está no momento adotando severas medidas contra alguns prostíbulos teresinenses cujo funcionamento irregular depõe contra os bons princípios da sociedade local. Já se registrou o fechamento de mais de 20 desses ambientes numa providência que tem recebido o aplauso geral da nossa comunidade.¹³²

De acordo com o excerto acima, a sociedade teresinense oferecia apoio à medida adotada pela administração pública, tendo em vista que em nome das famílias teresinenses, procurava manter o decoro e a ordem. No que tange à saúde pública, esses locais não possuíam as menores condições de higiene. Além de estarem localizados em zonas pobres, as instalações seguiam o mesmo ritmo de pobreza do local, e o que lá era realizado necessitava de um certo cuidado com a higiene, para que se evitasse a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e até mesmo de outras doenças infectocontagiosas.

¹³¹ ENGEL, Magali Gouveia. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 24 - 25.

¹³²MORRO do Querosene. **Jornal do Piauí**, p. 7, 11 jan. 1972.

Outro problema denunciado é que essas casas de diversão após serem demolidas para dar lugar a ruas e avenidas, como é o exemplo dos meretrícios que ficavam localizados na favela da Ema e deram lugar para a Avenida Miguel Rosa, acabaram por se alojar em locais onde a densidade residencial de famílias era significativa, e acabavam por incomodar à essas famílias.

Os jornais teresinenses serviram como um espelho para a sociedade. Um espelho, porque refletiu para os teresinenses o que deveria existir em uma cidade moderna, como as pessoas deveriam se portar em uma cidade moderna que rumava para o progresso e para o desenvolvimento. Refletiu ideias e ideais que deveriam ser fixados no imaginário dos habitantes da cidade, sejam eles ricos ou pobres, o que importava é que todos deveriam estar inseridos e disciplinados em um mesmo modelo, assim, quem não conseguisse ou não pudesse se adequar ao modelo deveria ser marginalizado, excluído, escondido, e escondido o máximo possível.

Os jornais incutiram no imaginário da população ainda que, a sujeira e as doenças dos pobres urbanos deveriam estar tão afastadas de maneira que a elite econômica e intelectual, e os visitantes não conseguissem enxergar ou sentir. Ou ainda, se não fosse possível esconder, que se procurasse resolver, mesmo que de maneira primária a situação. A questão envolvia a imagem que Teresina deveria transmitir ao resto do país, uma imagem desenvolvimentista da capital piauiense.

3 ENTRE A DOENÇA E A SAÚDE: OS INVESTIMENTOS EM SAÚDE PÚBLICA E A ASSISTÊNCIA À SAÚDE EM TERESINA

“[...] Suas ideias não correspondem aos fatos. Eu vejo o futuro repetir o passado. Eu vejo um museu de grandes novidades. O tempo não para.” (Cazuza - O tempo não para)

A partir deste ponto esta pesquisa será focada em um indivíduo que vivia em Teresina, capital do Piauí, no período compreendido entre 1971 e 1975, em bairros afastados do centro da cidade, que possuía infraestrutura habitacional precária, trabalhava em serviços com o empenho de maiores habilidades braçais, e que com o seu trabalho ajudou a construir a cidade, como nos lembra Roberto Lobato Correa¹³³.

Esse indivíduo passa a ver Teresina como uma dádiva que estava crescendo, se transformando, se movimentando, ganhando ares de moderno, em suas ruas, suas praças, no viver, no morar e no circular pela urbe. Entretanto, essa nova cidade contava com contrastes e é nesses contrastes que encontramos os pobres urbanos da pesquisa, é por entre as dobras da modernidade que podemos localizar aqueles que contribuíram para a mudança, mas que não tiveram condições de se adequar a ela, e, portanto foram excluídos.

Será pensado aqui também em produtores de discurso, em doutores da ciência, em administradores, pessoas que por ocuparem um lugar social diferenciado e mais elevado também contribuíram, assim como os pobres urbanos, para as transformações na urbe, de maneira distinta. E conseqüentemente sofreram as transformações de maneira diferente, aliás, esses por conta de sua posição social puderam além de construir a nova ordem, se adequar a ela.

Dessa forma, trabalha-se aqui com modos de vida diferentes, com discursos diferentes. As autoridades, “também têm de justificar suas ações passadas. [...] Elas não tem de levar em consideração um grupo inteiro, mas apenas sua individualidade. [...] O discurso das autoridades permite analisar como esses atores compreendem e analisam, por dentro, os mecanismos.”¹³⁴ E através dessa análise encontra-se contrapontos, distinções, incoerências, ou até mesmo

¹³³CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

¹³⁴VOLDMAN, Danièle. Definições e usos In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da história oral**. (Orgs.). Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 40.

semelhanças, cabendo ao historiador confrontá-las e construir uma representação do passado.

Os pobres urbanos por viverem o processo modernizador de maneira diferente das elites, possuem memórias diferentes das autoridades. Essas pessoas em alguns casos não consideram que suas memórias mereçam reflexão, que mereçam ser escutadas. No reduto da memória qualquer faísca de lembrança, qualquer silêncio ou não dito, qualquer indício de vivência de algum episódio, período ou acontecimento é o suficiente para tornar-se vital ao historiador, corroborando, contribuindo para a montagem do quebra-cabeça que é o passado.

Trabalha-se aqui com pobres do mundo moderno, o pobre que não possui bens materiais como televisão, automóvel, acesso à água encanada, luz elétrica, enfim, alguns símbolos da modernidade que passaram a significar o progresso em determinado período.

Definido assim pelos meios de comunicação, pelos saberes técnicos (assistencialismo social, pensamento sociológico, saber histórico e mesmo conhecimentos médicos) o pobre vai sendo inventado pelos discursos e as pessoas, de carne e osso, que representam ou encenam este papel de pobres nas cidades, vão sendo cercadas por estes dispositivos discursivos que tentam enquadrá-las em um conceito estanque, fatídico e aprisionador.¹³⁵

Assim, Antonio Clarindo nos informa de maneira mais esclarecedora o conceito de pobre, nos mostrando por quem eles são definidos e como vão se moldando e se modificando com o passar das épocas. Dessa forma, o pobre da cidade de Teresina, estudado aqui é significado assim por uma elite econômica e intelectual, entretanto através de entrevistas realizadas, percebe-se que essas pessoas não se consideravam pobres no período trabalhado, o mais próximo do conceito de pobre que essas pessoas se consideravam, eram trabalhadores.

Assim, observa-se que é como se os anos de 1971 a 1975 tivessem sido anos que para os entrevistados, foram vividos de maneira intensa e em suas falas acabam comparando com anos anteriores ou com a atualidade. Comparando com anos anteriores, o que se observa é que os pobres urbanos consideravam que viviam em situações piores e que tiveram avanços na primeira metade da década de 1970, e comparando à atualidade, às condições em que vivem hoje, senti-se um tom de saudade e nostalgia em suas falas.

¹³⁵SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Vivências, violências e ressentimentos: os pobres na cidade de Campina Grande (1945-1965) In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. (Org.) **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras**. Teresina: EDUFPI, 2010. p. 41-68.

3.1 DOENÇA É PARA POBRE: A SAÚDE PÚBLICA E O COMBATE ÀS DOENÇAS DA POBREZA

Assim como pensar nos consumidores da urbe teresinense nos anos de 1971 a 1975 é como pensar em contradição, mudanças e transformações, pensar saúde pública nos referidos anos é pensar em um modelo que também estava em transformação, começava a voltar-se para a prevenção, para a utilização de vacinas, porém ainda se mantinha centrado no modelo médico-hospitalar, que considerava o hospital ou as instituições hospitalares a base da assistência à saúde. Considerando isso é que serão analisadas matérias publicadas em jornais diários da cidade onde o tema é saúde pública, procurando inferir sobre o atendimento e a assistência às pessoas pobres e como isso refletia nos ideais de modernização e progresso das elites econômica e intelectual.

Em meados de 1973 a meningite estava fora do controle das autoridades públicas, entretanto os administradores procuravam esconder essa epidemia, que como tal atingia todo o país. Os jornais ora publicavam matérias informando o descontrole de tal doença, ora informavam que as autoridades de vigilância sanitária já tinham tudo sob controle. A meningite é uma doença que se propagava, naquele momento, de maneira rápida, dessa forma as autoridades utilizavam os jornais para esclarecer à população que era preciso evitar as aglomerações, tendo em vista que a transmissão ocorria pelo ar.

As autoridades médicas informavam que no Piauí não existia um surto da doença, o que existia eram boatos, pois após averiguações constatava-se apenas gripes com febres.

Segundo declarações da médica Maria do Amparo Salmito, que chegou no começo dessa semana de uma viagem que fez a São Miguel do Tapuio, a serviços médicos, não está havendo, no momento e de conhecimento médico, nenhum caso de meningite em São Miguel. Ela informou ainda que foi chamada ao município onde toda a população estava alarmada, com medo da doença, mas o que constatou foi simplesmente pessoas com casos de gripes e febres comuns e ‘caseiras’.¹³⁶

Apesar do título da matéria informar que a meningite não ataca o Piauí, o que entendemos no decorrer da matéria é que a doença não ataca o estado de maneira epidêmica. Daí, pode-se inferir a importância e a necessidade da análise das reportagens para que fique de forma clara o interesse por traz de cada registro. Entende-se, como Tania Regina de Luca que os jornalistas do século XX “consideraram o declínio da doutrinação em prol da informação.

¹³⁶MÉDICO TRANQUILIZA: meningite não ataca população do Piauí. O DIA. 26 jul 1974. p.5.

Consagrava-se a ideia de que o jornal cumpre a nobre função de informar ao leitor o que se passou, respeitando rigorosamente a ‘verdade dos fatos’¹³⁷, entretanto considera-se também o lugar social de cada jornalista, e ainda no caso do trecho supracitado, considera-se o lugar social dos médicos que informavam aos jornalistas. Dra. Amparo Salmito era médica em uma instituição pública, o Hospital de Doenças Infectocontagiosas, e o país vivia em pleno regime ditatorial. Dizia-se que o Brasil era o país do futuro, portanto, para que desejo fosse concretizado a população deveria ser saudável. Dessa forma, não seria interessante informar à população que a doença que assustava a todos estava se espalhando pelo estado.

A solução que o governo encontrou para controlar a transmissão da meningite foi a vacinação em massa. No caso da meningite a profilaxia ao doente acontecia no Hospital de Doenças Infectocontagiosas em Teresina, é necessário informar que nesse período o hospital ainda estava em fase de fundação e estabelecimento¹³⁸, daí podemos ponderar quanto ao efetivo atendimento às pessoas infectadas.

No ano de 1974 encontram-se diversas reportagens tratando da doença, em sua maioria informam sobre o número de pessoas afetadas pela doença em várias cidades do Piauí, inclusive Teresina. Informam também a maneira de transmissão e atitudes para evitar a contaminação, dentre elas a principal é evitar a presença em locais populosos e fechados, isso era sempre informado por médicos infectologistas que estavam cuidando da doença no estado. Evitar frequentar locais populosos e fechados é uma das premissas da medicina que ainda vinha do século XIX, que orientou até mesmo a arquitetura de residências, e continuou influenciando o discurso médico para evitar algumas doenças, um dos locais mais citados foram as feiras livres que eram realizadas em todo o estado, e que já explanamos aqui as condições sanitárias que elas possuíam. Dessa forma, considera-se o perigo que a multidão representava, assim como informa Maria Stella Bresciani, onde ainda no século XIX em Londres, “o incômodo causado pelos mendigos e pelos vagabundos isoladamente só se vê suplantado pelo medo deles em multidão”¹³⁹, medo que agora inclui além de mendigos e vagabundos, qualquer classe social.

Na edição do Jornal O Dia de 2 de agosto de 1974, mais uma fala da Dra. Amparo Salmito procura acalmar a população na tentativa de evitar o pânico com relação aos casos da doença, informa que é preciso evitar o sensacionalismo, estando todos os casos sob o controle

¹³⁷DE LUCA, Tânia Regina. História do, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 111-153.

¹³⁸SALMITO, Maria do Amparo. Teresina. 24 jun. 2014. **Entrevista** concedida a Talita Kamache Rodrigues de Lima.

¹³⁹BRESCIANI. Maria Stela Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: brasiliense, 2004. p.39

da Secretaria de Saúde, entretanto, mais uma vez não se pode perder de vista o lugar social da médica. O médico Dr. Natan Portela, então diretor do Hospital de Doenças Infectocontagiosas, ainda em março do mesmo ano, afirma:

[...] que a doença, entretanto pode ter caráter epidêmico poderá surgir em regiões, onde são precárias as condições de saneamento. Adiantando que a meningite é também comum em países desenvolvidos é natural que possam surgir casos em comunidades, onde os níveis de saneamento ainda existem em condições precárias.¹⁴⁰

Percebe-se que, como ainda estava na fase inicial da epidemia da doença, as autoridades médicas admitiam que pudesse existir uma epidemia, mas o que fica implícito no trecho acima é a necessidade que o médico sentiu de deixar claro que, apesar da doença se propagar de maneira mais fácil em locais onde as condições de saneamento básico eram precárias, isso não significaria dizer que o Brasil estava sendo atingido por esta condição, tendo em vista que em países desenvolvidos isso também acontecia. Era preciso garantir à sociedade que o Brasil não estava incluído no rol dos países pobres, sujos e imundos, ao contrário, estava sendo atingido porque a doença não estava banida de locais limpos, ricos e desenvolvidos.

Ainda tratando da maquiagem em relação ao surto de meningite, localizou-se uma entrevista com o Deputado Oscar Eulálio, que também era médico, onde este corroborou com afirmações de outros médicos destacando que a doença poderia atacar qualquer pessoa, em qualquer classe social, entretanto o que chamou a atenção foi a afirmação do deputado informando que, “se os serviços de assistência médica do estado tivessem o devido cuidado de comunicar ao órgão central as ocorrências nos 114 municípios do Piauí, veria-se que existe cifras assustadoras de mortes causadas pela meningite.”¹⁴¹

Dessa forma, percebe-se que o deputado denunciava que os números informados pelas autoridades médicas não correspondiam com a realidade, fazendo ainda com que a população ficasse ainda mais preocupada, e ainda percebe-se um certo embate onde o deputado procurava trazer à tona a realidade do fatos relacionados à meningite, e por outro lado os médicos que representavam a Secretaria de Saúde do Estado procuravam passar à população, através dos jornais, a imagem de que a doença estava sob controle.

Quando da distribuição e vacinação da população outros problemas foram discutidos, bem como os grupos que seriam vacinados por conta da baixa quantidade de antígenos, e não

¹⁴⁰MENINGITE já sob controle: Altos. **O Dia**, p. 5, 30 mar 1974.

¹⁴¹MENINGITE ameaça todo o Estado. **O Dia**, p. 5, 29 mar 1974.

se daria de maneira completa em todos os estados do território nacional¹⁴². Essa informação é do dia 3 de agosto de 1974, entretanto ainda no dia primeiro de agosto, o jornal O Dia informa que os médicos do Hospital de Doenças Infectocontagiosas já haviam solicitado as vacinas junto ao Ministério da Saúde.

O surto de meningite foi nacional e os jornais teresinenses traziam notícias da situação da doença em outros estados, e ainda as resoluções que eram tomadas. Notícias de São Paulo, Rio de Janeiro, que eram alguns dos estados mais desenvolvidos do país e que acabavam se tornando centro de decisões. De qualquer forma entende-se que a sociedade teresinense, e até mesmo piauiense precisava perceber que a meningite também estava a assolar outros estados, e estados considerados ricos e desenvolvidos, garantindo assim a imagem de que o Piauí estava se desenvolvendo e não precisava se envergonhar por ter seu povo acometido por tal doença.

Como combate à meningite o Ministério da Saúde criou uma Comissão Nacional de Controle da Meningite, que se encarregou de elaborar planos anuais de controle da doença, tenho em vista que controlar uma doença que se tornou epidêmica em um país não é algo feito em apenas alguns meses ou um ano. É um trabalho que leva anos, e no caso com a vacinação, para que se possa considerar erradicada do país. A contradição que encontra-se é que as autoridades procuravam sempre negar que existia uma epidemia são as mesmas que criam uma Comissão Nacional de Controle, o que faz pensar que se não havia uma epidemia, para que a criação de uma Comissão Nacional, mesmo que seja com objetivos a médio e longo prazos.

Encontram-se notícias de criação desta Comissão em julho de 1974. Neste ano havia assumido a presidência da República o general Ernesto Geisel. Destaque-se que o número de óbitos provocados pela doença tinha começado a cair em virtude das ações desenvolvidas no ano anterior, considerado o mais crítico. Esta Comissão seria responsável pela “vigilância epidemiológica, compreendendo recepção de notificações, inquéritos epidemiológicos, estudo da incidência, controle dos portadores e avaliação dos resultados das medidas preventivas e curativas.”¹⁴³

Em março de 1975 foi elaborado o plano básico de operações para garantir a vacinação de 10 milhões de pessoas em apenas quatro dias. A parte operacional da campanha esteve a cargo do exército. O esquema adotado durante a campanha não permitiu que fosse fornecido qualquer comprovante às pessoas vacinadas, nem o registro do número de vacinados.¹⁴⁴

¹⁴²MENINGITE: aplicação da vacina em estudo. **O Dia**, p. 4, 3 ago 1974..

¹⁴³COMBATE a meningite obedecerá plano nacional. **O Dia**, p.4, 26 jul 1974.

¹⁴⁴MORAES, José Cassio de. BARATA, Rita de cássia Barradas. Meningite, a epidemia que a ditadura não conseguiu esconder In: **História da medicina**. 33 ed. 2005. Disponível em: <<http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Revista&id=216>.> Acesso em: 09 jan 2015.

A vacinação em massa fez parte do programa de combate à meningite elaborado pela Comissão, entretanto no Piauí a campanha de vacinação não aconteceu como nos grandes centros, tendo em vista que não foi encontrado notícias da vacinação no estado no ano de 1975. Espera-se que algo com grande repercussão como a vacinação de uma doença epidêmica seja notícia para os periódicos, no entanto não é o que foi identificado. A última notícia do ano que foi encontrada informa que não havia mais previsão para a chegada vacina, tendo em vista que as que estavam sendo produzidas seriam direcionadas a São Paulo e Brasília, locais de maior incidência da doença, segundo o Ministério da Saúde, e o Piauí não estava inserido nestes dados. Ainda como parte do combate à meningite, identificam-se os jornais como meio de divulgação de medidas preventivas e de percepção de sintomas da doença, o que auxilia as autoridades no controle dos casos. Percebe-se que na maioria das reportagens relacionadas ao tema constam sempre informações sobre os sintomas, medidas preventivas e formas de transmissão.

O surto variolítico afetou as comemorações do 7 de setembro. Em vários estados o desfile foi cancelado pela Secretaria de Saúde, tendo em vista a proliferação da doença. Em virtude da grande aglomeração de pessoas em um mesmo local, em Teresina o desfile era realizado na Avenida frei Serafim, avenida mais importante da cidade, apesar de estar em local aberto o número de pessoas que se encontrariam ali representava um perigo à saúde, pois poderiam existir indivíduos infectados que ainda não haviam desenvolvido a doença e poderiam transmitir aos outros.

No ano de 1974 já existia o primeiro hospital particular de Teresina, Hospital Casa Mater¹⁴⁵, também recebeu casos de meningite, no dia 10 de setembro de 1974 encontra-se notícia de quatro pessoas internadas no dito hospital, a matéria tem como título a assustadora frase: “Meningite ataca mais quatro pessoas”¹⁴⁶, entretanto lendo a matéria percebe-se que dois dos casos informados no título ainda não haviam sido confirmados, aliás, encontram-se diversas contradições na reportagem, entre elas a primeira relacionada ao título e ao conteúdo da matéria, a segunda diz respeito ao início da matéria onde diz-se: Quatro pessoas portadoras de meningite estão internadas na Casa Mater [...] Dois desses casos surgiram na semana passada e os dois restantes na semana anterior [...]” continuando no parágrafo seguinte temos: “Ainda na semana

¹⁴⁵ Hospital particular da cidade que passou a receber doentes que vinham tanto do interior do estado como da cidade de Teresina, esse hospital realizava a maior parte dos procedimentos e eram realizados no Hospital Getúlio Vargas.

¹⁴⁶MENINGITE ataca mais quatro pessoas. **O Dia**, p.3, 10 set 1974.

passada uma criança foi para a Casa Mater, com *suspeita* de meningite. Mas o diagnóstico médico ainda não confirmou nada.”¹⁴⁷ (Grifo nosso)

Percebe-se aí a contradição nas informações, não se pode afirmar o porquê dessas contradições. Se o objetivo é confundir os leitores, ou os censores, ou ainda se por falta de trato com a escrita e manejo com a notícia por parte do jornalista, o fato é que as contradições existem e que acabam por ter alguma repercussão na vida das pessoas, seja para o bem ou para o mal, intencionais ou não.

Localizou-se em uma matéria do dia 3 de setembro de 1974 uma declaração que mostra como os atores que faziam parte de setores da administração pública consideravam certas declarações e notícias de cunho político. A médica Maria do Amparo Salmito, que à época era a responsável pelo controle da meningite, declara a respeito de informações enviadas por um vereador da comarca de Ipiranga à rádio Pioneira sobre diversos casos da doença em sua região, que “alguém está se aproveitando do tema para fazer política”.¹⁴⁸

Tem-se acima a fala de uma agente do governo inferindo sobre uso político de informações sobre uma doença, considera-se assim que de um lado o governo queria acalmar a sociedade não garantindo um surto de meningite e ainda desclassificando certas informações divulgadas pelos meios de comunicação, entretanto óbitos continuavam a acontecer e novos casos eram registrados em todo o estado.

Ainda tratando de doenças que atacaram a sociedade teresinense na primeira metade da década de 70 pode-se citar também a tuberculose que preocupou a administração pública. A partir do mês de outubro de 1974 é mais uma doença que passa a ganhar as páginas dos jornais com letras garrafais.

¹⁴⁷MENINGITE ataca mais quatro pessoas. **O Dia**, p. 3, 10 set 1974. p. 3.

¹⁴⁸MÉDICOS mostram no diálogo que não há surto de meningite. **O Dia**, p. 5, 13 set 1974..

Tuberculose mata 25 em Teresina

Vinte e cinco mortes de pessoas tuberculosas foram registradas este ano no Dispensário de Tuberculose, da Divisão Nacional de Tuberculose, em Teresina, onde 365 indivíduos sofrem daquela doença, segundo dados fornecidos pelo órgão.

Para o diretor do Dispensário, médico Lucídio Portela, a doença é causada principalmente pela promiscuidade, contágio direto com outros doentes, sub-alimentação, e outros fatores que contribuem para a ocorrência da infecção.

DOENTES

Nos nove meses deste ano 427 pessoas portadoras do bacilo de Koch, embora não sejam doentes (são denominadas reatores fortes), foram examinadas no dispensário. Aquela reparti-

ção atende pessoas residentes no Piauí e em algumas cidades do Interior do Maranhão, tendo sob seu controle 1.375 tuberculosos.

O grande problema para os doentes é o internamento devido a falta de vagas. Para aquele número de doentes existem apenas 96 leitos no Pavilhão de Tuberculosos.

ESTATISTICA

Em janeiro morreram 4 tuberculosos; em fevereiro não foi registrado óbito; em março faleceram 3; em abril, 4; em maio 3; junho, 3; em julho não se verificou nenhuma morte; em agosto morreram 3; e, em setembro 5. As mortes ocorreram em Teresina e outros locais de atuação do Dispensário, inclusive no interior do Maranhão.

O médico Lucídio Portela disse que a incidência de tuberculose em 1971 está sendo a mesma dos anos anteriores em todos os Estados do Nordeste.

CENTRAIS ELÉTRICAS DO PIAUÍ S. A.
CEPISA
NOTA AO PÚBLICO

Nº 028/71

A CENTRAIS ELÉTRICAS DO PIAUÍ S.A. — CEPISA, avisa a quem interessar possa, que de 06 a 08 de outubro, acham-se abertas as inscrições para Teste de Auxiliar de Escritório e Datilógrafo da Empresa, devendo o candidato apresentar no ato da inscrição os seguintes documentos:

- Título de Eleitor
- Certificado de Quitação com o Serviço Militar
- Duas Fotografias 3 x 4

Avisa, outrossim, que o Teste será realizado no dia 09 de outubro, devendo os interessados procurar a sede da Empresa à Rua Gabriel Ferreira, 292 — sul para inscrição e outros esclarecimentos.

A DIRETORIA

Figura 32: Tuberculose mata 25 em Teresina.
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 2, 5 out. 1971.

Na imagem acima é importante ressaltar o título da reportagem, “Tuberculose mata 25 em Teresina”. A tuberculose é uma doença altamente contagiosa, pois é disseminada pelo ar, através do contato com a pessoa doente por meio da tosse, espirro, transmitindo assim o bacilo. É uma doença que atinge principalmente as camadas pobres, pois estas possuem uma alimentação mais pobre em nutrientes e algumas vezes irregular, tornando a imunidade do indivíduo baixa e mais vulnerável ao ataque do bacilo. Diante disso, pode-se pensar a tuberculose como uma doença de pobre, e em uma cidade que se pretendia rica desenvolvida como Teresina um surto de tuberculose não condiz com essa imagem. Daí pode-se perceber o tamanho da preocupação que isso causou ao poder público, considera-se que causou preocupação não porque pessoas pobres morriam, mas porque doença de pobre em uma cidade rica não era aceitável.

A reportagem acima é do ano de 1971, ano que já eram localizadas as primeiras notícias de meningite no estado, dessa forma encontra-se mais uma doença que atingia a população teresinense de maneira concomitante, percebe-se aí que as doenças não apareciam de maneira separada, em períodos distintos, surgiam juntas, no mesmo período, o que afetava de maneira mais preocupante a sociedade. A cidade possuía um Dispensário de tuberculose¹⁴⁹, que recebia

¹⁴⁹O Dispensário de Tuberculose surgiu como Pavilhão de tuberculose, foi inaugurado em 1949, assumindo um papel importante no tratamento da doença no Estado, passando a funcionar com 94 leitos. Os serviços de

pessoas de todo o estado do Piauí e de parte do Maranhão, assim como outros serviços de saúde, tendo em vista que Teresina já se destacava como um pólo de saúde, e ainda realizava o tratamento de todas as formas de tuberculose.

Na figura 32 pode-se obter algumas informações sobre a doença no ano de 1971, bem como o problema relacionado ao número de vagas que se estendi a outros serviços de saúde, e que já é esperado se for considerado o tamanho da demanda. Pode-se identificar também o número de mortes registradas no ano que ainda não havia acabado, que foi de 25 pessoas, número que foi considerado pelo médico responsável, Dr. Lucídio Portela¹⁵⁰, normal tendo em vista as estatísticas do nordeste. E mais uma vez confirma-se que a tuberculose é uma doença que atingia de maneira mais incidente a camada pobre da sociedade.

As notícias sobre a incidência da tuberculose eram alarmantes, primeiro porque vinham, em sua maioria, com títulos em grande escala, e relacionando o número de mortos por causa da doença ou o número de casos. Noticiar sobre doenças epidêmicas pode causar pânico na população, um jornal com a credibilidade do Jornal O Dia à época não deixaria dúvidas na sociedade das condições de saúde, salubridade e nutrição dos habitantes da urbe. Teresina estava se tornando uma cidade doente, eram doenças epidêmicas noticiadas todos os dias, e a maioria das doenças estavam relacionadas à promiscuidade em que vivia uma parcela considerável dos teresinenses.



Figura 33: Cem novos tuberculosos surgem por mês no Piauí.

Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 1, 7/8 nov. 1971.

tuberculose foram coordenados no Piauí pelo médico Lucídio Portela, que se formou em medicina na cidade do Rio de Janeiro, tendo realizado o curso de pneumologia e tisiologia. [...] O Pavilhão de Tuberculose foi o primeiro hospital público do Piauí destinado ao atendimento de tuberculosos. A sua institucionalização ocorreu dentro da proposta da Campanha Nacional Contra a Tuberculose, cujo objetivo principal era o isolamento dos doentes em hospitais (sanatórios), mantidos longe do convívio social e familiar, visando, com isso, diminuir a disseminação da doença. Fonte: OLIVEIRA, Adrielly Caroline. FARIAS, Daniel Coelho. NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira. História e memória da tuberculose em Teresina – Piauí In: **Revista Interdisciplinar NOVAFAP**, Teresina. v.4, n.1, Jan/Fev/Mar, 2011.

¹⁵⁰Nascido em Valença do Piauí em 8 de abril de 1922, foi médico e político, governador do estado do Piauí de 1979 a 1983. É o irmão mais velho de Petrônio Portela Nunes, articulador da abertura política havida nos governos de Ernesto Geisel e João Figueiredo. Formado em Medicina na Universidade Federal do Rio de Janeiro com especialização em tisiologia pelo Ministério da Saúde e pós-graduação em Radiologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Membro da Associação Piauiense de Medicina.

Assim, as péssimas condições de habitação e nutrição de alguns habitantes estavam se tornando um problema de todos, o pobre doente estava conseguindo atingir o rico intocável, disseminando suas doenças e fazendo a cidade moderna tomar ares de um vilarejo adoecido. Os jornais, ao mesmo tempo em que alarmavam a população com suas notícias e manchetes que assustavam o rico, que era quem tinha maior acesso aos jornais, também informavam o porquê dessas doenças estarem a fazer parte do cotidiano da urbe teresinense. Chamando a atenção para a necessidade de se acabar com o que representava pobreza e tudo que era fator de desenvolvimento e disseminação de doenças contagiosas.

É pertinente chamar a atenção para o seguinte trecho da matéria:

Para o dr. Lucídio Portela as condições de saneamento deficiente são as mais fortes causas para o aumento dos casos. O Dr. Germano Gerhardt afirma que a incidência cada vez menor da doença independe de medidas sanitárias, porque ‘o descenso da tuberculose caminha pelos caminhos da civilização’, embora recomende a vacinação em massa das crianças até o primeiro ano escolar, faixa etária mais atingida pelo contágio.¹⁵¹

Nota-se aí uma contradição clara entre as falas dos médicos, Dr. Lucídio Portela, médico piauiense, Dr. Germano Gerhardt¹⁵² que era o diretor da Divisão Nacional de Pneumologia Sanitária, foi superintendente da Campanha Nacional Contra a Tuberculose do Ministério da Saúde (1978 a 1990). Percebe-se que são lugares sociais diferentes, um representa o governo federal, e procura afastar a contaminação pelo bacilo por meio da promiscuidade da vida de alguns brasileiros. Dessa forma, procura-se afastar a imagem de um país que é doente porque é sujo, mais uma vez esse mesmo ideal perpassa a fala de membros do governo.

Não foi localizada nenhuma notícia da tuberculose no ano de 1972, já no ano de 1973 a doença volta a assustar a população teresinense, e como resposta a Secretaria de Saúde inicia campanha

¹⁵¹CEM novos tuberculosos surgem por mês no Piauí. **O Dia**, p.1 7/8 nov. 1971.

¹⁵²Médico pela Faculdade Nacional de Medicina (FNM UFRJ), fez mestrado em Medicina, com concentração na área de Pneumologia e Tisiologia, no Instituto de Tisiologia e Pneumologia (UFRJ), onde foi chefe de clínica (1975 a 1978). Atualmente, é professor adjunto da UFRJ (1969), presidente da Fundação Ataulpho de Paiva. Quando superintendente da Campanha Nacional Contra a Tuberculose do Ministério da Saúde (1978 a 1990), teve diversas realizações: reorganização do controle de tuberculose no país, unificando as ações em nível central e descentralizando as atividades, em um programa inteiramente governamental; implantação do tratamento de curta-duração de tuberculose no país (1978), sendo o Brasil o primeiro a adotá-lo em caráter nacional, de forma universal e gratuita; maior aproximação ensino-serviço, editando material instrucional e a primeira edição do livro ensino-serviço sobre a tuberculose; e a vacinação com BCG, por via intradérmica, em recém-nascidos. Além disso, foi presidente (1999-2001) e membro (2002) do Comitê Técnico Assessor de Tuberculose da Secretaria de Políticas de Saúde do MS e coordenador técnico da Área de Tuberculose da Sociedade QTRÓP (1999 a 2005). Disponível em: <<http://www.expoepi.org/homenageados/germano-gerhardt-filho/>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

de vacinação, que como já foi colocado foi uma das maiores ações dos governos em relação à saúde pública na primeira metade da década de 1970. Reuniu-se uma verdadeira força-tarefa para realizar a vacinação, “a participação da Secretária e Saúde, o Serviço Social do Estado, a Fundação SESP, o INPS, o Serviço de Tuberculose e outros órgãos”¹⁵³.

O que chama atenção sobre as campanhas de tuberculose é que na Mensagem do governo à Assembleia Legislativa não se encontra registro da campanha de tuberculose, o que intriga, tendo em vista o tamanho do investimento e os membros envolvidos. Não foi encontrado cifras ou quantidade de doses de vacinas realizadas, esses são dados importantes que afirmam e confirmam determinadas ações de um governo, considera-se uma falha que por não informar acaba levantando alguns questionamentos. Será que a vacinação foi realmente realizada? Porque não informar esses dados, se eles mostrariam que a administração pública estava trabalhando para conter essas doenças infectocontagiosas que assustavam a população?

Apenas na Mensagem Governamental do ano de 1975 é que se localizou uma informação relacionada ao controle e combate às doenças infectocontagiosas. Em entrevista realizada com a D. Doralice, permissionária do mercado central, notamos que houve sim campanhas de vacinação, no entanto a entrevistada não conseguiu recordar para que doenças as vacinas eram direcionadas. Ao ser questionada sobre as vacinas oferecidas pela administração pública, D. Doralice informa:

D. Doralice: Rapaz tinha um negócio de, [...] que dava no pessoal, tinha um bocado de doença, muito mesmo, nessa época tinha sim, rum, tinha sim agora que ninguém vê falar, nessa época tinha, acho que isso ai agora acabou n foi? Ninguém vê falar mais não, é a tosse braba. Não tinha a tosse braba?

Talita: Tinha?

D. Doralice: Tinha. Tomaram vacina.

Talita: Onde era?

D. Doralice: Tinha época que vinha vacinar bem aqui dentro da praça. Era.

Talita: Vinha uma equipe vacinar aqui na praça?

D. Doralice: Vinha outra vacinar os idosos, era assim. Nesse tempo vacinei depois disso vacinei também.

Talita: Contra o que nesse tempo?

D. Doralice: Qual tempo, agora?

Talita: Em 70.

D. Doralice: Foi negócio dessa meningite, mas era tanta coisa...¹⁵⁴

¹⁵³SAÚDE traça as normas para a campanha contra tuberculose. **O Dia**, p. 5, 8 mai 1973.

¹⁵⁴DORALICE. Teresina 18 de jan de 2014. **Entrevista** concedida a Karlene Sayanne e Talita Kamache.

Tendo em vista o trecho supracitado nota-se que algumas das vacinas realizadas foram para a tuberculose, na qual D. Doralice se refere como “tosse braba”, termo que indica a forma como ficou conhecida a doença na época, considerando que a doença desenvolve sim na pessoa acometida uma tosse persistente, e ainda foi realizada vacinação contra meningite, esta que é citada de maneira mais concreta. Chamar a tuberculose por tosse braba, ou chamar a pessoa infectada como “tisgo”, com o passar do tempo tornou-se algo pejorativo, e até mesmo sinônimo de preconceito, tendo em vista que a doença estava associada à pobreza e promiscuidade.

D. Doralice por trabalhar no Mercado Central estava sempre a par dos acontecimentos daquela região, e informada quando as equipes de vacinação chegavam para realizar a vacinação na praça. Se tomar por base que era preciso uma ação forte e incisiva de vacinação para conter as doenças epidêmicas, a praça era um local estratégico, pois no período ainda era um zoológico, local bastante frequentado pelos teresinenses e por turistas – informação também dada por D. Doralice - grande aglomeração de pessoas, o que tornava o meio propício para disseminação das doenças e ainda para realizar ações de vacinação da população. Da maneira como D. Doralice expressa essa situação, aparenta que era algo natural e realizado de maneira fácil, não se pode afirmar que sim, tendo em vista outras matérias relativas à vacinação para outras doenças, que não foram realizadas de maneira simples e nem recebida de maneira acolhedora pela população.

Localizaram-se informações sobre a vacinação de escolares nos jornais no ano de 1974. As crianças de cinco a quatorze anos estavam sendo vacinadas com a BCG, nome da vacina, que combate as formas mais graves de tuberculose. Considera-se outra estratégia da administração pública para que a vacinação se desse de maneira efetiva, levar as doses até as crianças no local onde passam a maior parte de seu, não tendo assim que contar com a boa vontade dos pais em levar as crianças até o posto de vacinação.

Nota-se aí uma maneira de disciplinar as crianças. Partindo de uma instituição disciplinadora, a escola, onde noções de higiene e boa alimentação deveriam ser transmitidas às crianças, disciplinando-as à sociedade moderna que caminhava cada vez mais ao progresso. Segundo o jornal O Dia de 6 de junho de 1974, quinhentas crianças já foram vacinadas em Teresina, vale ressaltar que uma das escolas que tiveram suas crianças vacinadas foi o Sagrado Coração de **Jesus**, escola religiosa da Igreja Católica, e como tal matinha um nível de disciplina com seus alunos elevado, e estar saudável faz parte do que preconiza a ideologia moderna para um cidadão moderno, um ser disciplinado em seus modos, e saudável, que contribua com o

futuro de sua nação, ou cidade ou estado. Dessa forma, percebe-se dois micro poderes agindo sobre os corpos dos escolares, primeiro o saber-poder¹⁵⁵ da escola que disciplinava os modos e a educação, e ainda o saber-poder do Estado, que através dos profissionais responsáveis pela vacinação ordenava e esquadrihava as crianças, no sentido de não permitir que elas adoecessem.

Nota-se ainda que essa vacinação iniciou pelos filhos das elites, considerando que os estudantes da escola supracitada são crianças filhas de uma parcela da sociedade mais abastada economicamente, pensando assim pode-se inferir que esses escolares deveriam também estar protegidos, deveriam ser os primeiros para que não corressem o risco de serem infectados pelos pobres doentes da cidade. Era preciso garantir a salubridade da cidade, mas em primeiro lugar era preciso assegurar que as pessoas que embelezavam a cidade não adoecessem. A faixa etária que receberia a vacina eram crianças dos cinco aos quatorze anos, período em que está em formação um cidadão, período em que não se pode perder uma criança ou um adolescente para uma doença, tendo em vista que eles fariam o futuro do país e que tornariam a cidade de Teresina um lugar com ares salubres e modernos em todos os aspectos.

Os escolares também foram atingidos por um esforço da administração pública em cuidar da dentição dessas crianças. Considera-se aí mais uma forma de disciplinar esses cidadãos em formação, a aparência dos dentes identifica os modos de vida e uma pessoa, mais uma vez a higiene é um fator fundamental na qual o Estado buscava intervir. Pode-se ainda considerar que o governo usava de reportagens que informavam campanhas para fazer a imagem do governo, tendo em vista que os títulos das reportagens eram em letras grandes, e além da informação relativa aos cuidados com os dentes dos escolares, por exemplo, ainda eram veiculadas informações que elevavam a imagem da administração de Alberto Silva¹⁵⁶.

Outro lugar que a Secretaria de Saúde escolheu para realizar a vacinação contra tuberculose foi os Centros Sociais, que eram instalados em alguns bairros da cidade. Eram centros de ações do Serviço Social do Estado, estavam localizados em bairros mais periféricos e mais pobres, dessa forma a vacinação passava a atingir a população pobre. Vale ressaltar que essa aproximação entre o Serviço Social do Estado e a Secretaria de Saúde se tornou oficial no

¹⁵⁵“Poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.” Tratamos, portanto o corpo dos escolares como informa Foucault: ‘um corpo político’ como conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber.” In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 30.

¹⁵⁶Sobre o assunto, ver CONVÊNIO para cuidar dos dentes de 25 mil escolares da capital. **O Dia**, p.2 5 nov 1971.

mês de dezembro com um convênio firmado e noticiado nos jornais¹⁵⁷, os centros sociais passaram a oferecer os serviços de saúde em suas instalações, dessa forma considera-se que pelo menos em tese a assistência à saúde das pessoas mais pobres estava recebendo uma melhor atenção e investimento. Porém, não se pode deixar de considerar que o momento sócio histórico que Teresina e o Piauí viviam pedia uma propaganda ativa das ações do governo, mesmo que na prática não fosse encontrado o que o papel dizia.

A imagem que ficou cristalizada do primeiro governo de Alberto Silva acabou por atingir os quadros da memória dos habitantes da cidade de Teresina, um governador que queria dirigir a capital no lugar do prefeito, acabou por fazer muitas realizações na cidade buscando mesmo ficar gravado na memória dos piauienses, em especial dos teresinenses. Como amostra do apreço pela primeira administração de Alberto Silva pode-se citar que todos os entrevistados não consideraram a saúde pública ruim ou deficiente na primeira metade da década de 1970, aliás, falam com saudade do período, considerando que não faltava nada em relação à saúde pública, comparam com a atualidade, queixando-se dos dias de hoje.

Em relação a isso, mais um detalhe que chama a atenção nas reportagens que tratavam da vacinação é que em sua maioria informavam também que a vacina não possuía qualquer efeito colateral, que as crianças não precisavam interromper suas atividades normais, pois não havia reação. Percebe-se que essa era uma maneira de tranquilizar a população, especialmente a mais pobre supondo que este era menos informada¹⁵⁸, sobre a vacinação, para que não ocorresse imprevisto e que transcorresse tudo de maneira tranquila.

O governo do Estado firmou convênio com o Projeto Rondon¹⁵⁹, essa informação pode ser identificada pelo jornal O Dia de 18 de janeiro de 1973, o que de maneira curiosa não se localizou nas mensagens governamentais. Os rondonistas vacinariam 10 mil crianças contra tuberculose nos bairros periféricos de Teresina, e ainda fazendo parte do Projeto Piauí “em todos os lares em que tem passado os rondonistas tem deixado lições de aproveitamento mais

¹⁵⁷Sobre o assunto, ver SAÚDE e SERSE em ação. **O Dia**, p.1 , 18 dez 1971.

¹⁵⁸Pode parecer contraditório, se levar em consideração que a maioria dos pobres de Teresina não sabiam ler ou escrever, entretanto os jornais informavam essas pessoas à medida que a informação circulava, saindo de uma leitura de jornal passando às pessoas mais pobres por meio da fala e de conversas.

¹⁵⁹O Projeto Rondon foi criado em 1967 e durante as décadas de 1970 e 1980, permaneceu em franca atividade, tornando-se conhecido em todo o Brasil. No final dos anos oitenta, o Projeto deixou de receber prioridade no Governo Federal, sendo extinto em 1989. O Projeto tinha como lema: “integrar para não entregar”, expressando um ideário desenvolvimentista articulado à doutrina de segurança nacional. O projeto promovia atividade de extensão universitária levando estudantes voluntários às comunidades carentes e isoladas do interior do país, onde participavam de atividades de caráter notadamente assistencial, organizadas pelo governo. Disponível em: <projektorondon.pagina-oficial.com/portal/index/pagina/id/9718/area/C/module/default>. Acesso em: 27 jan. 2015.

útil das potencialidades do bairro, inclusive com a colaboração e outros setores.”¹⁶⁰ Dessa forma, nota-se a relação intrínseca entre a saúde da população e o desenvolvimento do estado, considerando que explorar as potencialidades de seu bairro contribuiria para o desenvolvimento de sua cidade e assim do seu Estado.

Identifica-se que essa duas doenças, meningite e tuberculose, coexistiram por determinado período em Teresina e no Piauí, causando certo temor na população, e trazendo trabalho para a administração pública, que teve que cuidar de duas doenças altamente transmissíveis, foi um trabalho que tinha que contemplar a imunização e ainda as condições de vida, higiene e modos da população.

Além da meningite e da tuberculose temos notícias de campanhas de vacinação relativas a outras doenças, entre elas considera-se a tifo, que se fez presente no cenário citadino por conta das enchentes, que nesse período ainda eram frequentes, e ainda o sarampo. Pode-se citar também a paralisia infantil ou poliomielite, na qual nota-se uma intensa campanha de chamamento das mães para vacinação dos filhos. As notícias sobre a vacinação contra paralisia infantil eram em sua maioria com títulos em letras garrafais assim como sobre meningite e tuberculose. A luta contra a poliomielite era uma campanha de cunho nacional, por conta disso, profissionais do Ministério da Saúde tiveram que realizar treinamento com profissionais do estado com o intuito de ter uma efetiva e correta administração da vacinação.

Essa foi mais uma campanha onde foi criada uma verdadeira força-tarefa para dar seguimento e procurar alcançar as metas determinadas pelo Ministério da Saúde. A poliomielite era considerada no período um mal que atingia toda a humanidade, e a vacinação foi encarada pelo governo do estado como um verdadeiro desafio, e na fala do governador à um jornal temos que:

[...] o Piauí aceitava o desafio das entidades nacionais e está pronto para colaborar com todas as disponibilidades do estado para que a campanha, realmente consiga no Piauí, alcançar os altos objetivos para que foi idealizada e reafirmou a sua confiança em todos os setores da administração e nas entidades privadas para que as crianças do Piauí, da faixa etária compreendida entre os 2 meses e quatro anos recebam a vacina Sabin para a *garantia de uma juventude sadia no futuro*.¹⁶¹ (Grifo nosso)

Dessa forma, percebe-se o tamanho do desafio para a saúde pública, pois se tratava de uma doença que impediria a garantia de uma juventude sadia no futuro, assim como foi

¹⁶⁰RONDON vai vacinar 10 mil contra tuberculose. **O Dia**, p. 3 18 jan 1973.

¹⁶¹83 mil crianças do Piauí vão tomar a vacina Sabin. **O Dia**, p. 8, 6 mai 1972.

ressaltado no trecho acima. Mais uma vez nota-se o intuito de se constituir jovens sadios e bem preparados para a garantia do futuro do país, dessa forma era preciso fazer um apelo considerável, e o que se encontra nos jornais são apelos às mães com frases de efeito. A seguir têm-se algumas propagandas que mostram o apelo da imprensa e do Estado para que as mães vacinem seus filhos.

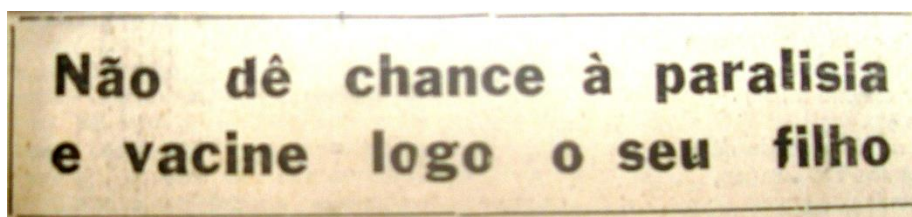


Figura 34: Não dê chance à paralisia e vacine o seu filho.
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 1, 7/8 mai. 1972.



Figura 35: Propaganda de caderneta de poupança, sobre vacinação infantil.
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 05, 07 mai. 1972.

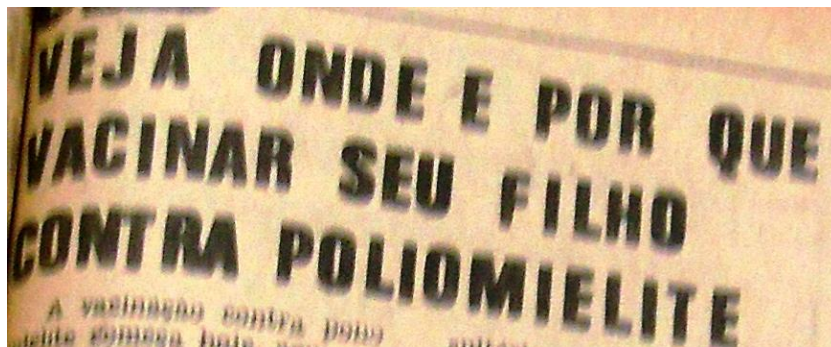


Figura 36: Veja onde e por que vacinar seu filho contra poliomielite
 Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 3, 20 ago. 1974.

Utilizou-se a foto 35 mais uma vez para mostrar um exemplo do empenho que o governo solicitou de todos os órgãos do estado, públicos e privados, tendo em vista que a imagem acima é propaganda da caderneta de poupança, assim nota-se um esforço coletivo para a realização com sucesso da campanha de vacinação.

A foto 36 é o título de uma matéria do jornal *O Dia* no ano de 1974, no decorrer do texto o que se pode notar o grande apelo aos pais para a vacinação dos filhos, e esse apelo é iniciado no título, tendo em vista que o jornal pretende informar todos os locais disponíveis para a vacinação, e ainda deixa a matéria mais extensa por que se propõe a informar o porquê da necessidade de vacinar as crianças. Após a catalogação das fotos, percebeu-se que dos anos de 1971 a 1975 aconteceram campanhas de vacinação contra poliomielite, entretanto não se localizou esses dados nas mensagens de governo à Assembleia Legislativa, o que pode ser considerado uma falta da administração estadual.

Nos anos anteriores a 1974 não foi encontrada notícias nem nos jornais nem nas Mensagens Governamentais dos resultados das vacinações, o que se encontra é uma reportagem informando o fracasso da vacinação do ano de 74 que cita dados do ano anterior. Assim, no ano de 1973 o jornal informa que:

Segundo as declarações da médica Maria do Amparo Salmito, coordenadora da campanha anti-pólio, aqui no Piauí, a campanha do ano passado foi um sucesso. Durante o mês de novembro de 1973 43 mil 330 crianças tomaram a primeira dose, enquanto 31 mil 746 tomaram a segunda dose, 21 mil 500 tomaram a terceira e 30 mil 217 crianças tomaram a dose de reforço.¹⁶²

Dessa forma, se comparando com ano de 1974 a vacinação estava bem aquém da meta desejada, que era de 115 mil crianças. Esses dados citados acima foram informados pela médica

¹⁶² VACINAÇÃO contra pólio foi verdadeiro fracasso. *O Dia*, p.3, 23 ago 1974..

responsável pela campanha no Piauí e repassados pelo jornal, por conta disso não é pertinente afirmar como verdadeiros ou falsos. A falta de informação relacionada aos números das campanhas de vacinação pode levantar questionamentos, entretanto a pesquisa em documentos oficiais só foi possível nas mensagens de governo, não foi possível localizar dados em outras fontes oficiais, pois estas não existem mais por conta de fatores naturais, e não foi possível ter acesso a outro tipo de documentação oficial.

Localizou-se ainda em jornais do ano de 1974 notícias de enchentes que afligiram a população teresinense, em especial a parcela mais pobre da sociedade, tendo em vista que boa parte morava próximo às margens dos rios Poty e Parnaíba. Dessa forma, além da falta de moradia, que foi perdida nas enchentes essas pessoas teriam que lutar contra mais uma doença, a febre tifóide. Foi possível encontrar também reportagens sobre o uso de lagoas, tidas como impróprias para a lavagem de roupas, mas as lavadeiras desenvolviam as suas atividades ali e por conta disso são acusadas de contraírem doenças. Eram pequenas lagoas que se formavam durante e após o período chuvoso, e por conta da proximidade de suas casas as mulheres que ganhavam a vida realizando a lavagem de roupas de outras famílias utilizavam essas lagoas, correndo o risco de se contaminarem. Outro motivo para que as lavadeiras utilizassem esses locais para realizarem seus serviços era falta d'água na maioria dos bairros periféricos, assim como informa o jornalista:

No Lourival Parente, por exemplo, nunca houve água, não há ainda nem o encanamento definitivo, pois sendo área considerada como muito pobre a Agespisa ainda não cogitou em estender até ali a rede de abastecimento porque supôs que não haverá interesse imediato para a população rarefeita que habita a área.¹⁶³

A partir do trecho acima inferi-se as táticas e estratégias que Michel de Certeau preconiza, onde nota-se as táticas que as pessoas ordinárias criam para sobreviver. Certeau fala que “sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder.”¹⁶⁴ E isso é o que percebe-se através da prática cotidiana supracitada, pessoas despossuídas de saber-poder elaboram suas táticas e “apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresentam e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder.”¹⁶⁵

¹⁶³ÁGUA poluída provoca tifo e lavadeiras. **O Dia**, p. 5, 16 mai 1974.

¹⁶⁴CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 97.

¹⁶⁵CERTEAU, Op. cit.

Além das doenças já citadas encontram-se notícias de doenças como a gripe, a esquistossomose, disenteria, lepra, entre outras que são contraídas por conta das condições de higiene que a maioria da população vivia, ou no caso das doenças infectocontagiosas o contágio e a disseminação se dava e ainda se dá pelo contato próximo com a pessoa contaminada, contato esse que existia de maneira intensa nas feiras livres, no mercado público, nos clubes e em outros locais de grandes aglomerações. Dessa forma, nota-se o que deveria ser combatido pra o bom desenvolvimento da capital piauiense.

3.2. “UM POVO SADIO PARA DESENVOLVER-SE”: A REDE E OS INVESTIMENTOS PÚBLICOS EM SAÚDE

A rede de saúde de Teresina era em sua maior parte gerenciada pelo governo do estado, sendo assim, o que foi possível localizar quanto aos investimentos públicos em saúde estão relacionados aos documentos oficiais, como mensagens governamentais, e ainda nos jornais escritos. Contudo, também se localizou alguns registros que informavam a participação da administração municipal, participação essa que era realizada na maioria das vezes por meio de convênios. Segundo o articulista do *Jornal do Piauí*, a Prefeitura Municipal de Teresina, “procurou assistir paralelamente ao trabalho feito pela Secretaria de Saúde, o homem teresinense para que tenha ele melhores condições para o trabalho.”¹⁶⁶ Ou seja, o trabalho realizado era algo complementar ao trabalho da Secretaria de Saúde que pertencia ao governo do Estado.

Outra questão que é possível notar quando o assunto é saúde pública é perceptível que esta secretaria trabalhava em parceria com a Secretaria de Obras Públicas, tendo em vista que o governo do estado estava colocando como prioridade a construção de novos hospitais e/ou a reforma de outros. É perceptível que o interesse em aumentar a rede hospitalar contribuía com o objetivo de colocar-se no “alto das pirâmides, no sentido de colocar-se a favor de um desenvolvimento que correu bem em 1971”.¹⁶⁷ Entende-se que as pirâmides na qual o articulista se refere está relacionada ao rol das cidades desenvolvidas e modernas do país, onde um sistema de saúde bem organizado que supre as necessidades de seus habitantes é o ideal.

Entretanto, considerando a literatura referente às políticas públicas de saúde percebe-se que os investimentos na saúde pública por serem voltados para construções e reformas, fez com que a parcela pobre da população não tivesse suas reais necessidades atendida, no que diz

¹⁶⁶UM povo sadio pra desenvolver-se. *Jornal do Piauí*, p. 8, 15 mar 1972.

¹⁶⁷SAÚDE. *O Dia*. 1/2/3 jan 1972. Caderno Especial. p. 1.

respeito à medicina preventiva e curativa, pois os leitos dos hospitais públicos e particulares também, em sua maioria eram direcionados aos trabalhadores, pois estes contribuíam com a Previdência Social, que sofreu um certo “inchaço” quando o assunto é o número de contribuintes que aumentou consideravelmente.

Tabela 7: A receita do INPS: principais receitas correntes - 1967 a 1976 (% receita total)

RECEITA	967	968	969	970	971	972	973	974	975	976
Receitas correntes										
Receita Tributária ^a	5,5	4,3	5,6	7,7	7,0	7,7	9,1	1,1	9,9	5,8
Transferências Correntes ^b	,2	,8	,5	,4	,7	,6	,6	,4	,8	,7
Receitas Imobiliárias ^c	,3	,3	,0	,1	,1	,2	,4	,1	,3	,2

Fonte: MPAS/INPS, [s.d.].

LEGENDA:

a. São as contribuições de empregados e empregadores;

b. São as participações do governo;

c. São os recursos arrecadados com o patrimônio da Previdência (capitalização).

Utilizou-se a tabela acima para analisar o inchaço que aconteceu no sistema previdenciário nos período compreendido entre 1967 e 1976, pode-se perceber que houve um crescimento na variação da receita tributária, ou seja, aquela realizada pelos trabalhadores dependentes da previdência. Nos anos 60, variou entre os 85,5 % a 85,6%, já no ano de 1970 houve um crescimento de mais de 2% se levar em conta o ano de 1967, e ainda o ano de 1974 foi o que teve o maior índice de contribuição, contando com 91,1% da receita do INPS. Pensando assim, nota-se que os pobres urbanos, que eram em sua maior parte trabalhadores autônomos que não tinham condições de contribuir com a previdência sofriam com a falta de leitos e/ou atendimento.

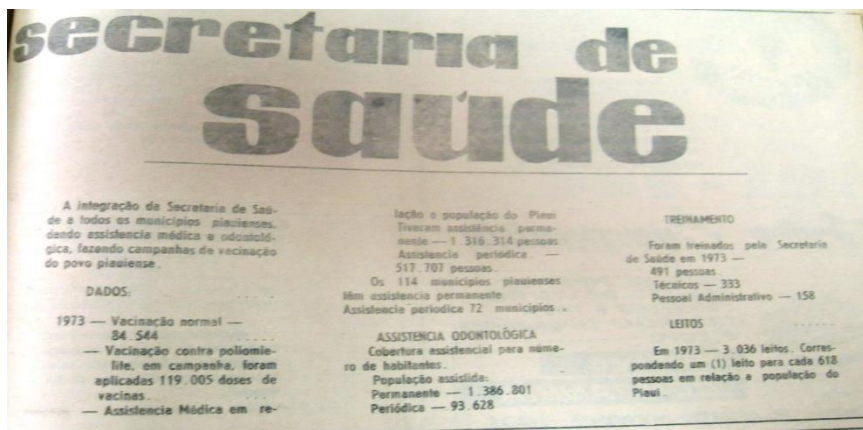


Figura 37: Secretaria de Saúde.

Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 11, 31 mar./01 abr. 1974.

Para os trabalhadores pobres o que se observa como assistência de saúde efetiva são as campanhas de vacinação. Acima pode-se notar alguns dados referentes à vacinação, assistência odontológica, treinamento de pessoal e leitos no estado relativo ao ano de 1973. Os dados são considerados altos tendo em vista que consideram a população do Piauí, em Teresina não se pode informar, pois não foi localizado, mas inferir-se com relação ao número de leitos no estado, tenho em vista que o total da população do Piauí na década de 70 era de 1.680.573 habitantes e 1 leito para cada 618 pessoas não pode ser considerado um número razoável.

Entretanto, através da matéria acima é que este dado foi publicado de maneira elogiosa às ações do governo. Considerando os dados e a bibliografia sobre políticas de saúde no Brasil o que se pode perceber é que essas políticas sociais na década de 1970 não atingiram à população total de maneira satisfatória. De alguma forma, essas políticas foram voltadas apenas para as pessoas que possuíam algum benefício a mais, ou que conseguiam assegurar-se por meio da Previdência Social.

No ano de 1971, o jornal *O Dia* publica uma matéria informando as ações do governo em todas as áreas da administração pública, entre elas a saúde pública, garantindo que a saúde era uma das mais pesadas frentes de ação do governo. A matéria é do mês de outubro, ou seja, pouco mais da metade do primeiro ano da administração de Alberto Silva, e mesmo assim o jornal já elogiava pelo governo já ter concluído a maior parte dos projetos planejados.

Assim, o que é possível notar no conjunto das matérias relacionadas à saúde pública é que uma das obras de maior porte da primeira administração de Alberto Silva foi a reforma do Hospital Getúlio Vargas. Essa reforma diz respeito à construção do ambulatório do HGV, e ainda o anexo do isolamento para a internação de doentes infectados por doenças infectocontagiosas.

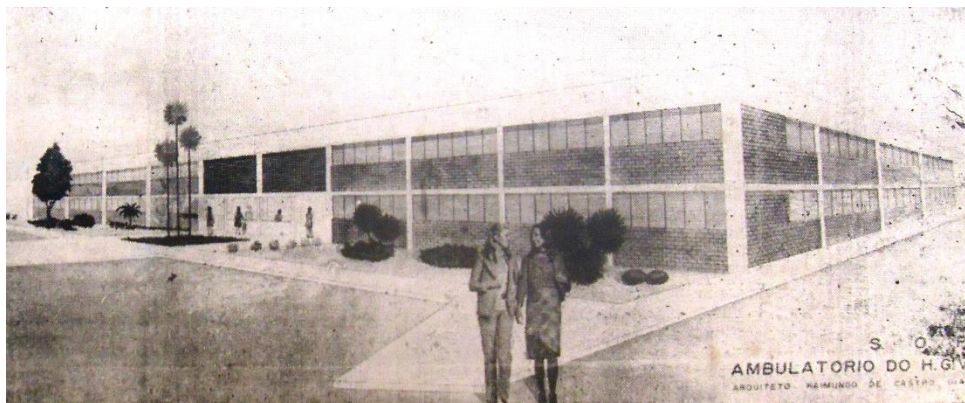


Figura 38: Foto da maquete do Hospital Getúlio Vargas após reforma.
 Fonte: **O Dia**. Teresina, 03 out. 1971. Caderno de domingo. p. 1.

Acima observa-se a foto da maquete do Hospital Getúlio Vargas após a reforma que a administração estadual planejava. Analisando de maneira amadora a foto o que se percebe é o objetivo de modernizar o hospital e conseqüentemente a cidade de Teresina. Percebe-se a amplitude da construção, o ar de moderno se reflete na leveza da edificação onde não é possível notar a elevação com tijolos até o fim do pavimento, e ainda troca-se o verde pelo cinza do concreto é pouco o número de árvores em frente ao edifício, a amplitude do estacionamento. E mais emblemático ainda considera-se as duas mulheres em frente ao prédio com rostos felizes saindo do Hospital, imagina-se que são duas pacientes que foram bem atendidas no novo ambulatório. No papel o que encontram-se são projetos belos, harmoniosos e que tem tudo para satisfazer um habitante moderno e uma cidade desenvolvida.

É preciso salientar que a construção desse ambulatório fazia parte de um projeto maior, que era o de criar um complexo de saúde na região central da cidade. Daí encontrar-se certa contradição no que diz respeito ao projeto para a área da saúde do governo albertista, pois dizia-se ser meta principal interiorizar a medicina, isto é, levar atendimento de saúde com qualidade e permanente às cidades do interior do estado, construindo novos hospitais, e contratando novos profissionais, entretanto tornar Teresina um complexo de saúde atrairia os habitantes das cidades interioranas para a capital, o que de fato aconteceu com o passar dos anos.

O que nota-se através da análise das fontes jornalísticas é que, em especial o jornal **O Dia**, realizava uma propaganda exacerbada do governo no que tange às realizações, investimentos em Saúde no Piauí, trazendo considerada relevância para os investimentos na saúde teresinense. Percebe-se aí o intuito modernizador e transformador recaindo sobre a capital

piauiense, mais uma vez localizam-se rastros¹⁶⁸ de que esse ideal de modernização fervilhava no imaginário dos governantes, no imaginário da elite intelectual e econômica da cidade. Afinal, um jornal bem reconhecido na cidade escrevendo bem sobre o governo, informando a população de grandes realizações do poder executivo acabava por conferir ao governante uma imagem de bom administrador e que realmente pretendia mudar o cenário piauiense.

Localizou-se no caderno de domingo do já referido jornal uma matéria de capa com duas páginas acerca dos investimentos em saúde no Piauí no ano de 1971, início da administração albetista. Esse caderno de domingo foi voltado para o setor saúde, em alusão ao dia do médico que é o dia 18 de outubro. A matéria tem como título “médico, saúde e progresso”¹⁶⁹, nela o articulista demonstra o que estava acontecendo nas diversas frentes de projeto que a administração do estado tinha para a saúde pública, entre elas podem ser citadas a interiorização da medicina, a atuação do governo, a integração dos serviços, os convênios firmados, a melhoria dos hospitais, entre outros.

No que diz respeito à atuação o articulista informa a construção de hospitais no interior do estado e o aumento no número de leitos, para os convênios firmados ele utiliza de uma capacitação de auxiliares de enfermagem e atendentes para melhor servirem à população, tendo em vista que essa capacitação se dava por meio de convênio com o Programa Intensivo de preparação de mão-de-obra, entre outros convênios firmados para capacitação de pessoal.

Ainda no mesmo caderno de domingo acompanhava outra matéria onde letras garrafais estampavam a página com o seguinte título: “Município procura suprir carência da Assistência Médica”¹⁷⁰, nessa nota-se a tentativa do articulista em colocar a atuação do município sobre a assistência à saúde em patamares baixos, tendo em vista que “como a secretaria de saúde do estado já encampa grande parte da assistência médico-hospitalar e odontológica em Teresina, a prefeitura entra apenas como *subsidiária* da saúde pública na zona urbana.” (Grifo nosso). Considera-se a palavra subsidiária como uma palavra que coloca a atuação da prefeitura abaixo do termo auxiliar, apesar de serem sinônimos, as duas palavras em um contexto de propaganda acabam por tomar sentido um pouco diferente. Entende-se que auxiliar significa ajudar, mas caminhando lado a lado, enquanto que subsidiária, ajuda, mas em um nível abaixo. Dessa forma, localizaram-se mais uma vez a recaída do jornal para o lado governista.

¹⁶⁸ Ver em: GIZNBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso e fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁶⁹MÉDICO, SAÚDE E PROGRESSO. **O Dia** 17/18 out 1971, caderno de domingo, p. 01.

¹⁷⁰Município procura suprir carência da Assistência Médica. **O Dia**, 17/18 out 1971, caderno de domingo, p. 02

Pensou-se ainda que uma matéria em um caderno de domingo de um jornal de grande circulação na cidade acaba por atingir uma parcela considerável da população, se levar em conta a disponibilidade das pessoas para lerem o periódico no domingo, tendo em vista que não estarão no trabalho, pelo menos se espera que a maioria das pessoas esteja em casa descansando, assim terão mais atenção para a leitura do noticiário.

A atenção à saúde pública por parte da prefeitura municipal na zona urbana da cidade se dá para os menos abastados, segundo o articulista, tendo em vista que,

[...] a prefeitura implantou um sistema de assistência médico-dentária, com uma equipe de 8 médicos e 9 dentistas atuando na área urbana, num atendimento de duas vezes por semana em cada posto que funciona efetiva ou provisoriamente nos diversos bairros da cidade, principalmente naqueles onde se concentra a maior faixa da população pobre.¹⁷¹

Percebe-se aí dois lados de uma mesma moeda, por um lado pode-se pensar que estava prestando assistência aos pobres urbanos, levando a assistência até onde estes moravam, uma assistência de certa forma permanente, pois eram duas vezes na semana, e toda semana; por outro lado foi possível identificar uma maneira de excluir também, se pensar que essas pessoas não teriam que ir ao centro da cidade onde se encontrava o centro da saúde teresinense, de certa forma os visitantes, ou a elite econômica e intelectual da cidade não teriam o desprazer de encontrar com essas pessoas no mesmo local que frequentavam. Pode parecer desconfiança demais por parte de uma aprendiz de historiadora, entretanto entendemos que isso é fazer leitura a contrapelo. Desconfiar da fonte e nos apropriar dela faz com que montar o quebra-cabeça da história seja mais fragmentado do que parece ser.

É por conta dessas medidas por parte da prefeitura que se encontrou em falas como a de Dona Doralice certo saudosismo em relação a esse período no que diz respeito a assistência à saúde. Esta informa, como já citado, que não deixava a desejar as questões de saúde, entretanto não se pode generalizar. Pessoas como Dona Doralice, Seu Brasil e Dona Regina, permissionários do Mercado Central, por exemplo, consideraram a saúde pública de qualidade no período. Eram pessoas que não tinham previdência social, mas que por construírem seu discurso, em algumas vezes, comparando-o com o presente, se consideraram em situação melhor na primeira metade da década de 1970, considerando também que estes trabalhavam no mercado central e o maior hospital da cidade, que recebia pessoas acometidas por qualquer enfermidade, se localizava no centro da cidade.

¹⁷¹Município procura suprir carência da Assistência Médica. **O Dia**, 17/18 out 1971, caderno de domingo, p. 2.

Seguindo a matéria, abordando os outros componentes do sistema de saúde localizaram-se textos acerca da Maternidade São Vicente, até o momento a única maternidade do estado, nela era atendida qualquer parturiente, independente, inclusive da condição social. Colhendo dados estatísticos do jornal, mais uma vez pela falta deles e por conta da escassez e do cuidado com as fontes, revela-se que no ano de 1970.

[...] nasceram 4811 crianças nos 104 leitos divididos em 53 para indigentes, 17 para parturientes do Funrural e 10 para pensionistas. Na última categoria é cobrada diária de cerca de 43 cruzeiros com acompanhante. Na maioria das vezes, ficam ocupados somente por três dias por cada cliente.¹⁷²

Nota-se no trecho da matéria uma contradição, tendo em vista os dados informados, se o articulista informa que existem 104 leitos disponíveis na Maternidade São José, levando em consideração a divisão feita para quem são destinados os vinte e quatro leitos que faltam para completar o número supracitado? Ou foi um erro do jornalista ou intencionalmente não citou esses leitos que faltam, não há como confirmar, porém é preciso questionar e ficar atento a questões como essa. Afinal, são leitos que existiam, mas que não estavam ao saber da população.



Nesta sala os recém-nascidos são conservados em berços, sob os cuidados de uma enfermeira que os examina e faz a identificação, à espera dos pais ou dos familiares. A sala dispõe de equipamento moderno.

¹⁷²MATERNIDADE São Vicente onde começa a existência. **O Dia**, p. 03, 17/18 out. 1971.

Figura 39: Sala de recém-nascidos na Maternidade São Vicente.
 Fonte: **O Dia**. Teresina, 17/18 out. 1971. Caderno de domingo. p. 03.



Figura 40: Demonstração do uso do aparelho recém-adquirido.
 Fonte: **O Dia**. Teresina, 17/18 out. 1971. Caderno de domingo. p. 03.

Acima, há duas fotos que demonstram a aquisição de símbolos da modernização na área da saúde. A figura 39 mostra a sala de recém-nascidos da maternidade uma enfermeira monitora as crianças, e na legenda localiza-se a palavra-chave: moderno. Na foto 40 também percebe-se o sentido da modernização, onde um aparelho recém-adquirido para escutar os batimentos cardíacos do feto. Aquisições como essa é que permitem considerar a modernização da saúde pública na cidade de Teresina.

Segundo a reportagem não se percebe em nenhuma palavra qualquer tom de crítica ou que indicasse problemas ou faltas no atendimento, na estrutura hospitalar, ou em qualquer outra área, são elogios que chegam até a um tom romântico, como nesse trecho: “na sala de espera os móveis são geralmente ocupados por pais nervosos que andam de um lado a outro a sala, mas ele sabe que sua mulher está entregue em boas mãos”.¹⁷³

¹⁷³MATERNIDADE São Vicente onde começa a existência. **O Dia**, p. 3, 17/18 out. 1971.

Enfim chega-se ao Hospital Getúlio Vargas, considerado um complexo de saúde. Quando se indaga os entrevistados, considerados pobres urbanos da pesquisa, esses só citam o Hospital Getúlio Vargas e o Hospital de Doenças Infectocontagiosas como hospitais existentes na cidade, daí reiteramos a importância dessas instituições para o cotidiano da urbe e de seus habitantes. Quando pergunta-se sobre atendimento de urgência os entrevistados informam que iam ao HGV, quando era um atendimento de ambulatório, consultas de rotina, iam ao HGV, o que corrobora com o adjetivo utilizado pelo articulista na matéria: “Hospital Getúlio Vargas: um complexo de saúde.”¹⁷⁴

No ano de 1971 o HGV contava com:

[...] 428 leitos. Desse número 321 são de pacientes não contribuintes. Apenas 107 são de Pensionato, isto é, de clientes dos Institutos e particulares. No momento, o HGV conta com 13 clínicas e o número de leitos ocupados recebem alimentação gratuita, medicações e exames complementares, estando assim distribuídos: clínica médica – 39 leitos; ortopedia – 30; cirurgia – 44; neurologia – 12; clínica de urgência – 20; urologia – 20; otorrinológica – 12; oftalmologia – 14; dermatológica – 18; pediatria – 40 e ginecologia – 38. Tem ainda o Pavilhão de Isolamento (o antigo), que ainda faz parte do conjunto hospitalar, com 24 leitos. Também o Pronto Socorro com 10 leitos.¹⁷⁵

Analisando os números acima percebe-se uma distinção não igualitária no número de leitos no hospital. Sendo esses números reais ou não o que há é um maior número de leitos para pessoas consideradas indigentes, aquelas que não contribuem com a Previdência Social. 321 leitos é um número razoável e que chega a causar um certo estranhamento, e além disso, pode ir de encontro com as memórias dos entrevistados, que garantiam ser bem atendidos nessa instituição. Clínica médica, cirúrgica, pediatria e ginecologia são as clínicas com maior número de leitos, daí pode-se inferir que a atenção à mulher, à criança e a doenças mais comuns saíam na frente na atenção à saúde.

¹⁷⁴HOSPITAL Getúlio Vargas: um complexo de saúde. **O Dia**, p. 3, 17/18 out. 1971.

¹⁷⁵Op. cit.



Figura 41: Filas no ambulatório do Hospital Getúlio Vargas.
 Fonte: O Dia. Teresina, 17/18 out. 1971. Caderno de domingo. p. 3.

E para destoar um pouco de tantos elogios e bem-feitorias, o articulista nos mostra a foto acima, fila no Hospital Getúlio Vargas aguardando para conseguir uma ficha para atendimento. E na legenda o jornalista acaba por se maldizer do horário que as pessoas precisavam chegar e por essa ser a única saída que essas pessoas tinham. Eram mães com crianças de colo, e de todas as idades, e ainda idosos tendo que aguardar nas filas para atendimento.

Os investimentos em saúde pública por parte do governo do estado estavam quase que diariamente nas páginas dos jornais, sobre os hospitais “foram comprados três novos hospitais na Inglaterra, hospitais pré-moldados em alumínio, um deles ficou na capital do Piauí, a Maternidade Evangelina Rosa, e outros dois foram para Picos e Floriano, onde receberam a denominação de Hospitais Regionais.”¹⁷⁶ Os investimentos não foram só na construção de hospitais, mas na aquisição de equipamentos, na reforma de hospitais, convênios, aquisição de ambulâncias, entre outros. Contou-se com a fala de um dos diretores do Hospital Getúlio Vargas no período, onde este informa que quando da reforma do hospital.

O Dr. Alberto era muito a frente da época dele, ele reformou, ele reformou o HGV no seguinte sentido, tinha um elevador colocou dois, a cozinha a gente entrava com bota de borracha assim, porque tinha meio palmo d’água, *na lavanderia as mulheres lavavam a roupa com pus, sangue esfregando à mão, comendo manga*, era uma loucura, uma loucura. Eu levei o governador lá um dia, governador o senhor vai lá, meu Deus do céu. Ele fez uma cozinha nova, a lavanderia nova, a central de almoxarifado nova, dois elevadores. Que mais? A clínica dermatológica, tudo isso dentro do HGV, lá existia uma caixa d’água quebrada, eu recuperei o poço, se a Agespisa hoje funciona mal imagine

¹⁷⁶TEIXEIRA, Tomaz. **Alberto Silva**: o mito e o político – o que eu vi, ouvi e aprendi. Teresina: Halley, 2010.

naquele tempo, aí nós passamos a ter água do nosso poço. É, ajeitamos o centro cirúrgico, ajeitamos o mesmo pronto-socorro, foi ele que aumentou, onde hoje é a administração e construiu o complexo do HGV, ele construiu o ambulatório do HGV que hoje chama ambulatório azul, aquilo fui eu que construí projetado pra ir até o ano 2050, ele tem capacidade pra isso. [...] Dr. Alberto um dia me chamou e disse. O HGV era dividido nas clínicas, doze, né? Ele me chamou e disse: ‘Chame os chefes das clínicas e pergunte o que eles querem, tudo que eles precisarem.’ Eu chamei: - Dr. Lineu o que que o senhor precisa lá pra clínica médica? ‘Eu quero isso, isso, isso.’ - Só isso? Porque o governador disse que é o que o senhor quiser. ‘Eu quero mais.’ - Pois bote. Fulano o que que o senhor quer, fulano, fulano. Quando foi na hora da oftalmologia eu era o diretor e era o chefe da oftalmologia, eu peguei o vice-diretor e disse: - Assuma que eu vou pedir o que eu quero. Pedi tudo, tudo, pra oftalmologia, tudo o Alberto comprou, Alberto comprou tudo. Chico Ramos era da neurologia ele comprou tudo pra neurocirurgia, o Alberto Silva, ele dizia assim: ‘O ótimo para o Piauí ainda é pouco.’ Além disso, fora isso tudo que ele fez no HGV criou a central de caldeiras que é o centro de caldeiras que fornece água quente pro hospital inteiro pra lavar pratos, pra lavanderia, criou a central de caldeiras que ainda hoje funciona lá. Reformou o laboratório e começamos aí o Hemopi que era o Dr. Antonio Inácio, cirurgião, o diretor do Hemopi [...] Construiu ali naquela área o HDIC, Hospital de doenças infectocontagiosas que era um flagelo, era um flagelo, construiu a maternidade Evangelina Rosa que foi ele que construiu.¹⁷⁷ (Grifo nosso)

Nota-se aí que o problema da higiene da cidade começava dentro dos hospitais, percebe-se isso pela situação que as lavadeiras faziam o seu serviço. Essa é uma questão que passa pelas condições de trabalho que o hospital oferecia às suas trabalhadoras e também pelos modos e noções de higiene das trabalhadoras. Primeiro porque a estruturas das lavanderias não eram adequadas ao serviço, provavelmente o hospital não oferecia treinamento e/ou equipamentos para essas mulheres trabalharem de maneira segura e correta, e em segundo lugar as noções de higiene que essas possuíam, pois se alimentar em meio ao serviço, e lavando roupas sujas de sangue e pus não condiz com as noções básicas de higiene e limpeza, e consequentemente, saúde. É perceptível também a exaltação feita pelo diretor ao governador do estado, em nenhum momento existe a informação de alguma falta por parte de Alberto Silva, ao contrário, só elogios.

É necessário informar que a reforma que o Hospital Getúlio Vargas sofreu nos anos de 1971 a 1975 foi uma das maiores em toda sua história, reforma essa que foi celebrada pelos jornais da cidade, tendo em vista que a instituição receberia a construção de um ambulatório, o que diversificaria e tornaria o atendimento ambulatorial mais eficiente, o que resolveria, pelo menos no papel, a situação mostrada na foto 41.

¹⁷⁷GONÇALVES, João Orlando Ribeiro. Teresina, nov. 2011. **Depoimento** concedido a Francisco Alcides do Nascimento e Talita Kamache Rodrigues de Lima.

Em março de 1972 o jornal O Dia informa com a reportagem abaixo o investimento de 900 milhões de cruzeiros para a assistência à saúde, e mais uma vez encontra-se uma manchete na página número dois do jornal em letras que chamavam bastante atenção, garantindo assim que a atenção dos leitores fosse apreendida pelo título da matéria.

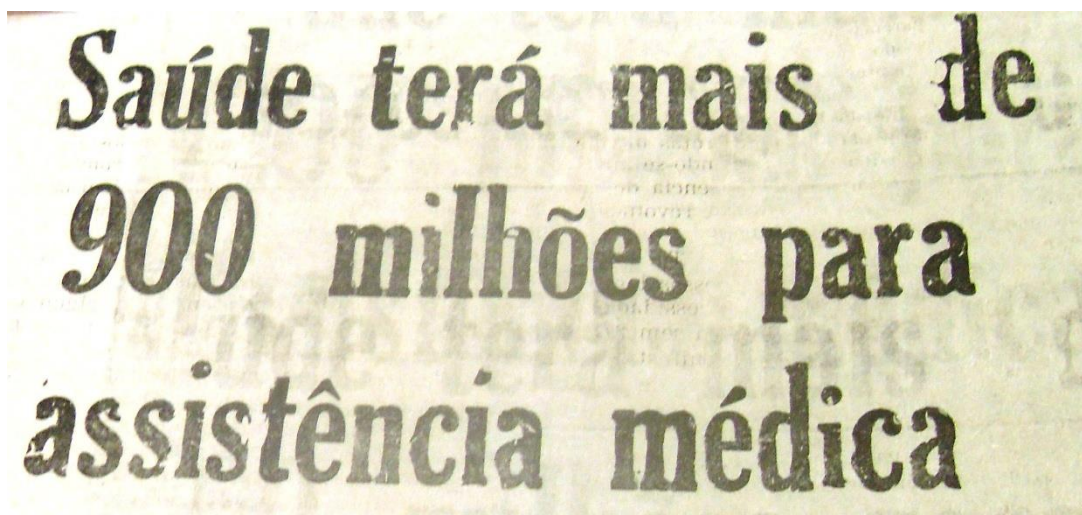


Figura 42: Saúde terá mais de 900 milhões para assistência médica.
Fonte: **O Dia**. Teresina, p. 2, 19 mar. 1972.

O que chama mais atenção, além do tamanho das letras utilizadas no título da matéria, é que todo esse chamamento para a matéria é para tratar de uma ida do secretário de saúde à Brasília para tentar conseguir investimentos na cifra de 940 milhões de cruzeiros, era apenas uma tentativa, não tinha nada de concreto. E ainda, a tentativa era para conseguir a construção de uma central de medicamentos em Teresina, central essa que distribuiria medicamentos “básicos aos pobres, especialmente antianêmicos; antibióticos e vermífugos.”¹⁷⁸ Segundo esses medicamentos pode-se apontar algumas das doenças mais comuns que afetavam os pobres, tais como anemia, infecções e verminoses, e doenças que teriam remédios doados a essas pessoas.

Localizaram-se notícias da efetivação desses investimentos, no que diz respeito à criação da central de medicamentos por meio da reportagem do jornal do dia 18 de março de 1972, onde a notícia informa sobre a chegada de “medicamentos para os pobres”¹⁷⁹, e esses medicamentos eram dispensados na Central de medicamentos, “que está funcionando na rua Higino Cunha, 521, na Piçarra.”¹⁸⁰ Estava sendo realizado o cadastramento das pessoas, e ainda no dia 07 de junho do mesmo ano localizou-se notícia sobre a distribuição efetiva. Observou-

¹⁷⁸SAÚDE terá mais de 900 milhões para assistência médica. **O Dia**, p. 2 19 mar. 1972.

¹⁷⁹CHEGARAM mais medicamentos para os pobres. **O Dia**, p. 8 18 mai. 1972.

¹⁸⁰Op. cit.

se também na intenção da viagem realizada pelo secretário de saúde, porém salienta-se mais uma vez o lugar social do jornal em questão, um jornal que reproduzia informações sobre o governo que da maneira como eram veiculadas parecia ser algo tão significativo, no qual a população deveria se orgulhar.

Como medida que atendesse aos pobres pode-se citar o caso dos moradores do Buenos Aires, bairro que moravam pessoas que em sua maioria foram remanejadas da zona central da cidade para tal lugar. A região não possuía abastecimento de água encanada, pavimentação, energia elétrica, as casas eram feitas de taipa, cobertas de palha, podendo perceber a situação através da fala do senhor Francisco de Assis Gondinho¹⁸¹

[...] quando nós saímos da Miguel Rosa, onde tinha toda uma estrutura montada, aí fomos lá pro Buenos Aires, aí nós passamos exatamente três anos sem ter nada lá, não tinha água, não tinha energia, não tinha rua, não tinha nada e foram três anos de difícil situação porque a gente estava numa situação atual *porque imaginava numa situação desejada, e de repente chega e não tem nada.*¹⁸²(Grifo nosso)

Nota-se aí o ressentimento na fala de Seu Francisco, a partir do momento que este informa que tinham um desejo e quando chegaram ao local não tinha nada, e nada é uma palavra bem significativa, ainda mais para quem desejava e imaginava algo e teve o desejo desfeito e transformado em um pesadelo. Pela palavra nada, pode-se deduzir as condições de saúde para essa parcela da população, se não tinha nada, posto de saúde também não existia. E mais uma vez nota-se que as condições de higiene e salubridade dos bairros e das casas corroboravam com o surgimento e propagação de doenças, e ainda para ter acesso a um atendimento médico havia a necessidade de se deslocar para a zona central da cidade, Hospital Getúlio Vargas.

Outra questão bastante comentada pelos jornais de Teresina é a maternidade, tendo em vista que estava no projeto de governo de Alberto Silva a construção de uma nova maternidade para o estado que ficaria localizada na capital. A maternidade São Vicente não conseguia mais atender a demanda crescente de parturientes e as suas instalações não estavam mais adequadas à realidade do estado. O jornal A Hora do dia 27 de abril de 1973, como já era de se esperar, tece comentários sobre a não construção da nova maternidade, comentários esses que chegam às seguintes palavras:

¹⁸¹ Senhor Francisco de Assis Gondinho morador atual do bairro Bela Vista, mas que na década de 1970 morava na região onde hoje é a Avenida Miguel Rosa e foi remanejado para o bairro Buenos Aires.

¹⁸² GONDINHO, Francisco de Assis Soares 2006. **Entrevista** concedida a Laércio Barros Dias e Regianny Lima Monte.

[...] estão sendo entabulados com organismos ingleses com o objetivo de conseguir hospitais do tipo britânico para Teresina, incluindo aí uma nova casa capaz de substituir a Maternidade São Vicente, como se também tivesse ido buscar na Inglaterra os meios para a extemporânea e dispendiosa reforma do Hotel Piauí ou os recursos para a construção do Albertão e o embelezamento do Palácio de Karnak obras programadas e executadas com o objetivo de perpetuar o nome do governante e assegurar-lhe imagem popular, sabido que o fachadismo impressiona, embora em nada contribua para o esperado desenvolvimento econômico e social, ainda tão distante no Piauí, onde as classes média e baixa cada dia são mais sufocadas, porque os seus rendimentos, quando há são comprimidos pelas constantes elevações do custo de vida.¹⁸³

Acima nota-se duras palavras em relação à forma de administrar do governador Alberto Silva, palavras que pretendem informar à população que Silva ao invés de investir e melhorar a saúde pública investia e encontrava facilidade para realizar obras que na visão do articulista não colaborava com o desenvolvimento efetivo do estado. É notável que o jornalista procura mostrar à população que o governador investia em sua imagem de governador popular e não procurava se tornar um governante que investia em áreas que realmente interessavam à população. Era necessário investir em hospitais, maternidades, o que de fato iria servir para o desenvolvimento do estado.

Para o articulista é importante notar que não houve tanto dispêndio para que se conseguisse recurso para as obras de fachada que o governador realizou, e para a construção de novos hospitais havia tamanha dificuldade. O que se nota é o interesse por parte do articulista em mostrar que Silva apenas estava preocupado em elevar a sua imagem com obras suntuosas. De fato só encontramos notícias mais efetivas da construção da maternidade em março de 1974, bem como de outros hospitais pelo interior do estado, na data o jornal O Dia informa a assinatura de contratos para a construção da nova maternidade que mais tarde recebeu o nome da mãe do então governador, Evangelina Rosa.

Dessa forma, pode-se entender que a saúde pública na década de 1970 vivia um momento que, em alguns aspectos se repetiam, aspectos positivos ou negativos, entretanto o discurso dos governantes, principalmente Alberto Silva construía um real que não era o mesmo para as camadas pobres da cidade. Para os pobres urbanos, em alguns sentidos o futuro estava sempre a repetir o passado.

¹⁸³NOVA maternidade não sai e continua precário o atendimento no HGV. **A hora**. 27 abr. p. 5.

A intenção de medicalizar os pobres, discipliná-los, acabar com as doenças na cidade, passar a imagem de uma cidade saudável, bonita e organizada era o necessário para iniciar um novo momento na história do Piauí, iniciando pela capital, o cartão de boas vindas do estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver em Teresina nos anos iniciais da década de 1970 era viver entre o belo e o feio, entre o rico e o pobre, entre o velho e novo. Era coexistir com um paradoxo que precisava ter fim, entretanto esse fim não chegou e a nova forma de viver na capital do Piauí se deu de maneira diferente para cada construtor da urbe.

A mentalidade dos teresinenses estava mudando, a cada dia uma nova construção, um tapume novo, uma rua nova, uma avenida nova, a cada dia uma cidade nova estava sendo erigida e isso fazia com que uma nova mentalidade fosse construída junto com a cidade. A capital do Piauí estava sendo vista e chamando atenção de visitantes que a tornariam muito mais atrativa, e essa era a intenção do governador do estado.

A cidade precisava ser limpa, higienizada, sem surtos de doenças, sem sujeira e com habitantes limpos, educados e saudáveis, dessa forma a população foi disciplinada, educada para viverem de forma correta na capital do progresso. Políticas públicas de saúde foram implantadas, tanto em âmbito estadual quanto chegadas do governo federal para que os governantes tivessem condições de transformar a imagem de seus estados, tendo em vista que a imagem foi uma categoria muito cara aos governantes militares que precisavam legitimar o seu governo a qualquer custo.

Os jornais teresinenses traziam todos os dias notícias relacionadas à saúde pública, aos investimentos em saúde e ainda sobre a intensa e crescente necessidade de tornar os investimentos em saúde pública uma constante. Os jornais denunciavam também sujeira na cidade, falta de higiene em locais de sociabilidade, doenças que afetavam a população, entretanto, a pesquisa nos permitiu considerar que essas denúncias em sua maioria possuíam um tom de alerta, isso por parte dos jornais que estavam dando apoio ao governo. Já por parte dos jornais que faziam oposição à administração governamental, aqui consideramos apenas um, as denúncias estavam com o tom que a palavra sugere.

Consideramos assim, que a construção da imagem de dois governantes foi algo bastante recorrente no período em estudo, pois os jornais trabalhavam para construir a imagem ou do governador do estado ou do prefeito de Teresina, e ora faziam isso com a publicação de feitos de ambos para a cidade, ora faziam isso dispensando uma oposição severa e críticas ferrenhas.

A saúde pública era notícia diária, para o bem ou para o mal, lidando com uma censura e uma autocensura os jornalistas teciam suas palavras de apoio ou repúdio à situação da saúde teresinense. Os pobres urbanos que consideramos na pesquisa constituíram um *corpus* de fonte

que levaram em consideração o momento que viviam no momento da entrevista, que afirmaram ser pior que o momento vivido na primeira metade da década de 1970. Apesar de alguns terem sido desapropriados, remanejados, em relação ao aspecto saúde, a sua memória não conseguiu não comparar com o momento presente vivido pela saúde pública brasileira. E a imagem de uma cidade em crescimento contribuiu bastante para a seleção do que ficaria guardado na memória.

Assim, através das entrevistas não podemos informar que a saúde pública viveu um momento complicado nos anos de 1971 a 1975, apesar de localizarmos dados sobre grandes surtos de doenças contagiosas como meningite, tuberculose, entre outras, que afetaram de maneira epidêmica a população teresinense, ou ainda de mau atendimento ou atendimento deficiente em hospitais públicos da cidade. O que ficou gravado nas paredes da memória dos nossos entrevistados foi o momento de desenvolvimento da capital piauiense, onde as pessoas tiveram um maior acesso a produtos industrializados que representavam símbolos da modernização.

Consideramos a imprensa teresinense como um meio de comunicação difusor de maneiras de bem viver na cidade moderna, maneiras de como se portar, o que poderia e o que não poderia existir em cidade que pretendia estar no rol das cidades brasileiras modernas e desenvolvidas, mas para além de uma vitrine os jornais foram utilizados pelo poder público para veicular uma imagem de progresso e desenvolvimento, considerando como importante os investimentos públicos, informando cifras exorbitantes como 900 milhões de cruzeiros para a saúde pública.

Entretanto, apesar dos investimentos, não faltavam notícias nos jornais que faziam oposição ao governo estadual, que era o responsável pela administração da pasta da saúde, em relação a mau atendimento e falta de investimentos, notícias essas que eram muitas vezes feitas de maneira velada. Fazendo oposição à administração municipal, que era responsável pela limpeza pública e organização de locais que vendiam produtos para alimentação. Os jornais de apoio ao governo teciam comentários e notícias informando a deficiência nesse sentido, avaliamos esse aspecto porque consideramos a saúde pública em seu conceito mais amplo. Dessa forma concluímos que, em torno de uma pasta da administração pública, existiam jogos de interesses que acabavam por bipolarizar a assistência à saúde da população teresinense e isso refletia nos jornais que circulavam diariamente na capital do Piauí.

Assim, entendemos que a construção desse trabalho vem a contribuir para o desvendar da cidade de Teresina, através do aspecto saúde pública podemos ver a representação de uma

parte do passado teresinense em um período onde a repressão acabou por fragilizar a efetividade das políticas sociais. Dessa forma, trouxemos a tona uma problemática que ficou esquecida pelos atores sociais e acabou sendo representada de outra forma, diferente da esperada por nós. Consideramos que abrimos novas possibilidades de pesquisa sobre a década de 1970 e a cidade de Teresina, tendo em vista as multifaces que a cidade possui.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Irlane Gonçalves. O crescimento da zona leste de Teresina – um caso de segregação? Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1983.
- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência - O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social *Apud* CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. As reflexões sobre o Imaginário Social. 2011.
- BARROS, José D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRAGA, José Carlos de Souza; PAULA, Sergio Góes de. **Saúde e previdência: estudos de política social**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRAZ, Márcio. Inserção desvantajosa, atraso e subordinação das políticas de desenvolvimento na economia. In: **Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Piauí**. v. 1, n. 12. Teresina: UFPI, 2007. p. 3-14.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRESCIANI, Maria Stella. **As sete portas da cidade**. Espaço e Debate. São Paulo, NERU, n. 34, 1991. p. 10 *apud* NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Sentimento e Ressentimentos em cidades brasileira. Teresina: EDUFPI; Imepretriz: ética, 2010, p.185.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- CAMPELO, Viriato. (Org.). **A Saúde Pública no Piauí de 1941 a 1991**. Teresina: EDUFPI, 2013.

CARVALHO, Inaiá Maria M de. **O Nordeste e o regime autoritário**. São Paulo: HUCITEC/SUDENE, 1987.

CARVALHO, Luana Pachêco Faria de. **Teresina**: o cartão postal de boas vindas do Piauí – Modernização de Teresina e os migrantes na década de 1970. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) Universidade Federal do Piauí, 2010.
Censo Demográfico. *IBGE*, 1970.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**, 1998.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril** – Cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. In: **Fronteiras**, Dourados-MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
EARP, Fábio Sá. PRADO, Luíz Carlos Delorme. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973) In: . FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (OrgS.) **O tempo da ditadura**: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ENGEL, Magali Gouveia. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 24 e 25.
Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica**: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. ed Rio de Janeiro: Graal. 1984.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GOODWIN JUNIOR, James William. Anunciando a civilização: imprensa, comércio e modernidade fin-de-siècle em Diamantina-MG In: *Projeto História*: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n. 3, dez 2007. p.97- 117. São Paulo: EDUC.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2 ed. São Paulo: Vértice, 1990.

HESPANHOL, Alberto Pinto; COUTO, Luciana; MARTINS, Carlos. A Medicina Preventiva In: *Revista Portuguesa Clinica Geral* – Dossiê: A ética em MGF. P. 49-64.

JÜRGEN, Habermas. Mudança de função política da esfera pública In: **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Trad. de Fábio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LIMA, Albert Aurélio. **DO PRELO AO OFF-SET**: modernização e práticas dos jornais escritos em Teresina na década de 1970. 2013. 67 pags. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) - UFPI, Teresina, 2013.

LONGHI, Carla Reis. Vigilância e visibilidade: estratégias de controle da ditadura civil-militar In: **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 15, n. 22, 2014, p. 92-113.

LUCA, Tânia Regina de. História do, no e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LUNA, Francisco Vidal. KLEIN, Herbert S. Mudanças sociais no período militar (1964-1985) In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MARTINS, Alexandre Cotovio. **Medicina curativa, medicina paliativa, regimes de ação e modalidades de constituição do laço social entre médico e doente: uma breve abordagem**. Disponível em: <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/736/1/Medicina%20curativa.%20medicina%20paliativa.%20regimes%20de%20ac%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 10/02/2015 as 09:10 hr.>. Acesso em: 10 fev. 2015.

MATOS, Patrícia de Oliveira. Análise dos Planos de Desenvolvimento elaborados no Brasil após o II PND. Dissertação (MESTRADO EM Ciências) – Universidade de Piracicaba. Piracicaba, 2002. p. 46 e 47.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTE, Regianny Lima. **A cidade esquecida**: (res)sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

MONTE, Regianny Lima. **Teresina dos anos dourados aos anos de chumbo**: o processo de modernização e a intervenção do Estado autoritário. Relatório do Projeto de Iniciação Científica

PIBIC-CNPQ (2006-2007) sob a orientação do prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento. Teresina, ago. 2007.

MOVIMENTO Sanitário Brasileiro na Década de 70: a participação das universidades e dos municípios – memórias. Brasil. Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde Distrito Federal/Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde – Brasília: Conasems, 2007, p. 33.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. O olhar do outro sobre os pobres urbanos de Teresina na década de 1970. In: **Anais do X encontro de história oral-Testemunhos**: História e Política. Recife, 2010.

NIERE, Sâmia de Brito Cardoso. História da propaganda e da publicidade no Piauí. In.: **Cadernos de Teresina**, v. XVIII, n. 38. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ago. 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma História Cultural do urbano. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

POLIGNANO, Marcus Vinícius. **História das políticas de saúde no Brasil** - Uma pequena revisão. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgkO4AE/historia-das-politicas-saude-no-brasil-16-030112-ses-mt-d?part=5>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

PRADO, Luiz Carlos Delorme e EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973) In: FERREIRA, Jorge ; DELAGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). **O Brasil republicano** - O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

RAMOS, Francisco Ferreira. **Memorial do Hospital Getúlio Vargas**: Contexto histórico-político-econômico-sócio-cultural (1500-2000). Teresina: Gráfica do povo, 2003.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 12.

SARRETA, Fernanda de Oliveira. As Políticas Públicas de Saúde In: **Educação permanente em saúde para os trabalhadores do SUS** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 248 p. Disponível em : <http://livros.universia.com.br/?dl_name=Livros_Academicos/Educacao-Permanente-em-Saude-para-os-trabalhadores-do-SUS.pdf> Acesso em: 05 fev. 2014.

SILVA, Alberto Carvalho da. De Vargas a Itamar: políticas e programas de alimentação e nutrição In: **Estudos Avançados**. v. 9, n. 23. São Paulo: jan-abr, 1995.

TORRES NETO, Elias. CAMPELO, Viriato. O Planejamento Governamental e o Setor Saúde In: CAMPELO, Viriato. (Org.). **A Saúde Pública no Piauí de 1941 a 1991**. Teresina: EDUFPI, 2013.

VASCONCELOS, Lia. Urbanização: Metrôpoles em movimento In: **Desafios do Desenvolvimento**. Brasília v. 3. 22 ed., 5 mai. 2006.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

JORNAIS

A Hora. Teresina, [s.p.], 17 out. 1971. Caderno de Domingo.

A Hora. Teresina, [s.p.], 17 out. 1971. Caderno de Domingo.

A Hora. Teresina, p. 1, 15 ago. 1974.

A Hora. Teresina, p. 1, 18 ago. 1974.

A Hora. Teresina, p. 1, 18 ago. 1974.

A Hora. Teresina, p. 5, 10 abr. 1973.

A Hora. Teresina, p. 5, 10 abr. 1973.

ÁGUA poluída provoca tifo e lavadeiras. **O Dia**, p. 5, 16 mai 1974.

AQUI se vende até a sujeira. **O Dia**. p. 2., 20 jun. 1974.

CEM novos tuberculosos surgem por mês no Piauí. **O Dia**, p.1 7/8 nov. 1971.

CHEGARAM mais medicamentos para os pobres. **O Dia**, p. 8 18 mai. 1972.

COMBATE a meningite obedecerá plano nacional. **O Dia**, p.4, 26 jul 1974.

CONSULTÓRIO médico. **O Dia**. 17 out. 1971. Caderno de domingo, p. 2.

CONVÊNIO para cuidar dos dentes de 25 mil escolares da capital. **O Dia**, p.2 5 nov 1971.

DOENÇAS preocupam autoridades. **O Dia**, Teresina, v. XXIV, n. 4323, 5 out. 1975, p. 08.

EFEITO da meningite. **O Dia**. 09 e 10 jun 1974. Capa.

FRUTAS, legumes e falta de higiene. **A Hora**. Teresina, 17 out. 1971. Caderno de Domingo. [s.p.].

GOVERNO Joel Ribeiro implantou infraestrutura que garante o progresso ordenado de Teresina. **A Hora**. p. 7., 16 ago. 1974

HOSPITAL Getúlio Vargas: um complexo de saúde. **O Dia** , p. 3, 17/18 out. 1971.

JOEL diz aos vereadores que não faz obras para marcar seu nome. **A Hora**, [s.p.] 13 mar. 1973

JÚNIOR, Magalhães. Turismo: Teresina pede passagem. **O Dia**, Teresina, n. 3299. p. 1, 26 maio 1971.

LIMPEZA da cidade tem mais 30 homens. **O Estado**. p. 3., 20 jan. 1972.

MATERNIDADE São Vicente onde começa a existência. **O Dia** , p. 3, 17/18 out. 1971.

MATERNIDADE São Vicente onde começa a existência. **O Dia**, p. 03, 17/18 out. 1971.

MÉDICO TRANQUILIZA: meningite não ataca população do Piauí. O DIA. 26 jul 1974. p.5

MÉDICO, SAÚDE E PROGRESSO. O Dia 17/18 out 1971, caderno de domingo, p. 01.

MÉDICOS mostram no diálogo que não há surto de meningite. **O Dia**, p. 5, 13 set 1974.

MENINGITE ameaça todo o Estado. **O Dia**, p. 5, 29 mar 1974.

MENINGITE ataca mais quatro pessoas. **O Dia**, p.3, 10 set 1974.

MENINGITE já sob controle: Altos. **O Dia**, p. 5, 30 mar 1974.

MENINGITE: aplicação da vacina em estudo. **O Dia**, p. 4, 3 ago 1974.

MORRO do Querosene. **Jornal do Piauí**, p. 7, 11 jan. 1972.

Município procura suprir carência da Assistência Médica. **O Dia**, 17/18 out 1971, caderno de domingo, p. 2.

NÃO tem posto médico. Falta água. A difícil vida dos bairros de Teresina. **O Dia**, 30 ago. 1974, Caderno 2, p. 1.

NOVA maternidade não sai e continua precário o atendimento no HGV. **7 A hora**. abr 1973. p.5

O Dia. Teresina, [s. p.], 09 fev. 1973. p.5.

O Dia. Teresina, 03 out. 1971. Caderno de domingo. p. 1.

O Dia. Teresina, 17 out. 1971. Caderno de domingo, p. 2.

O Dia. Teresina, 17 out. 1971. Caderno de Domingo. p. 01

O Dia. Teresina, 17/18 out. 1971. Caderno de domingo. p. 03.

O Dia. Teresina, 17/18 out. 1971. Caderno de domingo. p. 03.

O Dia. Teresina, 17/18 out. 1971. Caderno de domingo. p. 3.

O Dia. Teresina, nº 3572, 15 mar 1972. Caderno Especial. [s.p.]

O Dia. Teresina, nº 3572, 15 mar 1972. Caderno Especial. [s.p.]

O Dia. Teresina, p. 05, 07 mai. 1972.

O Dia. Teresina, p. 05, 07 mai. 1972.

O Dia. Teresina, p. 1, 03 fev. 1973.

O Dia. Teresina, p. 1, 19 set. 1971

O Dia. Teresina, p. 1, 19 set. 1971.

O Dia. Teresina, p. 1, 19 set. 1971.

O Dia. Teresina, p. 1, 21 fev. 1972.

O Dia. Teresina, p. 1, 28 jun. 1972

O Dia. Teresina, p. 1, 30 ago 1974. Caderno 02.

O Dia. Teresina, p. 1, 7/8 mai. 1972.

O Dia. Teresina, p. 1, 7/8 nov. 1971.

O Dia. Teresina, p. 11, 31 mar./01 abr. 1974.

O Dia. Teresina, p. 11., 15 mar. 1973.

O Dia. Teresina, p. 2, 04 jul. 1974.

O Dia. Teresina, p. 2, 19 mar. 1972.

O Dia. Teresina, p. 2, 22 jun. 1974.

O Dia. Teresina, p. 2, 26 jul. 1974.

O Dia. Teresina, p. 2, 5 out. 1971.

O Dia. Teresina, p. 2., 20 jun. 1974.

O Dia. Teresina, p. 3, 20 ago. 1974.

O Dia. Teresina, p. 3, 3 jul. 1974.

O Dia. Teresina, p. 3, 6 ago. 1974.

O Dia. Teresina, p. 8, 10/11 fev. 1974.

O Estado. Teresina, p. 1, 28 jan. 1973.

O Estado. Teresina, p. 3, 20 jan. 1972.

O Estado. Teresina, p. 4, 30 abr. 1971.

RONDON vai vacinar 10 mil contra tuberculose. **O Dia**, p. 3 18 jan 1973.

SAÚDE terá mais de 900 milhões para assistência médica. **O Dia**, p. 2 19 mar. 1972.

SAÚDE traça as normas para a campanha contra tuberculose. **O Dia**, p. 5, 8 mai 1973.

SAÚDE. **O Dia**. 1/2/3 jan 1972. Caderno Especial. p. 1.

UM povo sadio pra desenvolver-se. **Jornal do Piauí**, p. 8, 15 mar 1972.

VACINAÇÃO contra pólio foi verdadeiro fracasso. **O Dia**, p.3, 23 ago 1974

VOZES da cidade – aspectos sociais e econômicos do Piauí. Fabrício de Arêa Leão. **O Dia**. p. 6. 09 mar. 1973.

ENTREVISTAS

DORALICE. Teresina 18 de jan de 2014. **Entrevista** concedida a Karlene Sayanne e Talita Kamache.

GONÇALVES, João Orlando Ribeiro. Teresina. 22 out. 2011. **Entrevista** concedida a Talita Kamache Rodrigues de Lima, 2011.

GONDINHO, Francisco de Assis Soares 2006. **Entrevista** concedida a Laércio Barros Dias e Regianny Lima Monte.

RIBEIRO, Joel da Silva. Teresina 5 dez. 2006. **Entrevista** concedida a Francisco Alcides do Nascimento, Laércio Barros Dias e Regianny Lima Monte, 2006.

SALMITO, Maria do Amparo. Teresina. 24 jun. 2014. **Entrevista** concedida a Talita Kamache Rodrigues de Lima.